



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**HISTÓRIA LOCAL E PATRIMÔNIO AMBIENTAL: A PRAIA DA ARMAÇÃO
COMO UM ESPAÇO DE MÉMORIA, ENSINO E EXPERIÊNCIA**

ANA CAROLINA SCHVEITZER

Florianópolis, fevereiro de 2013.

ANA CAROLINA SCHVEITZER

**HISTÓRIA LOCAL E PATRIMÔNIO AMBIENTAL: A PRAIA DA ARMAÇÃO
COMO UM ESPAÇO DE MÉMORIA, ENSINO E EXPERIÊNCIA**

Relatório de Estágio Supervisionado
apresentado como requisito para conclusão da
disciplina Estágio Supervisionado de História
III do Curso de Licenciatura e Bacharelado em
História da Universidade Federal de Santa
Catarina.

Estágio realizado na Escola Básica Dilma
Lucia dos Santos

Orientadora: Dra. Andréa Ferreira Delgado

Co-orientadora: Daniela Sbravatti

Florianópolis, fevereiro de 2013.

RESUMO

As disciplinas de Estágio Supervisionado são componentes do currículo de História da Universidade Federal de Santa Catarina. São três disciplinas que objetivam inserir o aluno de graduação no ambiente escolar através da pesquisa, da prática pedagógica e do relatório. O presente trabalho é resultado das experiências e reflexões feitas durante estas três disciplinas. Este relatório também abrange a proposta de Educação Patrimonial que criamos durante o estágio, desde as discussões teóricas até o currículo em ação.

PALAVRAS CHAVE

Prática docente – Educação Patrimonial – Ensino de História

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
1. A ESCOLA DILMA LÚCIA DOS SANTOS: UMA BREVE APRESENTAÇÃO	07
1.1 HISTÓRIA E ESTRUTURA.....	07
1.2 A HISTÓRIA ENSINADA NA ESCOLA DILMA LÚCIA DOS SANTOS.....	08
1.3 A ESCOLA E SEUS PROJETOS.....	10
1.3.1 Entorno Escolar	11
1.3.2 Rádio na Escola	11
1.3.3 Plantar e colher: um jeito de aprender	13
1.3.4 Programa de Reciclagem de Papel (PRO-REPA)	14
1.3.5 Os Projetos e a Escola	15
2. PROJETO DE ENSINO: “HISTÓRIA LOCAL E PATRIMÔNIO AMBIENTAL: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE HISTÓRIA”	16
2.1 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DE TRABALHO.....	16
2.2 METODOLOGIA DE ENSINO.....	20
2.3 AVALIAÇÃO.....	24
3. NOSSOS CAMINHOS: OS PLANOS DE AULA	26
3.1 MEIO AMBIENTE E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO.....	27
3.2 PRESENÇA DE AFRICANOS E AFRODESCENDENTES.....	34
3.3 MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	37
4. OS CAMINHOS PERCORRIDOS: O CURRÍCULO EM AÇÃO	43
4.1 MEIO AMBIENTE E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO.....	43
4.2 MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	48
4.2.1 As atividades e textos didáticos	49
4.2.2 O Trabalho de Pesquisa: A ressaca de 2010 na Praia da Armação	52
4.3 O ESTÁGIO SOB A PERSPECTIVA DOS ALUNOS.....	63
5. MEU ESTÁGIO OBRIGATÓRIO: DESAFIOS, VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS	65
BIBLIOGRAFIA	67
ANEXO – Planos de Aula	70

INTRODUÇÃO

Os Estágios Supervisionados de História são disciplinas que constituem o currículo do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). São três disciplinas de estágio com diferentes objetivos: o primeiro estágio busca conhecer a escola onde será realizada a prática pedagógica, o segundo estágio é realização da prática pedagógica, o terceiro estágio é destinado à análise desta prática. A escola onde realizamos o estágio está localizada no Bairro da Armação, em Florianópolis, e chama-se Escola Básica Dilma Lúcia dos Santos. A turma que ministramos aula foi a 7ª série.

Nosso estágio foi permeado com o desafio de elaborar uma proposta de Educação Patrimonial no ensino de História, relacionada com a História Local e o Programa de Extensão Santa Afro Catarina. Este programa foi criado em 2011 e é coordenado pelas professoras Andréa Ferreira Delgado e Beatriz Gallotti Mamigonian. O Programa Santa Afro Catarina visa promover a identificação, a valorização e a difusão do patrimônio cultural associado à presença dos africanos e afrodescendentes em Desterro, atual Florianópolis. A partir da pesquisa em arquivos pelo viés da História Social, o Programa elabora narrativas temáticas que vão constituir um *site* e promove roteiros históricos guiados na cidade de Florianópolis. Ao incorporar o estágio ao Programa Santa Afro Catarina, também efetivamos a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 por meio da abordagem da História dos Africanos e Afrodescendentes, de forma articula com a História Local.

Ao estudar a presença de africanos e afrodescendentes objetivamos que seu protagonismo social seja explicitado, visto que a historiografia há anos enfatizou a presença de imigrantes europeus na constituição da história catarinense. Para nosso estágio, relacionar a presença africana com a História Local e a Educação Patrimonial no Ensino de História possibilita o reconhecimento e a valorização das marcas da história e da memória dos africanos e afrodescendentes. Permite também refletir sobre quais são os lugares de memórias hoje em Florianópolis, o que é valorizado e por qual motivo é ou foi valorizado.

Durante os três semestres de Estágio, nos aproximamos da instituição escolar, aprendendo e questionando o que observamos e vivenciamos. O presente trabalho é resultado destes três estágios, e visa apresentar minhas vivências e experiências como professora em formação inicial.

Essas vivências e experiências foram divididas em cinco capítulos: “a Escola Dilma Lúcia dos Santos: uma breve apresentação”, “Projeto de Ensino: História local e patrimônio ambiental: uma proposta de educação patrimonial”, “Nossos caminhos: os planos de aula”,

“Os caminhos percorridos: o currículo em ação”, “Meu estágio supervisionado: desafios, vivências e experiências”.

No primeiro capítulo será apresentada a Escola Dilma Lúcia dos Santos, onde foi realizado o estágio. Comentarei sobre os diferentes projetos criados na Escola, seu Projeto Político Pedagógico, sua estrutura. Para isso utilizarei a pesquisa realizada durante o Estágio I, que visava promover a inserção dos alunos na Escola por meio da prática de pesquisa; entrevistas realizadas por mim e por colegas com membros do corpo docente, da administração e alunos. O cotidiano na Escola Dilma Lúcia dos Santos será o tema deste capítulo.

O segundo capítulo é composto pelo Projeto de Ensino que fundamentou a elaboração dos Planos de Aula (em Anexo), este foi elaborado por mim e por meu colega Luis Fernando Bernardi Junqueira, pois constituímos uma dupla durante o Estágio I e II¹. No Projeto de Ensino apresentamos e discutimos nosso eixo temático, meio ambiente e educação patrimonial, articulando com reflexões de nossas observações no estágio, com considerações acerca do conhecimento histórico escolar e da metodologia de ensino de história que foi adotada. Delineamos no Projeto de Ensino também a avaliação, os objetivos do conjunto de atividades e dos planos de aula que foram elaborados.

O capítulo três destina-se a apresentar os Planos de Aula e, principalmente, o material didático que elaboramos para efetivar o Projeto de Ensino durante a prática pedagógica. Optei por dividi-los em três eixos: “Meio Ambiente e Ocupação do Espaço”, “Meio Ambiente e Educação Patrimonial” e “Presença de Africanos e Afrodescendentes”. Apresentarei os textos didáticos e as atividades elaborados, a metodologia desenvolvida e as estratégias didáticas que foram criadas. Em especial, vou expor o Trabalho de Pesquisa criado visando elaborar uma proposta de Educação Patrimonial a ser desenvolvida durante a Regência, visando auxiliar aos alunos na construção da sua percepção histórica do mundo, reconhecendo, apropriando e valorizando a cultura local.

No capítulo quatro abordarei o currículo em ação, ou seja, analisarei a prática docente a partir da discussão do cotidiano da sala de aula e as atividades dos alunos. Apresentarei trechos das atividades, comentários dos alunos durante as discussões em aula, para assim poder mostrar como os eixos foram desenvolvidos nas aulas do estágio. Também vou expor trechos dos comentários escritos pelos alunos sobre a experiência de estágio, visando apontar a suas percepções.

¹ Meu colega não cursou a disciplina de Estágio III na mesma turma e, por isso, este relatório foi elaborado individualmente.

O último capítulo é uma escrita autobiográfica, onde comento sobre a experiência de estágio abordando minhas vivências, dificuldades, o Diário de Aula elaborado durante a prática docente, meus conflitos, minhas indagações. Este é um depoimento pessoal sobre o “meu” estágio, sobre a relação desta minha experiência com a minha formação como professora.

Num texto de Andrea Montellato e Conceição Cabrini sobre ensino de História, as autoras comentam que os novos métodos de ensinamentos, especialmente o uso da História Temática, possibilitam o professor-historiador escolher “um tema que será usado como uma janela para o mundo”². Não só o tema norteador das aulas, mas a própria disciplina de História torna-se uma janela para o mundo, quando possibilita aos alunos conhecimentos, indagações sobre a sua realidade e os estimula a se perceberem como sujeitos históricos.

Acredito que as disciplinas de Estágios Supervisionados também são “janelas para o mundo”, ao nos instigar a questionar e nos fazer perceber como produtores de conhecimentos; ao nos fazer indagar a realidade do ensino de história hoje e nos propor questionar novas práticas para as metodologias estudadas nas disciplinas de graduação. E, principalmente, ao orientar nossa prática pedagógica e nos transformar professores.

É a construção desta “janela para o mundo” que compartilho, reflito e discuto nos próximos cinco capítulos.

² MONTELLATO, Andrea. CABRINI, Conceição Aparecida. A história como uma janela para o mundo. **Revista de História**. Disponível em: < <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/a-historia-como-uma-janela-para-o-mundo>>. Acesso 06 fev. 2013.

1. A ESCOLA DILMA LÚCIA DOS SANTOS: UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Antes de iniciar a discussão do nosso projeto de ensino e nossas concepções sobre o ensino de História, apresentaremos a escola onde nosso Estágio foi realizado. Conhecemos a Escola Dilma Lúcia dos Santos durante o segundo semestre de 2011, quando realizamos o Estágio Supervisionado I. Neste momento, nós e os demais colegas da turma de Estágio desenvolvemos pesquisas sobre a inserção dos alunos na Escola, a história ensinada na Escola, a gestão da Escola e também sobre o bairro da Armação, local onde a Escola está localizada. Este capítulo é resultado destas pesquisas realizadas durante o Estágio I.

Conhecer a escola foi uma etapa fundamental para poder elaborar o Projeto de Ensino e os Planos de Aula. Apesar de a Escola integrar a Rede Municipal de Florianópolis, ela possui especificidades, devido ao local onde está localizada, aos projetos criados pelo corpo docente e também devido a sua história. Buscamos apresentar aqui a Escola Dilma Lúcia dos Santos que conhecemos durante o ano de 2011 e 2012: sua estrutura, seu Projeto Político Pedagógico, sua história, seu cotidiano e seus projetos.

1.1 HISTÓRIA E ESTRUTURA

A escola Dilma Lúcia dos Santos faz parte da rede municipal de Florianópolis e está localizada no bairro da Armação do Pântano do Sul. Foi criada em 1955, ainda como “Escola Isolada”, tendo apenas uma turma e uma professora. Somente no ano de 1971 foi construído um prédio destinado à escola. O prédio continha quatro salas, gabinete, secretaria, cozinha, pátio coberto e banheiros³. Neste período a escola se chamava Grupo Escolar Municipal Presidente Castelo Branco, atendia apenas até a 4ª série do ensino fundamental e tinha como diretora a professora Dilma Lúcia dos Santos.

Nos anos seguintes foi criado o Pré-Escolar, o Supletivo no turno da noite, bem como o Ensino Médio, este por regime de comodato com o Governo do Estado. Assim, com o passar dos anos, novos projetos foram criados e a escola passou a atender um número maior de pessoas da comunidade. A necessidade de uma ampliação para obter mais espaço e melhor estrutura foi crescendo. Em 2004, foi inaugurado o novo e atual prédio da escola. Além do

³ FLORIANÓPOLIS. Escola Básica Municipal Professora Dilma Lúcia dos Santos. **Projeto Político Pedagógico**. Florianópolis, 2010, p. 04.

novo prédio a escola passou a ter novo nome, Escola Básica Municipal Professora Dilma Lúcia dos Santos, em homenagem a uma diretora da escola.

O atual prédio da escola possui 14 salas de aula, duas Quadras Esportivas, Auditório, Biblioteca, Laboratório de Ciências, Sala de Artes, Sala de Informática, Oficina de Reciclagem, Secretaria, Salas da Direção e Professores, Cozinha, Refeitório e Quadra Esportiva Coberta. Há também espaços destinados aos projetos criados na escola, como a Rádio e a Horta⁴. São, portanto, diferentes espaços de aprendizado e sociabilização.

No ano de 2010, segundo seu Projeto Político Pedagógico, a Escola atendia cerca de 660 alunos, no turno matutino e vespertino⁵. A atual diretora é Grasiela Alexandrina da Silveira.

1.2 A HISTÓRIA ENSINADA NA ESCOLA DILMA LÚCIA DOS SANTOS

A história ensinada na Escola Dilma Lúcia dos Santos reflete as concepções de escola que estão registradas no seu Projeto Político Pedagógico (PPP). A preocupação da escola com o seu papel na formação de cidadãos está presente no seu PPP: “Tem-se o compromisso com uma educação que tem o objetivo de preparar os alunos para viverem em sociedade, tanto para o mundo do trabalho (enquanto profissão) como para o exercício da cidadania”. Tendo em vista também a realidade na qual a escola está inserida, o sistema capitalista atual, bem como as mudanças que ocorreram na comunidade nos últimos anos.

Neste momento de crise da sociedade capitalista, baseada nas relações contraditórias e excludentes do capital x trabalho, torna-se necessário à busca de uma educação e de uma concepção filosófica – pedagógica mais crítica, que dê conta de analisar o currículo sob a ótica desta realidade social. Portanto, como educadores, temos que ter como função, discutir com os alunos como funciona esta sociedade e como as crises do capitalismo estão levando cada vez mais os homens desta época à perda de suas vidas.⁶

É possível perceber no trecho citado que a Escola é definida como conjunto de educadores que devem discutir a sociedade com os alunos. A Escola é considerada como local de “transmissão, apropriação e produção do conhecimento”⁷. Ao expor o objetivo geral da

⁴ SCHVEITZER, Ana Carolina; JUNQUEIRA, Luis Fernando. **Organização e usos dos espaços da Escola Dilma Lúcia dos Santos**. Relatório de Estágio. Florianópolis, 2011, p. 01.

⁵ FLORIANÓPOLIS. Escola Básica Municipal Professora Dilma Lúcia dos Santos. **Projeto Político Pedagógico**. Florianópolis, 2010, p. 06.

⁶ Ibid., p. 07.

⁷ Ibid., p. 09.

Escola, no PPP, novamente a formação de um cidadão crítico é citada, ressaltando a função da escola na sociedade:

Promover a sistematização do conhecimento historicamente construído, oportunizando a permanência e o acesso, contribuindo para a formação de um cidadão crítico – participativo.⁸

Também no planejamento anual de História a formação de cidadão crítico é registrada nos objetivos. A participação dos alunos como sujeitos que devem ser motivados a questionar e refletir são concepções presentes neste planejamento:

Os conhecimentos a serem trabalhados devem partir dos questionamentos dos alunos, que ao compreenderem o que é História, se percebem como produtores e sujeitos da História – considerando que o conhecimento não se restringe apenas a marcos consagrados, mas a todo conhecimento acerca do modo de vida dos seres humanos.⁹

Percebe-se, ao analisar o PPP, que a história ensinada na Escola Dilma está em consonância com os debates atuais do Ensino de História, pois visa estimular os alunos a se perceberem como sujeitos históricos, refletir e indagar os conhecimentos. Também o ensino de História da África compõe o planejamento da disciplina de História ensinada na Escola. A diversidade dos povos, as religiões, também as relações África e Brasil são os temas abordados no planejamento.

No segundo semestre de 2011, durante o Estágio Supervisionado I, os alunos Icles e Rodrigo realizaram uma pesquisa sobre o ensino de História nos anos iniciais e finais do ensino fundamental na Escola Dilma Lúcia dos Santos. Icles e Rodrigo identificaram que há uma relação entre a história ensinada na escola com a proposta dos PCNs¹⁰. Entre os objetivos comuns estão: auxiliar os alunos para que se identifiquem como sujeitos do processo histórico, refletindo sobre a realidade em que vivem e aprendendo a questioná-la. Os professores da disciplina de História da escola optaram por escolher livros que tem como eixo a História Temática.

Rodrigo Andrade e Icles Rodrigues analisaram as coleções “*Asas para Voar*” e “*História Temática*”, destinadas, respectivamente, aos anos iniciais e finais do Ensino

⁸ Ibid, p. 09.

⁹ Ibid, p.212.

¹⁰ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História** Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Fundamental, cotejando com outros documentos. Assim, concluíram que “não existem grandes diferenças entre os currículos formais de História que selecionamos (PCNs, Proposta Curricular e PPP da escola), inclusive nos livros didáticos analisados, estes se assemelham muito as propostas da escola”¹¹.

A Escola Dilma Lúcia dos Santos está integrada a Rede Municipal de Florianópolis, assim seu PPP também dialoga com a Matriz Curricular do município. Os objetivos e as habilidades a serem desenvolvidos nas aulas de história segundo a Matriz Curricular são semelhantes às propostas do PPP da escola: compreender as diferentes concepções de tempo; construir a noção de sujeito histórico, individual e coletivo; perceber as diferenças culturais entre os povos estudados¹². As atividades e os planos de ensino que estão contidos no PPP da escola também dialogam com esses objetivos.

1.3 A ESCOLA E SEUS PROJETOS

Durante o segundo semestre de 2011, realizamos uma pesquisa buscando conhecer as experiências escolares e práticas de protagonismo dos alunos na Escola Básica Dilma Lúcia dos Santos. Primeiro, fizemos uma pesquisa na Internet, também no PPP da Escola e em outros documentos. Também visitamos a Escola, conhecendo os diferentes espaços e seus usos. Percebemos, então, que a Escola tinha muitos projetos e eram estes os espaços que possibilitam o protagonismo dos alunos.

Como optamos pela História Oral como metodologia de pesquisa, elaboramos diferentes roteiros para entrevistar quatro professoras da Escola: a professora Nildes que atualmente coordena o projeto “Rádio na Escola”; a professora Zenaide que na época da entrevista era responsável pelos projetos “Entorno Escolar” e “Rádio na Escola”, enquanto que atualmente coordena apenas o primeiro projeto; a professora Márcia responsável pelo “PRO-REPA”, e a professora Suzana responsável pelo projeto “Plantar e colher: um jeito de aprender”. Durante as entrevistas conseguimos observar a participação dos alunos nos projetos e também entrevistamos dois alunos que participam de alguns dos projetos da Escola.

Através das entrevistas e das informações retiradas do PPP da Escola identificamos que os projetos promovem o protagonismo dos alunos e também a interação com a comunidade. A seguir apresentaremos quatro projetos da Escola: “Entorno Escolar”, “Plantar

¹¹ RODRIGUES, Icles; ANDRADE, Rodrigo Prates de. **A História Ensinada na Escola Básica Dilma Lúcia dos Santos: Anos Iniciais e Finais**. Relatório de Estágio. Florianópolis. 2011, p. 16.

¹² FLORIANÓPOLIS. **Matriz Curricular**. Ensino Fundamental de 9 anos. Florianópolis, 2011, p. 106 -108.

e Colher um jeito de aprender”, “Rádio na Escola”, “PRO-REPA: Programa de Reciclagem de Papel”.

1.3.1 Entorno Escolar

O projeto “Entorno Escolar” é coordenado pela professora Zenaide Rodrigues, professora de geografia readaptada. Este projeto foi criado no ano de 2005 e vem discutindo questões referentes ao espaço onde se localiza a escola. A reivindicação do terreno que fica ao lado da Escola para área pública, transformando em espaço pra cultura, lazer e preservação¹³. Dentre seus objetivos estão a “transformação da área do entorno da E.B.M. Profª. Dilma Lúcia dos Santos em área pública para a educação e conservação ambiental, atividades desportivas, lazer, convivência social, preservação da história e cultura local”¹⁴. Objetiva também a conscientização da ocupação e uso do espaço, bem como a reflexão sobre o uso do mesmo.

O Projeto “Entorno Escolar” envolve não somente os alunos e professores, mas também busca a atuação e mobilização da comunidade. Isso ocorre através de alguns “passos” delimitados durante o projeto. O primeiro é o convencimento do Professor, este passa para o aluno que envolve seus pais e assim a comunidade. Um dos resultados do Projeto “Entorno Escolar” foi a coleta de 2500 assinaturas durante o Fórum em Defesa da Área Pública do Entorno Escolar. Como relata a professora Zenaide, em entrevista concedida no dia 23 de fevereiro de 2012:

Bom a gente conseguiu o apoio de todas as entidades do bairro, que vieram participar nesse dia do Prefeito, então a Associação de Surfista, O Conselho Comunitário, Associação dos Pescadores, todos os representantes, por isso que a gente teve sucesso quando veio o Prefeito aqui em 2008.¹⁵

Mobilizar a comunidade sobre o espaço onde está localizada, refletindo sobre os usos deste espaço, assim também discutindo a educação ambiental são as principais características do projeto Entorno Escolar.

1.3.2 Rádio na Escola

¹³ Entrevista com a professora Zenaide Rodrigues, realizada por Letícia Godim, no dia 23 de fevereiro de 2012.

¹⁴ GODIM, Letícia. Histórico do Projeto Entorno Escolar- Escola Dilma Lucia dos Santos. Florianópolis: 2012. p.01.

¹⁵ Entrevista com a professora Zenaide Rodrigues, realizada por Letícia Godim, no dia 23 de fevereiro de 2012. p. 10.

Outro projeto é o “Rádio na Escola”, este vem sendo desenvolvido na escola desde 2009. Tudo começou quando a ONG Afro Catarina doou equipamentos de rádio para a escola. O projeto da rádio já foi coordenado por uma professora de música durante o ano de 2009, em 2010 a professora Zenaide Rodrigues assumiu o projeto e atualmente é coordenado pela professora Nildes Macedo Lage.

Em 2011, realizamos uma entrevista com a professora Zenaide, então coordenadora, com o intuito de conhecer sua concepção deste projeto. Zenaide contou como a falta de apoio da prefeitura dificultava o desenvolvimento do projeto. Não somente falta de apoio financeiro, mas também a falta de uma formação para professores sobre como utilizar a rádio na escola.

A professora também relatou o modo como a Rádio é apropriada na escola é diferente da vertente proposta pela prefeitura:

A proposta nossa da escola, e minha mais em particular, porque a prefeitura dá mais um direção, ela direciona que todos professores usem a radio em sala de aula, tanto o professor de geografia, história, só que nessa linha é mais difícil. [...]Então tem a vertente da prefeitura e a nossa, que é de ter um professor na radio, responsável pela rádio que auxilia a formação de monitores que vão auxiliando o ensino de outros alunos para fazer uma programação diária né.¹⁶

Interessante perceber, na fala da professora, a autonomia do projeto. As dificuldades enfrentadas para realizar a proposta da prefeitura fez com que outra proposta fosse criada. O pouco tempo que o professor tem com os alunos em sala de aula justifica, segundo a professora Zenaide, a mudança de proposta.

Foram entrevistados também dois alunos que estavam no projeto “Rádio na Escola”. Perceber como os alunos se relacionam com os projetos e com os professores coordenadores dos mesmos ajuda a entender também a abrangência do projeto. Na entrevista com o aluno Yuri, que participa da rádio desde 2010, ele declarou que a rádio trouxe benefícios para o seu desempenho: “eu aprendi a mexer nos aparelhos, a mexer nos programas do computador, a gravar os programas, aprendi a fazer texto bom. Aprendi a conversar”¹⁷.

A professora Zenaide também comenta o papel dos alunos no projeto: “o projeto é para fazer uma interação com a sala de aula, primeiro com o aluno, que ele se sinta que ele é a radio, o que é mais difícil, que o espaço é dele e que ele deve ir se apropriando, é um espaço a

¹⁶ Entrevista com a professora Zenaide Rodrigues, realizada por Ana Carolina Schweitzer e Luís Fernando Junqueira, no dia 16de novembro de 2011.

¹⁷ Entrevista com o aluno Yuri, realizada por Ana Carolina Schweitzer e Luís Fernando Junqueira, no dia 16de novembro de 2011.

mais que ele tem na Escola”. Assim, através do projeto os alunos podem desenvolver novas habilidades e também são estimulados para múltiplas aprendizagens. Como o caso do aluno Gustavo, que participa do projeto da rádio desde 2010 e a melhora em seu desempenho foi comentada pelos professores durante o Conselho de Classe, conforme dito pela professora Zenaide durante a entrevista.

1.3.3 Plantar e colher: um jeito de aprender

Este projeto, coordenado pela professora Suzana Pauli, está relacionado à horta e teve início em 2009, embora o trabalho com a horta já ocorra desde quando a Escola funcionava em outro local. Antes da criação do projeto, a horta esteve voltada para produção: as cozinheiras e seu Osni, responsável pela manutenção dos espaços da escola, utilizavam a horta para fins exclusivamente alimentícios, como um complemento na merenda escolar. A horta não era utilizada para fins educativos. Apesar da dificuldade em lembrar-se das datas, a professora Suzana afirmou que o trabalho na horta é antigo, embora apenas há alguns poucos anos é que a Escola entrou num projeto maior, da rede municipal, chamado “Horta Viva” e então começou a ter uma ligação mais forte com a Secretaria de Educação de Florianópolis e com outras escolas também interessadas no projeto¹⁸.

Segundo a professora Suzana, através deste projeto busca-se

Na horta a gente faz uma abordagem multidisciplinar, transdisciplinar, enfocando muito a questão de educação. Ambiental. Tem a questão da alimentação, a produção desse alimento, o impacto desse alimento, o espaço do alimento não saudável em nosso corpo. O respeito aos outros seres vivos, porque nós temos uns animais muito pouco atraentes então é uma coisa que gosto de trabalhar, a relação com os outros seres e entre nós humanos, porque vai surgindo muitos focos de tensão pela proximidade corporal, porque é um momento de mediar esses conflitos. Porque você planta a comida para o corpo, o conhecimento pra mente e a virtude para o espírito, o ser social.¹⁹

Logo, há um novo olhar para a alimentação, para o alimento e também para o próprio corpo. Na horta os alunos usualmente trabalham na manutenção, preparo de mudas, plantio, conteúdos relacionados à alimentação e outras questões ambientais. Segundo a professora, está sendo planejado no projeto oficinas de compostagem, mas a forma mais recorrente de trabalhar é quando a professora Suzana conversa diretamente com o professor responsável

¹⁸ Entrevista com a professora Suzana Pauli, realizada por Ana Carolina Schweitzer e Luís Fernando Junqueira, no dia 18 de novembro de 2011.

¹⁹ Idem.

pela turma e leva os alunos até a horta, não tendo necessariamente alguma ligação com o que está sendo trabalhado na sala de aula.

Contudo, ela constantemente narrou ao longo da entrevista a dificuldade em se trabalhar com a horta nos anos finais do Ensino Fundamental (5º ao 9º ano), sendo que até o momento o projeto está restrito apenas aos anos iniciais (1º ao 4º ano), embora esse não seja o objetivo. Nos anos finais, com o isolamento das disciplinas torna-se um desafio aos professores organizarem algo interdisciplinar devido a carga horária elevada que possuem – muitos dão aula inclusive em mais de uma escola – e também pelo pouco contato que eles estabelecem uns com os outros no decorrer do ano.

Esse aspecto também foi comentado pela professora Zenaide durante a entrevista sobre o projeto “Rádio na Escola”, o pouco tempo que os professores dos anos finais têm com os alunos em sala de aula. Ambas concordam que isso atrapalha os projetos, pois novas ideias poderiam ser criadas e partes dos projetos poderiam ser apropriados em sala de aula.

1.3.4 Programa de Reciclagem de Papel (PRO-REPA)

O Programa de Reciclagem de Papel (Pro-Repa) foi criado há dois anos, embora a ideia em trabalhar com reciclagem esteja presente na escola desde 1995. É coordenado pela professora Márcia Regina da Cunha, que atua na escola desde 1990. Esse projeto de reciclagem identifica a Escola, visto que houve toda uma mobilização durante a construção da nova escola para que aquele espaço fosse criado e destinado ao PRO-REPA.

O Programa não funciona como uma disciplina isolada no currículo, mas como um trabalho que tem como pretensão atingir todas as crianças, de dentro e de fora da escola. Com os anos iniciais, o programa funciona especialmente como um apoio aos professores e fazendo parte do próprio currículo, enquanto com os alunos dos anos finais é realizado no contra turno – já que seria difícil integrá-lo no currículo formal.

No programa são desenvolvidos trabalhos com sucata, papel e artesanato, mas a professora Márcia constantemente lembrou-se durante a entrevista que o objetivo não é sair das oficinas com o objeto pronto, não é o objeto final em si, visto que o importante é o processo de sua produção²⁰.

A professora também comenta que “falar da reciclagem que não é uma coisa tão simples não. Mesmo trabalhando tantos anos aqui ainda tem gente jogando lixo no chão. Eles

²⁰ Entrevista com a professora Márcia Regina da Cunha, realizada por Ana Carolina Schweitzer e Luís Fernando Junqueira, no dia 18 de novembro de 2011.

tenham que reproduzir, essa é a função deles, reproduzir em casa”²¹. Percebe-se que o intuito da professora Márcia é que os alunos vão além das próprias criações, refletindo sobre o uso do “lixo”. Além disso, muitas vezes a reflexão feita pela professora com os alunos no Projeto fica presa “nos muros da escola”, as ideias nem sempre chegam às famílias e à comunidade.

1.3.5 Os Projetos e a Escola

Para criar os roteiros de entrevistas necessitávamos de informações sobre os projetos e percebemos que para grande parte deles só encontramos disponíveis as informações registradas no PPP da Escola. Percebemos isso em todos os projetos: a falta de material escrito sobre o projeto, o funcionamento, as modificações feitas desde o momento da elaboração até os dias atuais. Todas estas informações nós tivemos de buscar nas entrevistas e por isso elas foram tão importantes.

Todas as professoras, exceto a professora Márcia, são readaptadas, ou seja, não exercem a função de professoras em sala de aula, foram relocadas para outra função dentro da Escola, devido problemas de saúde. Isso possibilita que todas dediquem 20 horas semanais ao projeto que coordenam. No entanto, conforme a própria professora Zenaide, suas condições de saúde impossibilitam que ela possa comparecer na escola no turno matutino e, por isso, a rádio só funciona à tarde.

A pouca participação dos demais professores da Escola nos projetos é comentado pela professora Márcia, assim como pelas professoras que coordenam os projetos da Horta e da Rádio. Todas ressaltam a importância da interdisciplinaridade e como os projetos poderiam contribuir nos conteúdos de sala de aula.

Os projetos possibilitam que os alunos tenham a opção de decidir o que querem fazer, conferindo autonomia a eles. Também permitem que os alunos estejam no contra turno na Escola, aprendendo e vivenciando outras experiências. A aproximação do aluno com a Escola e com os professores é outro ponto positivo apontado durante a entrevista com a professora Zenaide.

A Escola Dilma Lúcia dos Santos tem uma história com mais de 50 anos, e os projetos que apresentamos acima fazem parte desta história. Alguns projetos foram criados pela Escola e somente depois veio o apoio da Prefeitura, como no caso da Horta e da Rádio.

²¹ Idem.

2. PROJETO DE ENSINO: “HISTÓRIA LOCAL E PATRIMÔNIO AMBIENTAL: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE HISTÓRIA”

O primeiro passo antes de elaborarmos nossos Planos de Aula é discutir nossas concepções sobre o Ensino de História. A construção do Projeto de Ensino é o momento onde debatemos e refletimos sobre as observações na Escola, o estudo historiográfico, o conhecimento histórico escolar e a metodologia de ensino de história.

Nosso Projeto propõe abordar o ensino de História articulando a história local, patrimônio ambiental e a presença dos africanos e afrodescendentes na antiga Freguesia Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha (onde hoje se localiza o bairro da Armação), em Desterro, atual Florianópolis. Assim, nossa proposta é discutir sobre os usos do espaço da Praia da Armação. O Projeto está de acordo com a lei 10.639/03, que orienta para o ensino de conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira e o decreto 3.551, de 4 de agosto de 2000, que criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial.

Buscamos problematizar a ocupação do espaço da praia em diferentes momentos e instigar a reflexão da Praia da Armação como um patrimônio ambiental, local de registro do passado e de memória. É nesse sentido que a presença de escravos em Desterro será contemplada ao abordarmos as experiências de escravidão no sul da Ilha, principalmente na Armação baleeira da Lagoinha.

Optamos por dividir este capítulo em três partes: a apresentação da proposta de trabalho onde delineamos nosso eixo temático e os conceitos a serem trabalhados nos Planos de Aula; a metodologia de ensino, onde expomos os autores com que dialogamos e as metodologias que irão compor os Planos de Aula; por fim, iremos problematizar como será realizada a avaliação dos alunos durante o Estágio.

2.1 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DE TRABALHO

No primeiro capítulo citamos a pesquisa realizamos durante a disciplina de Estágio Supervisionado I, sobre os projetos da Escola Municipal Dilma Lúcia dos Santos. Percebemos que o tema meio ambiente é trabalhado em diferentes projetos: “PRO-REPA - Programa de Reciclagem de Papel”, “Plantar e colher: um jeito de aprender” (Horta na escola) e “Projeto Entorno Escolar”. Deste modo, ao refletirmos sobre a proposta de uma educação patrimonial para o presente projeto, consideramos o quanto o tema meio ambiente está presente na escola.

Com isso, pretendemos problematizar sobre o uso do espaço da Praia da Armação através do conceito de patrimônio ambiental. Para isso, iremos discutir em nossos Planos de Aula os conceitos de natureza e meio ambiente. Concordamos com Gilmar Arrumado, quando este afirma que:

não é possível admitir que esta natureza, que teria sido a base da construção da nação, assumiu os mesmos significados para os grupos sociais que a habitaram ou utilizaram-na desde os indígenas, passando pelos imigrantes, cafeicultores, grandes proprietários, posseiros até os ecologistas atuais. Nem mesmo pode-se imaginar que os significados atribuídos à natureza não tenham mudado ao longo dos anos.²²

A apropriação da natureza pela sociedade, bem como a representação da natureza se alteram para diferentes grupos e gerações. Nesse sentido, é problematizando a apropriação da natureza que pretendemos abordar o eixo do meio ambiente nas aulas a serem ministradas. Consideramos que a natureza é inseparável dos seres humanos, por isso discordamos da dualidade homem-natureza. Assim como o historiador Alfredo Ricardo Lopes, concordamos com a necessidade de abordar a natureza na história, pois “as relações dos seres humanos com a natureza são indissociáveis das relações que os seres humanos mantêm entre si”²³.

Nossa proposta é refletir que a análise do meio ambiente pode nos mostrar elementos do cotidiano e da intervenção humana durante diferentes momentos da história, por isso também pode também gerar bens a serem considerados patrimônios. Assim, o meio ambiente também pode ser um patrimônio ambiental.

Em seus estudos, Simone Scifoni e Wagner Ribeiro discutem a trajetória do conceito de patrimônio ambiental e pontuam duas diferentes definições de patrimônio ambiental. A primeira é quando o patrimônio é definido por um observador “alheio ao ambiente a ser preservado”, logo define o patrimônio a partir de “critérios técnicos, científicos ou de beleza cênica”. A segunda definição de patrimônio envolve a sociedade, considerando assim a “dimensão social que o define”²⁴.

²²ARRUDA, Gilmar. O Chão de Nossa História: Natureza, Patrimônio Ambiental e Identidade. **Patrimônio e Memória**. Assis, v. 2, n. 2, p.117-132, 14 dez. 2006. Disponível em: <http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v2.n2/home4.html>. Acesso em: 29 out. 2012, p. 121.

²³ LOPES, Alfredo Ricardo Silva. “**A Lagoa do Sombrio Corre que Desaparece**”: uma história ambiental da Degradação e o Atual Debate sobre a Preservação da Lagoa de Sombrio (1960-2010). 2011. Dissertação (Mestrado em História) - UFSC. Florianópolis. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0395-D.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2012, p. 5.

²⁴ SCIFONI, Simone; RIBEIRO, Wagner Costa. Preservar: Por que e para quem?. **Patrimônio e Memória**. Assis, v. 2, n. 2, p. 105-116, 14 dez. 2006. Disponível em: <http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v2.n2/home4.html>. Acesso em: 28 out. 2012, p. 105.

É esta segunda definição de patrimônio ambiental que compartilhamos neste Projeto de Ensino. Consideramos que o meio ambiente é “tanto testemunho da evolução de processos ecológicos e do meio físico, como resultado do processo histórico da apropriação social da natureza”²⁵. Com isso, reconhecemos que o espaço natural é social e espelha vivências da sociedade que o utiliza.

As aulas ministradas têm por objetivo a pesquisa e o ensino sobre os usos do espaço do bairro da Praia da Armação em diferentes recortes temporais, problematizando as relações entre homem e a natureza e o espaço como patrimônio ambiental, a partir de múltiplas formas de interação com a praia. Para isso, iremos estudar o trabalho escravo no período da pesca à baleia em Santa Catarina – final do século XVIII – e as modificações mais recentes verificadas na praia da Armação.

A historiografia produzida nos últimos anos problematiza a invisibilidade da presença africana em Santa Catarina, especialmente em Desterro (atual Florianópolis). A historiadora Beatriz Gallotti Mamigonian critica Oswaldo Cabral, Walter Piazza e Fernando Henrique Cardoso por mostrar a escravidão em Santa Catarina como diferente de outras regiões do país, e de menor importância do que nas regiões agroexportadoras²⁶. E assim como Ilka Boaventura Leite no livro “Negros no Sul do Brasil”, Beatriz Mamigonian afirma que essa interpretação auxiliou na divulgação da “imagem de uma região povoada predominantemente por europeus, cristalizada no senso comum, esconde a presença histórica de africanos e seus descendentes”²⁷.

Partindo desta crítica, nossa proposta é abordar a presença africana na Armação da Lagoinha localizada na antiga Freguesia Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha. Iremos tratar em nossas aulas sobre a estrutura desta armação baleeira, visto toda sua complexa organização, que abrangia engenho de farinha de mandioca; casa grande; casa dos tanques; engenho de azeite; armazém; senzalas; capela. Assim sendo, pretendemos estimular os alunos a reconhecer a pluralidade do trabalho livre e escravo em Desterro do final do século XVIII até a primeira metade do século XIX e também a compreender a dinâmica do mercado interno colonial e a importância de Desterro no abastecimento de grandes centros escravistas.

²⁵ Idem, p. 112.

²⁶ MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica (1750-1850). In: Frago, João Luis Ribeiro; Florentino, Manolo G.; Sampaio, Antonio Carlos Jucá; Campos, Adriana. (Org.). **Nas rotas do império: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português**. Vitória; Lisboa; Brasília: Ed. UFES; Instituto de Investigações Científicas Tropicais; CNPq, 2006.

²⁷ Idem, p. 615. LEITE, Ilka Boaventura (Org.). **Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Ilha de Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 1996.

Desmistificando, assim, a ideia de uma colonização europeia e demonstrando a expressiva presença de escravos em Desterro.

As relações presente-passado-presente serão feitas por meio da problematização da Ressaca que ocorreu na Praia da Armação em 2010²⁸. A partir da reflexão sobre as mudanças percebidas no espaço da praia ao longo dos anos, iremos discutir a ressaca ao estudar a Ressaca de 2010. No entanto, pretendemos ir além dos seus danos e refletir sobre as causas e os desdobramentos da Ressaca para a criação de um olhar crítico sobre a ocupação e o uso do espaço pelo homem.

O conceito de desastre socioambiental vem sendo discutido em trabalhos recentes no campo da história. Pesquisas desenvolvidas no Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental (LABIMHA) analisam desastres ambientais e as políticas públicas em Santa Catarina, e propõe compreender através da análise de discursos empregados em jornais, “como a própria significação da palavra ‘desastre’ se altera com o passar do tempo”²⁹. Simoni Mendes analisa em sua dissertação de mestrado as enchentes em Blumenau, nos anos entre 1850 e 1957, e emprega o conceito desastre socioambiental para o caso destas enchentes. Em seu trabalho a autora conclui que para ser utilizado o conceito de desastre socioambiental é necessário que haja “combinação de duas variáveis: naturais e sociais”³⁰.

Para o caso das enchentes em Blumenau, Simoni Mendes aponta como variáveis naturais os solos frágeis, o relevo acidentado. Já como variáveis sociais ela aponta o sistema de organização social, o desmatamento, canalização dos ribeirões entre outros. A autora também chama atenção para o fato que um fenômeno natural só é considerado desastre se este afeta uma comunidade. Percebemos que a ressaca na Praia da Armação também possui essas duas variáveis. Destacamos como naturais a maré, os ventos, a chuva; e como variáveis sociais a ocupação da área da praia, o uso da deste mesmo espaço, a retirada de areia. E serão estas variáveis que iremos discutir com os alunos durante as aulas.

A partir dos eixos que norteiam este projeto, pretendemos auxiliar a formação de um sujeito crítico, que possa questionar a sociedade em que vive. Para tanto, a abordagem da

²⁸ O que consideramos como Ressaca de 2010 foi uma série de ressacas que ocorreu na Praia da Armação, em Florianópolis. O avanço do mar na Praia iniciou em maio de 2010, causando a destruição de casas e modificando estrutura Praia, que perdeu os 50 metros de faixa de areia. Segundo jornais locais foram 1.803 pessoas afetadas e 21 desalojados.

²⁹ ESPÍNDOLA, Marcus Aurélio; FAGUNDES, Luis Guilherme; LOPES, Alfredo Ricardo Silva; **Desastres Ambientais em Santa Catarina: A perspectiva dos periódicos da segunda metade do século XIX até o início do século XX**. 2º Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações; set/2012; UFSC. Florianópolis: 2012.

³⁰ MENDES, Simoni. **A Construção sócio-cultural dos desastres ambientais em áreas de colonização alemã no sul do Brasil : o caso das enchentes em Blumenau (1850 - 1957)**. Florianópolis, SC, 2012. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, p. 45.

história local se faz necessária. Sílvia Correa, ao debater sobre a história local como campo historiográfico afirma que a “partir de novas abordagens historiográficas, estudos aprofundados sobre uma localidade podem contribuir para uma melhor compreensão da complexidade da realidade pretérita, superando assim um reducionismo econômico”³¹. Concordamos com Schmidt e Cainelli ao afirmarem que “trabalho com a história local pode produzir a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, criar suas próprias historicidades e identidade”³². Acreditamos que esta “inserção na comunidade” se dá também através das reflexões sobre o passado do local em que vive.

Ao estudar a presença dos africanos e afrodescendentes na antiga Freguesia Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha, a estrutura da Armação baleeira da Lagoinha, a Ressaca de 2010 que ocorreu na Praia da Armação, almeja-se instigar o aluno para a historicidade do meio que habitam.

2.2 METODOLOGIA DE ENSINO

Nossa experiência com disciplinas relacionadas ao ensino de História nos levou a refletir sobre a metodologia que será utilizada. Logo, para o processo de ensino-aprendizagem, temos como pressupostos que a experiência do aluno tem um papel fundamental para a abordagem dos conteúdos. Sabemos que a escola deve tornar acessível um conhecimento para que este possa ser divulgado, no entanto isso não significa que a escola ou a sala de aula são locais reprodutores de conhecimentos. Para nós, a escola é socializadora e produtora de conhecimentos e isso ocorrem através de cruzamentos complexos entre o conhecimento científico e os processos de ensino-aprendizagem. Alice Lopes define estes cruzamentos complexos como “mediação didática” e afirma:

O processo de mediação didática realizado pela escola implica, portanto, a facilitação do processo de ensino-aprendizagem da ciência. Essa facilitação tende a ser realizada por intermédio da banalização da ciência, da sua aproximação fácil e corriqueira com o universo do aluno. Nesse quadro se incluem muitos dos procedimentos de ensino que partem do concreto ao abstrato, bem como várias estratégias de ensino centradas no cotidiano.³³

³¹ CORREA, Sílvia Marcus de Souza. História local e seu devir historiográfico. **MÉTIS: história & cultura**. v. 2, n. 2, p. 11-32, jul./dez. 2002, p. 28.

³² SCHMIDT, Maria A.; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004, p. 113.

³³ LOPES, Alice C.; **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 1999, p. 228. Disponível em: http://www.sistemasconsultoria.com.br/mecm/artigos_livros_outros/ALICE_RIBEIRO_CASIMIRO_LOPES_livro_Conhecimento_escolar_ciencia_e_cotidiano.pdf. Acesso em 17 nov. 2012.

Não se trata apenas de uma transposição do saber científico para a sala de aula, mas sim uma mediação entre o saber histórico escolar e o saber científico. Acreditamos que o professor deve ter uma intervenção mediadora neste processo, despertando, motivando, orientando o aluno. Ou seja, abordando novos conhecimentos e também reconhecendo os conhecimentos trazidos pelos alunos.

Para incentivar que os alunos se vejam como sujeitos também produtores de história e de saber, consideramos importante utilizar fontes em nossas aulas. O uso de fontes no ensino de história pode propiciar diversas reflexões. Maria Auxiliadora Schmidt e Tania Garcia apontam alguns princípios que podem ser trabalhados através do uso de fontes em sala de aula, entre eles:

que a História é uma ciência com uma metodologia própria e que muda com o tempo; que o conhecimento do passado sempre é parcial e se dá a partir de testemunhos, muitas vezes contraditórios; que existem diversos níveis de análise sobre o passado, bem como diferentes construções conceituais, as quais se denomina historiografia; que os grandes modelos históricos são elaborações a posteriori, a partir de estudos parciais, locais e pontuais; que cada geração e cada indivíduo podem colocar novas questões ou criticar o discurso aceito; que existe uma continuidade conceitual entre Didática da História e a própria ciência histórica.³⁴

Além destes princípios, justificamos o uso de fontes em sala por acreditarmos também que auxilia no processo de ensino-aprendizagem ao “facilitar a familiarização do aluno com as formas de representação de realidades do passado e do presente”, desenvolvendo sua reflexão aproximando-o da análise histórica³⁵. Nesta perspectiva, não pretendemos transformar nossos alunos em pequenos historiadores, mas instigá-los a “desconfiar do documento” e vê-lo como uma construção do seu tempo, também desenvolver senso crítico, interpretação e análise a partir daquilo que leem, observam e vivenciam³⁶. De acordo com os princípios apontados pelas autoras, pretendemos utilizar tabelas sobre o trabalho escravo na Armação da Lagoinha, vídeo, jornais, imagens e trechos de entrevistas transcritas.

Para o trabalho com fontes em sala de aula, empregaremos a metodologia apresentada e discutida por Marlene Cainelli e Maria Auxiliadora Schmidt, que propõe que as fontes sejam analisadas a partir de “fases” ou etapas. Assim, num primeiro momento, devemos identificar o documento, classificá-lo como fonte escrita, oral, visual. Nesta etapa é necessário

³⁴ GARCIA, Tania Braga; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O trabalho histórico na sala de aula. **História & Ensino**. Londrina, v. 9, p.219-238, out. 2003, p. 231.

³⁵ CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora e. As fontes históricas e o ensino de história. In **Ensinar História**. São Paulo, Scipione, 2004, p. 94.

³⁶ SEFFNER, Fernando; PEREIRA, Nilton Mullet. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, dez. 2008, p.127.

localizar as palavras que os alunos possam ter dificuldade, bem como conceitos, também identificar o autor e a data de produção. A segunda etapa é a interpretação, onde faremos leituras pausadas observando cada informação que a fonte expõe. É neste momento que iremos contextualizar a fonte e confrontar os conhecimentos do aluno com aquilo que a fonte apresenta, as ideias registradas na fonte. A última etapa é análise, onde ocorre a crítica a fonte, relacionando as informações obtidas por meio da fonte com a contextualização e outras informações pesquisadas. Pretendemos, com isso, incentivar a indagação dos alunos, provocar reflexões e mobilizar o interesse para o conhecimento histórico.

Os textos didáticos serão produzidos por nós, buscando dialogar com a metodologia apresentada neste Projeto e com os temas abordados. Será necessária a produção do material didático, visto que os temas abordados neste projeto ainda não estão presentes em livros didáticos. Porém, além disso, pensamos o material didático como um instrumento de trabalho, dessa forma ele espelha nossas concepções sobre conhecimento e sobre o processo de ensino-aprendizagem³⁷. Através do uso dos textos didáticos em sala de aula esperamos mobilizar a participação dos alunos, gerando discussões e trazendo novas perspectivas e informações sobre os temas abordados.

As formas de abordar o texto serão através de pausas, buscando desenvolver os conceitos e explicar as novas informações, também relacionando com os conhecimentos dos alunos e com o que já foi estudado, permitindo com que o aluno exponha suas considerações e pensamentos, tornando-se sujeito das discussões promovidas na sala. Os textos didáticos deverão dialogar com o aluno, trazendo novas informações e relacionando com aquilo que eles já conhecem, além de considerar também suas experiências sociais.

Vislumbramos a disciplina de História como uma disciplina de pesquisa e estudo, assim como Ivo Matozzi a define:

a história é a disciplina que tem a finalidade de produzir conhecimentos sobre aspectos, fatos e processos do passado, mediante procedimentos regulados e controláveis e operações cognitivas e práticas de organização das informações e dos conhecimentos.³⁸

Refletir sobre a disciplina de História dessa maneira possibilita ir além dos manuais didáticos e produzir conhecimento através da disciplina, fazendo que os conhecimentos sejam

³⁷BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez Editora, 2004. p. 299.

³⁸MATOZZI, Ivo. Currículo de História e Educação para o Patrimônio. **Revista em Educação**, Belo Horizonte, n. 47, jun. 2008. p. 139.

significativos para os alunos à medida que eles consigam relacionar com a sociedade em que vivem.

Com relação ao trabalho de pesquisa, nossa proposta é estudar a Resseca ocorrida em 2010 na Praia da Armação a partir de análise de jornais e entrevistas. Para tanto, os alunos serão responsáveis em localizar as pessoas e entrevistá-las. Este trabalho está inserido em nossa proposta de educação patrimonial. Acreditamos que para abordar a educação patrimonial na disciplina de História, é necessário historicizar a produção do patrimônio. Ou seja, identificar e refletir sobre os atores e os objetivos que permeiam a construção de um patrimônio. A criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a trajetória do patrimônio no Brasil e as políticas de preservação que definiam o que preservar e por que preservar constituem temas importantes. Prendemos incorporar a problematização do conceito de Patrimônio, bens e tombamento. Assim como Andrea Delgado e Ilse Oliveira, acreditamos que a educação patrimonial deve ir além da ideia de preservação, pois

Se a educação patrimonial for planejada apenas a partir do tripé de “conhecer, preservar e difundir” os bens tombados pelos órgãos públicos, ocorrerá a reprodução de determinadas concepções que orientaram a produção do patrimônio local, regional e/ou nacional. Em outras palavras, tanto o trabalho com os bens culturais em sala de aula quanto a visita a monumentos, museus e cidades históricas devem compreender a investigação da sua produção pelos agentes oficiais encarregados de instituir a memória coletiva.³⁹

Nossa proposta de educação patrimonial também abrange incorporar as experiências sociais dos alunos. Por isso, selecionamos como tema do trabalho de pesquisa a Ressaca de 2010, evento que afetou a comunidade do bairro.

Os alunos irão buscar a informação e questioná-la, a partir de orientações discutidas em sala de aula. Portanto, a pesquisa produz conhecimentos, estimula a investigação e descobertas. Conforme afirma Selva Fonseca, a pesquisa

constitui uma forma possível reconciliar ação e conhecimento. No ensino de História possibilita a reconciliação da história vivida com a história/conhecimento, a partir de uma relação ativa entre os tempos presente e passado, entre os espaços próximos e distantes, num movimento dialético.⁴⁰

³⁹ DELGADO, Andrea Ferreira; OLIVEIRA, Ilse Leone Borges Chaves de. Educação patrimonial como experiência interdisciplinar: patrimônio e memória na Cidade de Goiás. **Revista Solta a Voz**. Goiânia, v. 19, n. 2, 2009, p. 138.

⁴⁰ FONSECA, Selva Guimarães. Ensinar História através de projetos de pesquisa. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v.3, n.18, nov/dez 1997, p. 7.

O trabalho com pesquisa propicia autonomia do aluno e implica a busca e também o contato com outros olhares, outros argumentos e informações. O aluno se depara com diferentes dificuldades e novos aprendizados, principalmente referente à prática de pesquisa. Com a pesquisa pretendemos que os alunos reconheçam que há outros locais de informações e que o conhecimento também está além das paredes da escola.

Nossa perspectiva, conforme demonstramos, é que o aluno seja sujeito do processo de ensino-aprendizagem, pois acreditamos que este carrega consigo diversos conhecimentos que podem ser discutidos em sala de aula. Concordamos com Marcos Silva e Selva Fonseca, quando afirmam que a “consciência histórica do aluno começa a ser formada antes mesmo do processo de escolarização e se prolonga no decorrer da vida, fora da escola, em diferentes espaços educativos, por diferentes meios”⁴¹.

Rüsen também chama atenção para a formação da consciência histórica do aluno, e atenta que o aprendizado histórico não ocorre somente no ensino, todavia “nos mais complexos contextos da vida concreta dos aprendizes”⁴². Além disso, as experiências dos alunos podem trazer novos elementos a serem trabalhados nas aulas, principalmente ao abordarmos a ocupação do espaço da Praia da Armação. Os alunos vivenciaram parte desta ocupação, muitos sabem desta ocupação, pois gerações anteriores também narraram, outros talvez desconheçam por não morar no bairro ou ter se mudado há pouco tempo. No entanto, consideramos que todas essas experiências são válidas e devem ser apropriadas em sala de aula para que possamos relacionar a história ensinada com a consciência histórica dos alunos.

2.3 AVALIAÇÃO

Ao elaborar uma proposta de ensino onde consideramos o aluno um sujeito da construção do conhecimento histórico escolar e o professor mediador das interações que ocorrem em sala de aula, pensar em uma avaliação única seria incoerente. Concordamos com Alice Lopes ao afirmar que “o conhecimento não é uniforme e homogêneo: o conhecimento é plural e multifacetado”, valorizando assim a construção do conhecimento que se dá durante o processo de ensino aprendizagem⁴³.

⁴¹ SILVA, Marcos Antonio da; FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 31, n. 60, 2010, p. 31.

⁴²RÜSEN, Jorn. **História viva: Teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Ed. UNB, 2007, p. 91.

⁴³ LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. Conhecimento Escolar: Inter-Relações com Conhecimentos Científicos e Cotidianos. **Contexto e Educação**. Ijuí, jan. 1997, p. 47.

Para nós, cabe à avaliação identificar a apropriação, por parte dos alunos, dos conceitos, conteúdos e noções discutidos e problematizados em sala de aula e o desenvolvimento do trabalho de pesquisa. A avaliação será feita através de conceitos – Ótimo, Muito bom, Bom, Regular, Insatisfatório –, atribuídos não apenas em relação ao conteúdo das atividades, mas no envolvimento dos alunos com o trabalho de pesquisa, as atividades e as aulas. Isso só será possível porque pretendemos avaliar o processo de produção do trabalho, bem como a participação do aluno em sala de aula e desenvolvimentos nas atividades solicitadas.

3. NOSSOS CAMINHOS: OS PLANOS DE AULA

No capítulo anterior, discuti o referencial teórico, os eixos temáticos, e as metodologias de ensino de História que fundamentaram a elaboração de nossos planos de aula. Neste capítulo, apresentarei os planos de aulas que produzimos, visando dialogar com nossa proposta do Projeto de Ensino. Discutirei os caminhos que criamos através dos materiais didáticos para alcançar nossos objetivos, as estratégias planejadas para trabalharmos as fontes no ensino de História, os textos didáticos, as imagens e vídeos. Para tanto, organizei os planos de aula em três eixos temáticos: meio ambiente e ocupação do espaço, meio ambiente e educação patrimonial, presença de africanos e afrodescendentes.

O primeiro eixo temático que será apresentado é “Meio Ambiente e Ocupação do Espaço”. Visto que nosso tema principal é meio ambiente, consideramos importante abordar a ocupação do espaço. As aulas que compõe este eixo têm por objetivo discutir os usos e as modificações no bairro da Armação, principalmente no espaço da Praia da Armação. Serão as reflexões feitas sobre a ocupação no espaço da Praia da Armação no presente que nos levarão a abordar depois o uso da Praia no período da escravidão, quando havia a Armação Baleeira da Lagoinha.

Os conceitos que serão trabalhados neste eixo são: desastre socioambiental, meio ambiente e natureza. As atividades deste eixo também buscam localizar os alunos no tempo-espaço, através de mapas, onde possam identificar onde está situada a Praia da Armação.

O segundo eixo que será apresentado é sobre a “Presença de Africanos e Afrodescendentes” em Desterro, no final do século XVIII até a primeira metade do século XIX. É neste eixo que iremos abordar o complexo da Armação da Lagoinha, e a relação com os Engenhos de Farinhas. No entanto, este eixo será apresentado de maneira mais sucinta, visto que, conforme explicado na Introdução, a dupla formada para o estágio II se separou no estágio III e as aulas deste eixo fazem parte do bloco de aulas ministradas pelo outro colega.

Por último, vou expor o eixo temático “Meio Ambiente e Educação Patrimonial”, quando propomos abordar os conceitos de patrimônio e patrimônio ambiental. Esperamos discutir como é o processo para tombamento de um bem e refletir se a Praia da Armação pode ser considerada um patrimônio ambiental. As atividades, os textos didáticos e o trabalho de pesquisa deste bloco de aulas compõem nossa proposta de educação patrimonial. O trabalho de pesquisa tem como principal objetivo refletir sobre a Ressaca ocorrida no ano de 2010 na Praia da Armação, a partir do conceito de desastre socioambiental, de entrevistas e notícias de

jornais. Por isso, será fundamental que façamos atividades com análise de depoimentos em sala de aula, para que os alunos reconheçam o depoimento oral como fonte da pesquisa histórica. Apresentaremos também como serão utilizado as fontes e os textos didáticos neste eixo.

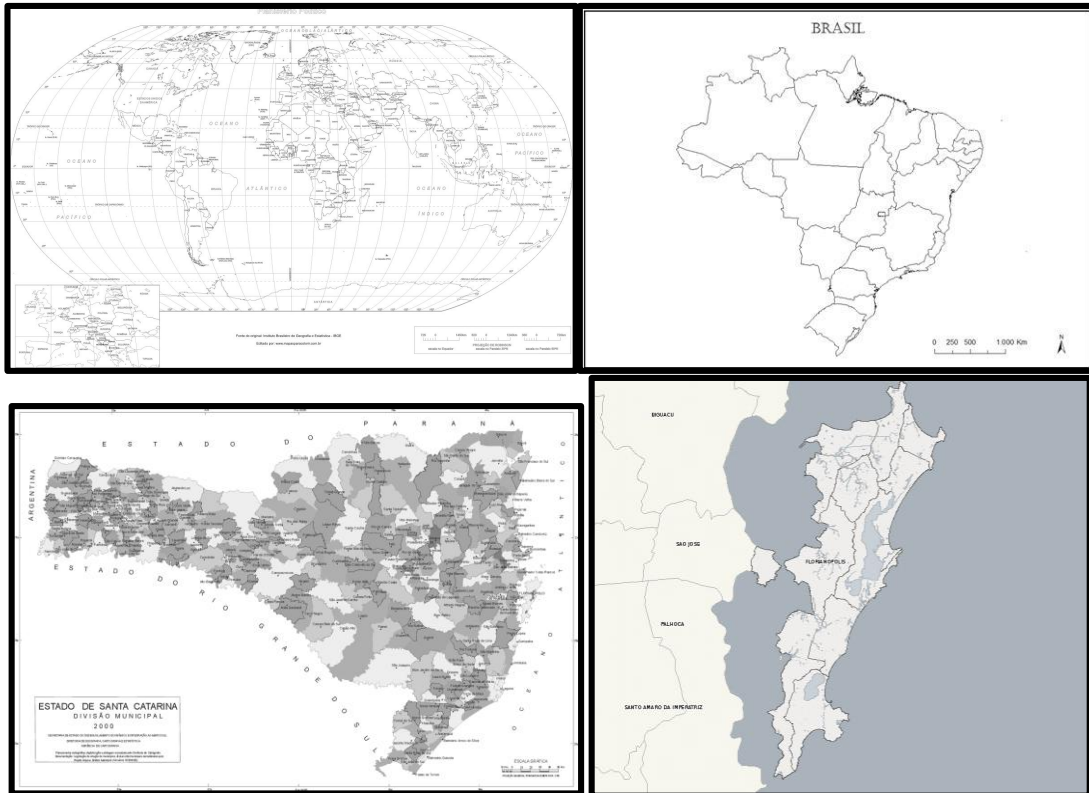
3.1 MEIO AMBIENTE E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO

A proposta do eixo “Meio Ambiente e Ocupação do Espaço” é primeiramente conhecer as concepções prévias dos alunos sobre a localização do bairro da Armação e as modificações que eles perceberam na Praia da Armação. As aulas deste eixo abordarão a ocupação do espaço no presente e no passado.

Como a praia é utilizada hoje? Todos os alimentos consumidos são produzidos no bairro? Precisamos nos deslocar para outros bairros para poder ter acesso a algum serviço? Estas são questões que pretendemos refletir ao longo das aulas deste eixo, para que os alunos percebam que a praia hoje é utilizada para trabalho e lazer, que hoje grande parte da comida consumida no bairro é produzida em outro local, que precisam se dirigir a outros bairros para ter acesso a outros serviços, por exemplo, serviços bancários e hospitalares.

Para estudar o passado, visando aborda a ocupação do espaço, nossas questões serão relacionadas com a estrutura do complexo da Armação Baleeira de Sant’Anna da Lagoinha localizada na antiga Freguesia Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha. Quais eram as atividades desenvolvidas na Armação e com que objetivos? Como funcionava a produção de alimentos? Qual era o uso da praia? Quem trabalhava na armação baleeira? Para onde ia o que era produzido? Assim, objetivamos estimular os alunos a refletir que a praia já teve diferentes usos que influenciaram sua ocupação.

Consideramos que antes de iniciar a abordagem sobre a ocupação do espaço em nossas aulas, é importante que os alunos saibam se localizar espacialmente e identificar nos mapas onde se situa a região que iremos estudar. Para isso, elaboramos uma atividade com mapas. Objetivamos localizar os alunos espacialmente em escala mundial, nacional, estadual e municipal. Utilizaremos os seguintes mapas:



Imagens dos mapas utilizados na Atividade 1.

Nesta atividade, os alunos deverão localizar sozinhos primeiramente o Brasil, depois no segundo mapa o estado de Santa Catarina, no terceiro o município de Florianópolis e, por último, o bairro da Armação no quarto mapa⁴⁴.

A segunda atividade que compõe nosso primeiro plano de aula busca conhecer e refletir sobre os conhecimentos prévios dos alunos em relação ao espaço do bairro. Para isso, solicitaremos que os alunos desenhem o caminho que fazem diariamente de casa até a Escola, ressaltando os pontos que considerarem importantes. Planejamos esta atividade para que possamos identificar as referências de localização dos alunos. Quais pontos referenciais eles consideram relevantes? Uma padaria, o posto de saúde, um restaurante, uma loja? Serão apontadas apenas construções feitas pelo homem, como os estabelecimentos comerciais, ou também pontos referenciais naturais, como a Lagoa do Peri?

Após a elaboração dos caminhos, iremos solicitar que cada aluno apresente seu desenho, explicando os pontos que assinalou. Cada ponto será escrito no quadro, anotaremos também quantas vezes foi citado pelos alunos nos desenhos, para depois discutirmos porque foram destacados aqueles pontos como referência.

⁴⁴ Todos os planos de aula e as atividades seguem em Anexo.

Esta atividade tem como objetivo também iniciar a discussão sobre o tema que iremos abordar nas demais aulas: o meio ambiente. No entanto, gostaríamos que o tema partisse dos alunos, ou seja, vamos iniciar a discussão do tema meio ambiente a partir dos desenhos. Estas atividades, do mapa e do desenho, compõem os planos de aula da primeira, segunda e terceira aulas.

Assim, após esta breve introdução ao tema, pretendemos iniciar na aula seguinte a discussão sobre as mudanças na Praia da Armação. Para isso, criamos para nosso quarto plano de aula uma atividade e um texto didático. Com este plano de aula planejamos primeiramente refletir sobre as modificações ocorridas na Praia da Armação, entre elas a Ressaca ocorrida em 2010, estudar o conceito de meio ambiente e de desastre socioambiental.

Para isso, iniciaremos esta aula com a exibição do vídeo “Praia da Armação. Sem praia!!”, que foi publicado no site Youtube em abril de 2010. Escolhemos este vídeo, pois ele contém o depoimento de uma senhora, dona Germânia, moradora há muitos anos do bairro da Armação. No vídeo ela narra as modificações que percebeu na Praia da Armação ao longo de sua vida, também quem ela considera os responsáveis por essas modificações. Utilizaremos este vídeo para suscitar a problematização do uso do espaço da Praia.

Nossa estratégia didática para abordar o vídeo será primeiramente exibi-lo na íntegra e perguntar quais informações podemos retirar do vídeo. Iremos questionar quem aparece no vídeo e o que a moradora falou. Depois exibiremos novamente, mas fazendo algumas pausas ao longo do vídeo. Assim, em cada pausa questionaremos as informações. Neste momento, apenas faremos questões estimulando que os alunos possam identificar os elementos do depoimento de dona Germânia. Por último, exibiremos o vídeo completo novamente, sem pausas.



Imagem do vídeo “Praia da Armação. Sem praia!!”.

Após a exibição do vídeo entregaremos a atividade 3, composta por uma breve apresentação sobre o vídeo e algumas questões para a análise. Inserimos neste curto texto de apresentação informações que consideramos importantes e que não estão presentes no vídeo:

O vídeo “Praia da Armação. Sem praia!!” foi publicado no site Youtube em 18 de abril de 2010 e traz o relato de uma moradora, Dona Germânia, sobre a praia da Armação. A moradora conta como era a praia quando ela era pequena e as mudanças na praia observadas por ela durante sua vida⁴⁵.

As questões que criamos nesta atividade buscam refletir sobre as informações do vídeo e também iniciar a discussão sobre a Ressaca de 2010 na Praia da Armação. Pretendemos que, com esta atividade, os alunos sejam motivados a falar sobre a Resseca. Assim, criamos três questões sobre a Ressaca: “muitos jornais noticiaram a ressaca, você se recorda deste evento? Você se lembra das notícias que surgiram na televisão ou nos jornais sobre o assunto? Aponte alguns elementos que você acredita ter contribuído para a ressaca de 2010”⁴⁶.

Para desenvolver o conceito de meio ambiente e desastre socioambiental, elaboramos um texto didático com título “A relação homem e natureza”. Assim como Gilmar Arruda, consideramos importante desconstruir concepção de que o meio ambiente é um lugar intocado, e discutir a natureza como um espaço social, onde há interações entre o ser humano e a natureza⁴⁷.

Através desta concepção objetivamos auxiliar na construção de uma “consciência histórico-ambiental”, onde se critica a valorização apenas econômica da cultura e da natureza. A formação de uma consciência histórico-ambiental possibilita “construir uma relação de identidade entre alunos e seu entorno natural através da história que se esconde atrás da natureza”⁴⁸. Utilizamos também o termo “interferências antrópicas” para definir as mudanças que o homem faz na natureza, ou seja, são as intervenções ou mudanças causadas pela ação humana que alteram a natureza.

O trabalho com texto didático em sala de aula deve possibilitar a interação entre aluno, professor e texto. Logo, dividimos o texto em pequenos parágrafos, que permitam pausas na leitura para o diálogo. Criamos frases que retomam o vídeo assistido e também perguntas que permitam a reflexão dos alunos e discussão durante o estudo do texto. Elaboramos boxes informativos com diferentes objetivos: para destacar alguns termos como “interferências

⁴⁵ Trecho retirado da Atividade 3.

⁴⁶ Perguntas retiradas da Atividade 3.

⁴⁷ ARRUDA, Gilmar. Natureza: Uma nova "sala de aula" para o ensino de história. In: OLIVEIRA, Margarida Dias de; CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. **Ensino de História: Múltiplos ensinoss em múltiplos espaços**. Natal: EDFURN, 2008. p. 64.

⁴⁸ Ibid, p. 65.

antrópicas”, para sistematizar algumas ideias centrais do texto e para trazer exemplos que auxiliem na interpretação do texto.

Boxes informativos, compostos por exemplos para auxiliar o entendimento do texto. No primeiro Box, para exemplificar a relação homem e natureza, escrevemos sobre o Japão e a criação de monumentos naturais. No segundo box, para exemplificar um desastre socioambiental, apresentamos informações sobre o desastre no Morro do Baú.

A relação homem e natureza

Como foi observado no vídeo, Irena Gerasimá apresenta elementos que podem ter influenciado nas transformações ocorridas na área de Armação. A relação do homem com a natureza é estudada há muito tempo pela Geografia e também pela História. As formas de compreender o meio ambiente são diferentes de acordo com a sociedade e, ao mesmo tempo, as noções de meio ambiente modificam-se ao longo da História.

○ Que vocês entendem que seja meio ambiente?

Estudos mais recentes propõem pensar que o termo Meio Ambiente não se refere somente ao ambiente natural. Atualmente, consideramos que Meio Ambiente deve ser compreendido como a interdependência entre sociedade e natureza. É a junção do homem mais a natureza:

Meio ambiente = Sociedade + natureza

Assim, quando falamos meio ambiente, estamos pensando não somente no espaço, mas também nas relações que ocorrem nele. Um centro urbano também é meio ambiente, pois é formado pela natureza já transformado e pela presença humana.

Como pensar a sociedade repensada do meio que ela ocupa? Há sociedade, comunidade, pessoas que não estejam atiradas ou isoladas em algum espaço e estabelecendo relação com esse espaço?

As formas de ocupação do território e utilização do espaço interferem na dinâmica do meio ambiente. Vamos apontar diferentes ações humanas que modificam a natureza.

Sabemos que o homem interfere diretamente na natureza, exercendo atividades econômicas ou ainda por intervenção, construindo estradas, casas, edifícios, pontes. Além dessas construções, a sociedade produz lixo e esgoto que muitas vezes são despejados na natureza sem nenhum tratamento. São interferências antrópicas que ocorrem no cotidiano das sociedades.

Interferências antrópicas são as mudanças, intervenções feitas pelo homem e pela sociedade no meio ambiente.

No vídeo, Irena Gerasimá indica alguns motivos para o acontecimento da ressaca na Praia da Armação. Entre estes motivos percebemos estas interferências antrópicas, que foram observadas ao longo do tempo pela comunidade. A ação humana no mar pode auxiliar na ocorrência de um desastre socioambiental. Mas, o que é desastre socioambiental? Você já ouviu essa expressão? O que esta termo tem a ver com meio ambiente?

Como vimos, as intervenções feitas pela sociedade modificam a natureza. Essas mudanças podem trazer resultados em longo prazo, como um erro de um rio pode posteriormente contribuir na formação de uma enchente. Os desastres naturais como enchentes, alagamentos, rixas etc, muitas vezes podem ser resultados de interferências humanas. Dona Germana comenta isso no vídeo, ao lembrar que “já tivemos muita seca (de praia) para levar para fora” e “elas quiseram fazer casa aqui na praia”.


O termo “desastre socioambiental” é utilizado para destacar que um desastre natural (enchente, ressaca, deslizamento) também tem relação com a sociedade. Suas causas, seus efeitos também estão relacionados com ação dos homens no meio ambiente.

Você se recorda de algum desastre socioambiental que tenha sido noticiado nos jornais, na televisão ou comentado na comunidade?

Morro do Baú

Em novembro de 2008, após dias de chuvas intensas, houve deslizamentos de terra do Morro do Baú, localizado no município de Ilhéus, no Vale do Itajaí. A atividade econômica da comunidade era agrícola cultivando arroz, banana, palmito. Com os deslizamentos, essas produções foram afetadas e cerca de 3.800 pessoas foram afetadas, 1300 pessoas ficaram desabrigadas.

A explosão do gás-oito próxima à região atingida, o grande volume de chuva, as plantações de bananeiras e outras espécies não nativas são alguns elementos apontados por geógrafos que podem ter ocasionado os deslizamentos no Morro do Baú.



Box para sistematizar as ideias centrais do texto. Nesse exemplo, apresentamos o conceito de meio ambiente assim: Meio ambiente = sociedade + natureza

Box para destacar termo, neste caso o termo “Interferências antrópicas”.

O conceito de desastre socioambiental será abordado após a reflexão de que não há sociedade deslocada de um espaço, suscitada pelo texto didático. Por ser um conceito novo, acreditamos que apresentar diferentes desastres facilitará o aprendizado dos alunos. Além do box sobre o desastre do Morro do Baú inserido no texto didático, construímos um *power point* com imagens de outros desastres socioambientais. Utilizamos como exemplos a enchente que ocorreu em Blumenau, no ano de 2011 e imagens de enchente em São Paulo, no ano de 2009.



Power point que compõe o plano de aula 4 e 5.

Assim, após abordarmos os conceitos de meio ambiente e desastre socioambiental planejamos uma atividade para refletir se o conceito de desastre socioambiental se aplica a Ressaca ocorrida em 2010 na Praia da Armação. Consideramos importante esta atividade, pois logo após apresentaremos o trabalho de pesquisa que será realizado pelos alunos. Este trabalho compõe o eixo “Meio ambiente e educação patrimonial” e será apresentado adiante. Refletir a fotografia como um documento histórico, que necessita de análise e que fornece múltiplas referências sobre o tema em estudo também será um dos objetivos desta atividade. Conforme foi apresentado no Projeto de Ensino, ao utilizar fontes no ensino de História partiremos de três etapas: identificação, interpretação e análise.



Imagens da Atividade 4.

As três fotografias expõem uma casa localizada a beira da Praia da Armação, mas em diferentes momentos: a primeira é de 1987, a segunda e a terceira são fotografias de 2010, mas com 15 dias de diferença. Na fotografia número 1, há a casa e um grande espaço de areia da Praia, podemos perceber também pessoas caminhando com roupas de praia na areia. Na fotografia 2, percebe-se um avanço do mar, mas ainda percebemos a presença da areia, porém, também um desnível causado pela ressaca. Na fotografia 3, realizada 15 dias após a número 2, percebemos que o mar já está mais avançado, não é possível ver mais a areia da praia, apenas pedras.

Para analisar estes elementos das fotografias e refletir sobre o conceito de desastre socioambiental, elaboramos questões que instiguem os alunos a perceber os elementos que permanecem e/ou modificam nas três fotografias. Com isso, poderão refletir como a fotografia pode conter elementos importantes para análise nos estudos sobre desastre socioambiental. Assim como no texto didático sobre meio ambiente, esta atividade também retoma o vídeo da dona Germânia, e relaciona as mudanças ocorridas na praia com a Ressaca de 2010.

No entanto, a reflexão sobre a ocupação do espaço da Praia da Armação não se dará apenas por meio do estudo do presente. Abordaremos a ocupação e uso do espaço da praia no período em que a Armação Baleeira da Lagoinha ainda estava em atividade. Após questionarmos a ocupação e uso da Praia da Armação no presente, vamos passar a tratar o uso e a ocupação no passado. Para tanto, elaboramos um texto didático intitulado “Ocupação do espaço onde hoje se localiza o bairro da Armação”.

Nossos objetivos como esta aula são: reconhecer as mudanças no Bairro da Armação; refletir sobre essas mudanças enquanto reflexos das diferentes formas de ocupação do espaço do bairro; compreender a ocupação do espaço na construção da estrutura da Armação da Lagoinha e refletir os usos do espaço da praia da Armação nos diferentes períodos (1772 e 2012).

As reflexões serão estimuladas também através de perguntas como: Quais atividades econômicas ocorrem no bairro atualmente? O que são atividades econômicas? Como essas atividades econômicas provocam mudanças e intervenções no espaço? Como ocorre o abastecimento do local? De onde vem e quem produz a comida que é consumida pelos moradores? Estas perguntas serão feitas pelos professores aos alunos, antes de iniciar o texto, para estimular a reflexão sobre elementos do cotidiano que interferem na ocupação e uso do espaço do bairro. Sobre o espaço da Praia, iremos questionar as atividades econômicas que utilizam e modificam a praia, para que e por quem a praia é utilizada.

Para poder refletir sobre o uso do espaço em 1772, com a armação baleeira, utilizamos trechos do texto “A Armação baleeira da Lagoinha: uma grande unidade escravista”, da historiadora Fernanda Zimmermann⁴⁹. Este texto descreve os usos das estruturas criadas na Armação Baleeira da Lagoinha e nos auxiliará a abordar esta Armação como um complexo, que abrange muitas estruturas, neste caso podemos citar, por exemplo, os engenhos, a senzala, a casa grande, a casa dos tanques. A partir desta aula iremos abordar a presença de africanos e afrodescendentes, destacando como eles também foram sujeitos na ocupação do espaço da Armação.

3.2 PRESENÇA DE AFRICANOS E AFRODESCENDENTES

Neste eixo estudaremos a presença de africanos e afrodescendentes como sujeitos da história da Armação da Lagoinha, destacando a importância desses sujeitos na construção da identidade de Desterro. Os materiais didáticos e os planos de aula deste módulo foram construídos a partir dos módulos do Programa “Santa Afro Catarina”, ou seja, das narrativas históricas construídas para compor o site, principalmente do Módulo “Armação baleeira e engenhos do Ribeirão da Ilha”⁵⁰.

Na primeira aula que compõe este eixo criamos um texto didático, abordando a Armação Baleeira da Lagoinha e os engenhos. Neste texto retomamos alguns elementos da estrutura do complexo da Armação que foram citados no texto sobre ocupação do espaço. No entanto, é neste momento que iremos explicar como funcionavam os engenhos, o que significava casa grande, casa dos tanques, o engenho de azeite.

Também criamos boxes para auxiliar a dinâmica de leitura do texto, destacando termos desconhecidos, como “Monopólio régio”, e explicando informações importantes, por exemplo, que no passado referia-se a “pesca da baleia” porque ela era considerada um peixe, enquanto hoje utiliza-se o termo “caça à baleia”, pois esse animal é considerado mamífero.

⁴⁹ ZIMMERMANN, Fernanda. A Armação baleeira da lagoinha: uma grande unidade escravista. In: MAMIGONIAN, Beatriz; VIDAL, Joseane (Orgs.). **Coletânea História Diversa: Africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. No prelo.

⁵⁰ PASSOS, André Fernandes dos; BEZERRA, Ederbal; BRANDÃO, Jefté; MACHADO, Míriam Karla. **Módulo “Armações Baleeiras e os Engenhos do Ribeirão da Ilha”**. Programa Santa Afro Catarina. Florianópolis, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
Estrada: Ana Carolina Schweitzer, Luis Fernando Bernardi Junqueira
Professora da turma: Daniela Sbravati

ARMAÇÕES E ENGENHOS: trabalho escravo e livre no Desterro dos séculos XVIII e XIX

OS ENGENHOS

Do final do século XVIII até o início do século XIX, a Vila de Desterro era formada por Desterro (centro) e pelas seguintes freguesias: Nossa Senhora de Lapa do Ribeirão, Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, Nossa Senhora das Necessidades de S. Antonio, São João Batista do Rio Vermelho, São Francisco de Paula de Casavieiras e Santíssima Trindade de Iruai do Abroto.

A freguesia de Nossa Senhora do Ribeirão, localizada na parte sul da ilha de Santa Catarina, ficava entre a terceira e a quarta mais populosa, e se destacava na produção de farinha de mandioca, açúcar, aguardente e melado, além de também produzir milho, cana, canjica, melancia e diversos tipos de frutas e hortaliças. Era também a região onde estava a Armazém da Lagoinha, de que faziam parte.

Para a produção especialmente da farinha de mandioca, açúcar, melado e aguardente era necessário que as matérias-primas fossem processadas em um engenho. O engenho era constituído basicamente por dois setores: o agrícola, formado neste caso pelas plantações de mandioca ou cana-de-açúcar, e o de processamento, constituído pela casa-do-engenho. No mapa abaixo, sobre a localização dos engenhos no Ribeirão, conseguimos notar que alguns foram construídos próximos a Armazém da Lagoinha, pois ajudavam no seu abastecimento.

Vocês sabem o que esta representado nesta planta?

Esta é a Armazém Baleeira de Santa Anna da Lagoinha do final do século XVIII e início do século XIX, representando uma planta. Ela funcionava onde hoje é o bairro de Armazém, embora tenha deixado de existir há mais de dois séculos.

Assim como nas demais regiões do território português, as baleias da Armazém da Lagoinha eram consideradas bens da Coroa Portuguesa logo, para pescá-las e comercializá-las, era necessário fazer um contrato com a Real Administração. Isso era chamado monopólio Regio, pratica muito comum que Portugal exercia sobre diversos produtos: era feito um contrato entre a Coroa e o arrematador e concedido o monopólio sobre a pesca de baleias com valores e prazos fixados a este, sendo que ele deveria pagar uma quantia previa estabelecida pela Real Administração. Quando o contrato acabava os bens da armazém ficavam com a Coroa.

As armazém baleeiras, seja em Desterro ou em outros locais do Brasil, não eram um local isolado em que se pescavam baleias, mas faziam parte de uma estrutura muito maior. A Armazém da Lagoinha era composta por casa grande, casa dos tanques, engenho de açúcar, armazém, senzala, capela, companhia dos baiaetes e engenho de farinha de mandioca.

A Armazém da Lagoinha, assim como demais armazém baleeiras no Brasil, teve sua estrutura construída na praia ou próxima a ela. A Casa Grande, a senzala e o armazém ficavam a beira da praia, enquanto a companhia dos baiaetes e o trapiche - o local no qual guardavam e saíam as embarcações, e para onde eram trazidas as baleias - ficavam em uma pequena ilha na ponta da armazém, hoje interditada por molhe.

A Casa Grande (numero 1 e 2) tinha duas salas, uma voltada para o mar e outra para o engenho e tanque. Esta dispunha de três salas, quatro quartos, três corredores, varanda e cozinha. Era o local onde vivia o administrador da armazém e sua família, e alguns funcionários de Coroa Portuguesa.

A casa dos tanques ficava na ilha do Lampião e era onde se depositava o azeite da baleia vindo do engenho. Esta possuía cinco reservatórios de 3,60m de profundidade.

Texto didático “Armações e engenhos: trabalho escravo e livre em Desterro nos séculos XVIII e XIX”.

Como há muita informação e conteúdo que necessitam estar no texto didático, além dos boxes citados acima, criamos outros destacando as especificidades da produção em engenho de farinha de mandioca e o consumo da mesma.

É BOM SABER...

Farinha de mandioca

A farinha de mandioca foi um dos principais alimentos na mesa tanto dos ricos como na dos pobres e dos escravos durante no Brasil colonial e imperial. Junto com a carne seca constituía a dieta básica dos escravos e por isso era consumida em grande quantidade em todo país.

Em Santa Catarina a produção de farinha de mandioca deixou de suprir apenas a alimentação dos habitantes locais, mas se constituiu na principal atividade econômica do litoral entre o final do século XVIII e o final do XIX. Através dessa atividade a economia catarinense se articulava com a do sudeste, em especial a da praça comercial do Rio de Janeiro. Através do Rio de Janeiro, a produção de farinha seguia para a Bahia, local que a demanda do produto era tal que em épocas de alta de preço do produto no mercado exterior, aumentava a demanda da produção das outras províncias para suprir as necessidades do mercado interno. Santa Catarina ajudou a preencher a falta deste produto durante períodos de seca no norte e nordeste do país.

Desde a chegada da Família Real para o Brasil, em 1808, a farinha de mandioca havia se tornado o principal produto de comércio de Desterro com as outras províncias. Em Desterro, além do consumo local a farinha era o principal alimento utilizado para a manutenção das Armazém Baleeiras e das

COMO FUNCIONAVAM OS ENGENHOS DE FARINHA

O aparelho do engenho de mandioca era composto por um **grosso pião**; uma **roda dentada** a qual era engrenada horizontalmente no eixo, também dentado, da **roda sovadeira**; uma **mesa para a sovadeira**; um **forno** e um **cocho de escoreadura**. Além desse aparelho, onde era ralada e torrada a mandioca, existia outro aparelho chamado de **prensa**, responsável por prensar e secar a mandioca antes de ir para o **forno**. Ainda constam dos instrumentos do engenho: **balaios** e **vasilhas** onde eram depositadas as mandiocas, **facas** e os **tipiis** (cesto feito de tiras de bambu), onde era colocada a mandioca ralada para ser prensada.

Vocês conhecem um engenho de farinha? O que vocês sabem sobre o seu funcionamento?

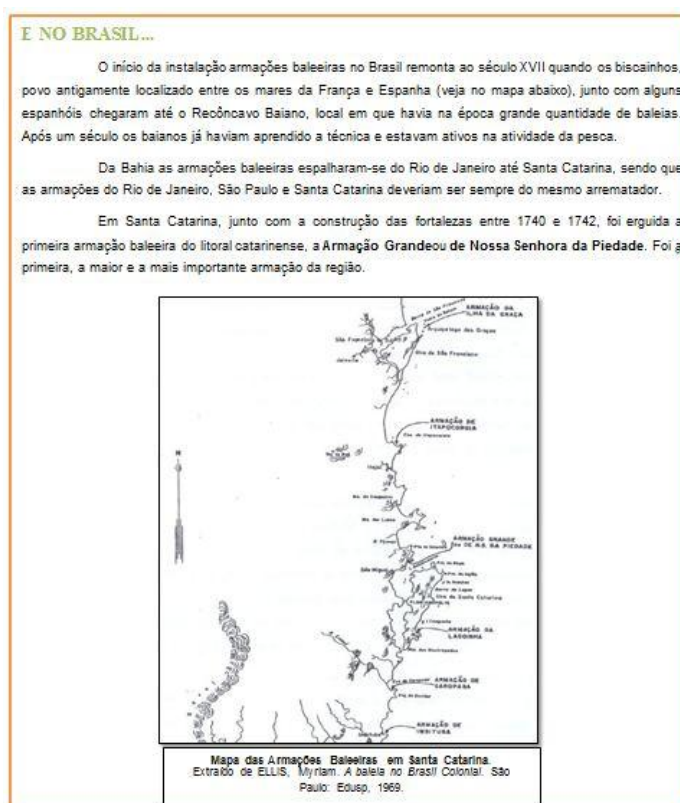
De senho de Engenho de Cangalho. Extraído de: *Memórias do Projeto Casa do Armazém Baleeira e Engenho do Rio de Janeiro*, 2011.

Boxes do texto didático “Armações e Engenho”.

A análise de fontes será realizada por meio de atividade que compõem este texto didático. Retiramos um trecho de textos de José Bonifácio presentes no livro “1763-1838 José

Bonifácio de Andrada e Silva⁵¹, onde ele argumenta sobre a “pesca” da baleia. Após lerem o pequeno trecho, os alunos deverão responder as questões para interpretar os argumentos de José Bonifácio, observando se há uma crítica e qual a postura de José Bonifácio em relação a “pesca” da baleia.

É necessário situar espacialmente os alunos, conforme abordamos em uma das atividades do primeiro eixo. Assim, situar Desterro do século XVIII também é muito importante para que os alunos consigam estabelecer as relações entre o tráfico de escravos, a produção de alimentos e a função da Armação Baleeira num contexto mais amplo. Logo, elaboramos outro box, contendo um mapa retirado do livro de Myrim Elias “Armações no Brasil”⁵², e um breve texto informando sobre outras armações baleeiras em Santa Catarina.



Mapa apresentado no texto didático “Armações e Engenhos”

Ao abordar a presença de africanos e afrodescendentes na Armação da Lagoinha, consideramos importante discutir a pluralidade de trabalhos dentro da escravidão. Assim, utilizaremos trecho de uma tabela do inventário da Armação da Lagoinha, datada de 1816. Nesta tabela há informações sobre a origem dos escravos, as condições de saúde, idade, valor

⁵¹ ANDRADA E SILVA, José Bonifácio. **1763-1838 José Bonifácio de Andrada e Silva**. Org. por Jorge Caldeira. São Paulo: Ed. 34, 2002.

⁵² ELLIS, Myriam. **A baleia no Brasil Colonial**. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1969.

e seu ofício. A análise deste documento possibilitará, além de uma reflexão sobre os diferentes trabalhos na Armação, uma problematização da ideia de que só havia escravo para trabalhar em *plantation*. Elaboramos as seguintes questões:

1. Qual a principal região africana de origem dos escravos?
2. Ao observar a idade dos escravos, podemos concluir: a maioria dos escravos eram novos ou velhos?
3. Em relação aos ofícios dos escravos, predominam ofícios relacionados à pesca da baleia no mar ou os ofícios relacionados ao corte e separação das partes da baleia na terra? Qual o ofício que mais aparece?
4. Por que você acha que havia tantos escravos com doenças e problemas físicos?

NOME	ORIGEM	OFÍCIO	CONDIÇÃO/SAUDE	IDADE	VALOR
Antônio	Congo	Falquejador	-	35	115\$200
Antônio Jacinto	Mina	Cortador de açougue	Maníaco	64	51\$600
Domingos	Crioulo	Mestre de Azeite	Doente	60	12\$000
Domingos	Moçambique	Remeiro	-	61	50\$000
Francisco	Benguela	Falquejador	Um braço quebrado	46	32\$000
Felippe	Mina	Gancheiro	-	80	8\$000
Joaquim	Magume	Cortador de cima da baleia	Doente	66	19\$000
João	Rebolo	Chacoteiro	-	66	38\$400
Joaquim	Cabinda	Remeiro	-	68	16\$000
Jorge	Mina	Chacoteiro	-	70	16\$000
João	Cabinda	Remeiro e Aprendiz de Carpinteiro	-	46	96\$000
Joaquim	Molumbo	Pedreiro	Doente	62	40\$000
Jeronimo	Mina	Chacoteiro	-	68	12\$800
José	Mina	Remeiro	-	72	10\$000
Pedro	Mogumbe	Remeiro	-	66	64\$000
José	-	Mestre de Azeite	-	64	16\$000
Xavier	Benguela	Remeiro	-	46	76\$800
Antônio José	-	Mestre de Azeite	-	59	
André	-	-	Torto e decrépito	71	
Gonçalo	Mina	-	Decrépito	78	
José	Quisamia	-	-	80	
José Chico	-	-	-	80	
Joaquim	-	Canoa	Doente	68	
Matheus	-	Contra Mestre	Doente	79	

Arquivo Nacional (RJ). Junta do Comércio, Real Administração da Pesca das Baleias. Caixa 360. Inventário da Armação da Lagoinha, 1816.

Tabela e questões presentes na Atividade sobre o trabalho escravo na Armação da Lagoinha.

3.3 MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

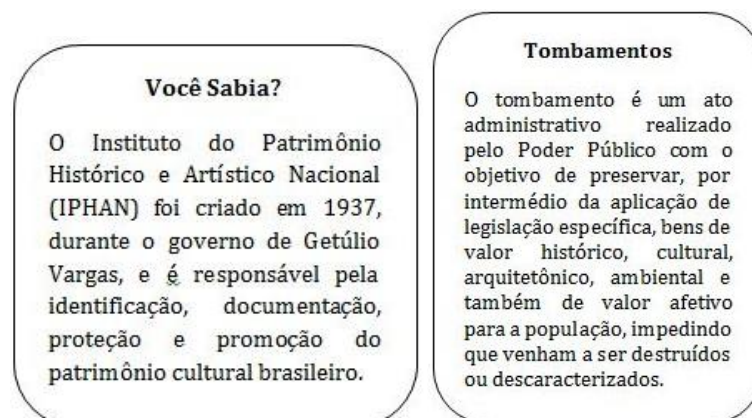
Ao elaborarmos o Projeto de Ensino que compõe o capítulo anterior, visamos construir uma proposta de educação patrimonial para desenvolver durante a experiência de estágio. Logo, abordar o conceito de patrimônio em nossas aulas é fundamental. Neste eixo apresentaremos como pretendemos abordar o conceito de patrimônio e patrimônio ambiental e também o trabalho de pesquisa que será realizado pelos alunos.

Importante ressaltar que antes de tratar o conceito de patrimônio nas aulas, já teremos feito a reflexão sobre o meio ambiente como um lugar de interações entre o homem e a natureza, um espaço social. Pretendemos que os alunos compreendam que as transformações do meio ambiente também podem ser resultados dessas interações, em alguns casos, gerando o desastre socioambiental. Também refletir que estas interações deixam marcas, vestígios no meio ambiente e, por isso, ele pode ser considerado um local de registro e memória, onde podemos perceber a presença de outras gerações e reflexos da história local. Com isso, o meio ambiente pode se tornar um patrimônio ambiental.

Elaboramos, então, um texto didático intitulado “Patrimônio Ambiental” para discutir o conceito de patrimônio e patrimônio ambiental. O conceito de patrimônio no texto didático foi definido da seguinte forma:

Patrimônio são bens de valor cultural que, após um processo de seleção, são protegidos pelo Estado. [...] Ao **tomb**ar um bem e torná-lo patrimônio, o governo declara que este bem carrega uma memória coletiva da nação e logo é propriedade de todos, por isso deve ser preservado. [...] Os bens culturais podem ser arquitetônicos, representarem atividades religiosas (locais de culto, necrópoles), habitações (vilas, casas), estradas, além de tantas outras marcas da ação humana. Ao considerá-los patrimônio, o IPHAN afirma que esses bens culturais podem assumir um valor estético, afetivo, constituir um instrumento de informação ou simbólico. Há bens que também podem assumir esses valores juntos.⁵³

No texto didático, inserimos termos como “IPHAN” e “tombamentos”, e também criamos boxes com o intuito de explicar os termos.



Exemplos de boxes do texto didático “Patrimônio Ambiental”.

Assim como nos demais textos didáticos, este também apresenta perguntas para instigar a participação dos alunos, como: O que é patrimônio? Você já ouviu este termo?

⁵³ Trecho do texto didático “Patrimônio Ambiental”, que compõe o plano de aula 7 e 8.

Você imagina o motivo pela qual o governo protege através de lei alguns bens? Mas o que são esses bens tombados? “Patrimônio Ambiental”, você conhece esta expressão? Você lembra-se do exemplo acerca no Japão? Mas será que patrimônio ambiental é só isso? O que você acha dessa afirmação? Estas perguntas, além de possibilitar que o aluno exponha seus conhecimentos prévios sobre o assunto estudado, também auxiliam na dinâmica da aula, pois retoma conteúdos já abordados em outras aulas, instiga a reflexão, auxilia na interação professor – texto didático – aluno.

Para exemplificar o conceito de patrimônio, preparamos um *power point* com imagens de diferentes patrimônios: a Ilha do Campeche, a Casa da Princesa Isabel e a Casa da Alfândega. Este *power point* será exposto primeiro antes do texto didático, quando questionaremos se os alunos conhecem estes locais e o que há de comum entre eles. A partir disto, discutiremos o conceito de patrimônio utilizando o texto didático. Após a discussão, o *power point* será retomado, questionando quais elementos presentes naqueles locais para que seja considerados como patrimônios.

Para retomar o conceito de desastre socioambiental e reconhecer o depoimento como fonte oral, desenvolvemos uma atividade de análise dos depoimentos de pessoas afetadas pelo desastre do Morro do Baú. Esta atividade terá um papel importante, pois auxiliará no trabalho de pesquisa que será apresentado adiante. Nesta atividade, colocamos três depoimentos de moradores, expondo seus argumentos sobre as causas do desastre, o papel da Defesa Civil e sobre como foi o auxílio do governo.

Cada depoimento será lido com os alunos, visando discutir as informações e opiniões dos moradores do Morro do Baú sobre o desastre socioambiental. Após a leitura, os alunos devem responder cinco perguntas para interpretar e analisar os depoimentos⁵⁴. Estas questões possibilitam analisar diferentes informações, desde quem são os entrevistados e também a sua opinião sobre os efeitos do deslizamento do Morro do Baú.

A análise destes depoimentos busca demonstrar como em muitos casos as pessoas não refletem que suas ações podem ocasionar efeitos no meio ambiente. Assim, ao analisar os depoimentos, pretendemos retomar o meio ambiente como espaço de interações, e analisar o deslizamento do Morro do Baú a partir do conceito de desastre socioambiental. Alguns questionamentos serão importantes como: será que as plantações desses moradores não afetavam a estrutura do Morro? Terá sido somente a chuva causou o desastre?

⁵⁴ As questões que compõe esta atividade são: 1) Qual a profissão de cada morador? O que eles produzem? 2) O que eles comentam que pode ter causado os deslizamentos no Morro do Baú? 3) As opiniões dos moradores sobre o que pode ter causado os deslizamentos são semelhantes? Justifique sua resposta. 4) De acordo com os moradores, a atuação da Defesa Civil foi satisfatória? Justifique sua resposta, citando trechos dos depoimentos.

Reconhecer o depoimento como fonte oral, aprender o conceito de patrimônio ambiental, refletir sobre o uso e ocupação do espaço, são objetivos de nossas aulas que também compõem o trabalho de pesquisa intitulado “A ressaca de 2010 na Praia da Armação”. Este trabalho será apresentado aos alunos na sexta aula, pois grande parte dele deve ser elaborada no período extraclasse. Acreditamos que a pesquisa no ensino de História possui um importante papel, pois além de retomar e aprofundar conteúdos que foram estudados, auxilia a reflexão do aluno como produtor de conhecimento.

Nossa proposta é estudar a Ressaca ocorrida em 2010 no bairro da Armação, a partir de análise de jornais e de entrevistas com moradores da Praia da Armação. Criamos cinco etapas para realização do trabalho: apresentação do Roteiro da Pesquisa e entrega do Caderno de Pesquisa; elaboração do Roteiro de entrevista junto com os alunos; produção do texto comparativo das entrevistas; análise dos jornais disponível *online* e criação do painel.

Na primeira etapa apresentaremos os Roteiros da Pesquisa, com um resumo das diferentes etapas do trabalho, além de informar que os grupos devem ser compostos de quatro alunos. Este roteiro também contém possíveis datas de entrega das diferentes etapas do trabalho.

Também entregaremos neste momento os Cadernos de Pesquisa, que serão muito importantes para o desenvolvimento do trabalho. Os alunos devem registrar no Caderno todas as etapas do trabalho: nome dos alunos do grupo, o Roteiro da Pesquisa, os Roteiros das entrevistas, as entrevistas realizadas, os textos comparativos das entrevistas e as demais informações recolhidas durante o trabalho, como imagens. Criamos o Caderno de Pesquisa para auxiliar os alunos a organizar as informações que coletarem e a registrá-las. Também nossas anotações sobre as diferentes etapas do trabalho serão feitas no Caderno. Durante todo o trabalho, o Caderno ficará sob responsabilidade do grupo e deverá ser entregue no dia das apresentações. O Caderno de Pesquisa deve funcionar como caderno de registro e guiar os alunos durante a pesquisa, complementando as orientações da sala de aula.

Na segunda etapa, criaremos o roteiro de entrevistas. Contudo, ele será elaborado junto com os alunos em sala de aula. Apenas serão definidas anteriormente as categorias que devem ser entrevistadas: comerciante, pescador, morador com menos de 25 anos ou com mais de 70 anos, e surfista. Cada grupo deve entrevistar pelo menos duas categorias diferentes, para que as opiniões e visões sobre a Ressaca também sejam comportas por diferentes elementos. Criamos estas três categorias para poder analisar as causas e os efeitos da Ressaca em diferentes contextos, desde o comerciante que tem sua vida afetada pelo turismo, ao pescador que depende do mar para seu sustento. Anotaremos um pequeno esboço das questões que

pretendemos formular, mas primeiro incentivaremos os alunos a refletir sobre quais são as perguntas que devemos fazer para obter as informações almeçadas. Perceber que a identificação do entrevistado também é importante e que algumas questões devem ser feitas a todos os entrevistados. Refletir que o resultado da entrevista depende muito das questões que serão feitas. Vale ressaltar que as questões criadas devem estar registradas no Caderno de Pesquisa.

Na terceira etapa iremos até a Sala de Informática pesquisar e analisar notícias sobre a ressaca. Assim, os alunos devem procurar notícias em jornais *online* apresentados pelo professor na Sala da Informática, destacamos o Diário Catarinense, o Jornal do Campeche, Folha de São Paulo, mas também poderá realizar uma pesquisa sobre notícias no *site* Google.

Cada equipe deverá escolher jornais diferentes e anotar na Ficha de Identificação quais foram escolhidos. Após coletarem de 4 a 8 notícias nos jornais, cada aluno terá 30 minutos para escolher uma notícia e realizar a leitura e transcrição e o preenchimento da Ficha de Identificação das notícias. Caso a notícia seja muito grande, auxiliaremos para que apenas as partes importantes sejam anotadas. Buscamos nesta etapa do trabalho, reconhecer os jornais como documento, que possui um discurso, um objetivo. Assim, diferentes elementos devem ser identificados: o título, o autor da notícia, as imagens, se há entrevistados. Abaixo está a Ficha de Identificação das notícias, que deve ser colocado no Caderno de Pesquisa após a coleta das informações na Sala de Informática.

Ficha de Identificação das Notícias

	Notícia 1	Notícia 2	Notícia 3	Notícia 4
Nome do jornal				
Título				
Autor				
Site				
Data da pesquisa				
Quem pesquisou (nome do aluno)				

A quarta etapa consiste em produzir os textos comparativos sobre os jornais e as entrevistas, que pode auxiliar os alunos a reconhecer as diferentes versões sobre um mesmo processo histórico e também estimular a análise e a crítica aos meios midiáticos. Esta reflexão

será importante para que os alunos reconheçam que ao analisar depoimentos não buscamos o “certo”, mas sim identificar as diferentes opiniões. Por isso a atividade do Morro do Baú realizada anteriormente será muito importante, a análise dos depoimentos dos moradores auxiliará os alunos a respeitar e reconhecer as diferentes opiniões dos entrevistados. O texto comparativo sobre os jornais irá partir das informações coletadas na aula na Sala de Informática, destacando as diferenças nos títulos, nas imagens dos jornais, no foco de cada notícia. Este texto comparativo será iniciado em sala de aula e concluído em casa.

A última etapa será a criação do painel e apresentação do trabalho. Será neste momento que os alunos irão relacionar as notícias coletadas na Internet e as entrevistas, com o objetivo de reconhecer as diferentes versões sobre o que levou à Ressaca na Praia da Armação. Os painéis podem conter trechos dos entrevistados, trechos das notícias e imagens – coletadas com os familiares, com os entrevistados ou mesmo desenhos feitos por eles próprios. Também uma síntese ou resumo em que os alunos possam expressar sua opinião sobre o conteúdo das entrevistas e as notícias.

Para a apresentação, cada equipe irá expor seu painel e a análise que fizeram das notícias e das entrevistas. Também deverão expor as dificuldades que encontraram, como foram realizadas as entrevistas (com gravador, anotações, se foram feitas pelo grupo todo ou individualmente). Para relacionar com os temas das aulas (meio ambiente, desastre socioambiental), pretendemos discutir com os grupos se os entrevistados culpam a sociedade pela ressaca ou apenas o mar, se o termo “desastre socioambiental” apareceu em alguma notícia. Além de discutir se os entrevistados percebem os efeitos e as causas da Ressaca da mesma forma, buscando sempre refletir que as mudanças no espaço são também resultado do uso e ocupação realizados pelos homens e mulheres.

Ao longo desse capítulo, apresentei e discuti os caminhos que criamos para abordar as discussões do nosso Projeto de Ensino. Os materiais didáticos nos auxiliam a ter segurança, nos dão suporte principalmente quando planejamos cada momento da aula. No entanto, há a atuação do aluno, que considero uma “caixinha de surpresas” e que pode modificar a dinâmica e o planejamento das aulas. As estratégias e metodologias criadas buscam alcançar os objetivos das aulas, no entanto, sabemos que sofrerão modificações quando este currículo estiver “em ação”. Os caminhos foram criados, mas a trajetória será construída na prática docente.

4. OS CAMINHOS PERCORRIDOS: O CURRÍCULO EM AÇÃO

O ofício do professor mobiliza diferentes competências e conhecimentos. Estes compõem um “reservatório de saberes” no qual, segundo Clermont Gauthier, “o professor se abastece para responder as exigências específicas de sua situação concreta de ensino”⁵⁵. Os saberes docentes são: saberes disciplinares, saberes curriculares, saberes das ciências da educação, saberes da tradição pedagógica, saberes experienciais e saberes da ação pedagógica. Eles são adquiridos através de uma socialização profissional e ao longo de sua carreira, podendo ser ampliados e modificados. O estágio supervisionado possibilita que o professor, ainda em formação, aprenda a mobilizar esses saberes e também adquira o saber experiencial, ou seja, aprenda através de sua própria experiência de prática docente.

Este capítulo se destina a discutir o currículo em ação na sala de aula, pois ao refletir sobre nossas experiências também mobilizamos o saberes docentes. Comentarei sobre o desenvolvimento das aulas que foram ministradas por mim a partir da retomada dos eixos de abordagem dos conteúdos e também sobre as orientações recebidas durante o período das aulas. O trabalho de pesquisa será analisado, visando discutir nossa proposta de Educação Patrimonial e também algumas atividades e os depoimentos escritos pelos alunos sobre o estágio.

4.1 MEIO AMBIENTE E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO

Instigar os alunos a questionar o presente foi um dos objetivos das aulas, principalmente das aulas que compõem este eixo. O questionamento do presente foi incentivado a partir da discussão sobre a ocupação do espaço da Praia da Armação.

Na primeira aula aplicamos a atividade com os mapas, buscando localizar o Brasil, Santa Catarina, Florianópolis e o Bairro da Armação em diferentes representações cartográficas. Digo aplicamos, pois as três primeiras aulas foram ministradas por mim e pelo meu colega Luís.

Uma vez por semana tínhamos orientação com a professora Andréa e a professora Daniela. Na nossa primeira reunião fomos questionados porque solicitamos que os alunos fizessem um círculo com as carteiras. Daniela comentou que muitos alunos que não souberam localizar o que estava solicitado na atividade e, por estarem em círculo, copiaram o que o

⁵⁵ GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma teoria da pedagogia**. Pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 1998, p. 28.

colega do lado havia feito. Diante disso, utilizamos o início da quarta aula para corrigir esta atividade, utilizando mapas do acervo da Biblioteca da Escola. Dessa forma, todos os alunos tinham em mãos suas atividades e puderam corrigir ou entender a resposta, caso tivessem apenas copiado do colega.

Ainda na primeira aula, após a atividade com os mapas, aplicamos a Atividade 2, onde os alunos deveriam desenhar o caminho de sua casa até a escola. Para minha surpresa, muitos alunos ficaram desgostosos ao perceber que tinham que desenhar e ocorreram algumas reclamações. Também me espantou que eles logo terminassem a atividade, fazendo com que meu colega e eu tivéssemos que adiantar a apresentação dos desenhos, que estava planejada para a aula seguinte. Durante as apresentações, pudemos nos aproximar dos alunos, pois eles, além de explicar os elementos presentes em seus desenhos, também informavam seus nomes e onde moravam. Meu colega anotou no quadro os pontos de referência que os alunos haviam feito no desenho que representava o caminho que faziam da Escola até a casa.

Durante a aula e também quando recolhi a atividade, percebi que os pontos de referências eram principalmente estabelecimentos comerciais: mercado, borracharia, lojas. Também lugares como o Posto de Saúde e as igrejas (evangélica e católica) foram mencionados. Durante as apresentações, questionamos se os alunos iam aos estabelecimentos desenhados e a resposta foi positiva. Assim o Mercado Nunes, a Borracharia Lorenzo apareceram em diversos desenhos. No entanto, há uma pousada que muitos alunos passam em frente para poder chegar até a escola e foi pouco mencionada. Muitos alunos não se deram conta da diferença dos desenhos e de que muitos faziam o mesmo caminho e haviam marcado pontos diferentes. Outros, conforme os colegas apresentavam, interrompiam e diziam “eu também passo por aí”. Alguns alunos ironizaram quando perguntamos se todos iam ao Posto de Saúde, que fica próximo da escola, disseram “quem não vai ao posto?”, ou quando meu colega errava o nome de algum estabelecimento. Argumentamos que nem todos os alunos moravam no bairro, conforme eles haviam declarado, e assim poderiam usar outro Posto de Saúde, assim como nós, professores, que morávamos em bairros diferentes.

As três primeiras aulas foram importantes para suscitar a reflexão dos alunos sobre o cotidiano deles. Comentamos que atualmente utilizamos as construções, os estabelecimentos comerciais para nos localizar, e que a “praia” apareceu apenas em um desenho. Enquanto que, em outro momento da história, as pessoas ali do bairro se localizavam de maneira diferente, quando a praia poderia ter outra importância no cotidiano dos moradores.

A quarta aula iniciou com a Atividade 3, sobre o vídeo “Praia da Armação. Sem praia!!!”. Escolhi essa Atividade para analisar o currículo em ação neste eixo, ou seja, refletir

como ocorreu o trabalho em sala de aula, pois ela tinha papel importante para inserir o tema que desenvolveríamos ao longo das aulas e também devido a participação dos alunos na realização desta atividade.

O bairro da Armação já havia sendo citado nas aulas anteriores, mas a Praia da Armação foi pouco citada. No plano de ensino da aula quatro, levaríamos os alunos para o Auditório, no entanto, para aproveitar melhor o tempo da aula, optamos por utilizar o slide em sala de aula.

Após a primeira exibição do vídeo “Praia da Armação. Sem praia!!!” questionei os alunos sobre o que se tratava o vídeo. Após uma agitação, uns comentaram da senhora que aparecia dando seu depoimento no vídeo, alguns alunos disseram conhecer Dona Germânia, senhora que aparece no vídeo, e comentaram onde ela morava. O vídeo foi visualizado novamente, mas com pausas ao longo da exibição. Então os alunos apontaram outros elementos da fala de Dona Germânia: a criação de casas próximas as praias, a existência de mais areia na praia no passado. No vídeo, a senhora ainda comenta que a culpa dessas modificações é do governo, que não impediu as construções das casas e a extração de areia. Os alunos só identificaram este argumento de Dona Germânia após a terceira exibição do vídeo. Alguns alunos comentaram as mudanças que eles perceberam na praia, no entanto atentei que estas informações, apesar de importantes, não estavam na fala de Dona Germânia.

A Atividade 3 foi entregue à turma, e solicitei que um aluno iniciasse a leitura. Vale ressaltar que a leitura coletiva dos textos e das atividades foi uma das estratégias didáticas utilizadas nas aulas para chamar a atenção da turma. Na primeira questão da Atividade 3, os alunos deveriam escrever basicamente aquilo que já havíamos discutido: as mudanças que dona Germânia narrou ter percebido durante sua vida. Os alunos conseguiram identificar as mudanças que dona Germânia observou, principalmente a construção de casas próximas da praia e que a quantidade de areia na praia era maior. Alguns alunos não construíram uma resposta, mas sim pontuaram as mudanças. Como Pedro⁵⁶, que escreveu:

- Fizeram mais casas
- Retirada de areia
- Construção na praia⁵⁷

Ainda que esteja correta resposta, considero importante que os alunos consigam construir seus próprios argumentos. Outros fizeram uma resposta mais elaborada. Por exemplo, o aluno André escreveu: “na praia antigamente tinha areia e agora não tem muita,

⁵⁶ Ao longo do Relatório, utilizarei nomes fictícios para identificar os alunos.

⁵⁷ Resposta elaborada pelo aluno Pedro na Atividade 3.

antes tinha caminhos para as pessoas passar e agora não tem mais, os moradores começaram a invadir a praia diminuindo seu tamanho e construindo casas a beira da praia”⁵⁸. A aluna Camila também elaborou sua resposta: “ela [Dona Germânia] falou que antigamente era tudo melhor não tinha casa na beira da praia, que tinha mais areia, que o mar era bem mais bonito”⁵⁹. Em suas respostas, André e Camila conseguiram apontar as mudanças que Dona Germânia assinalou no vídeo e construir uma narrativa.

A questão B da Atividade 3, solicitava que os alunos escrevessem os elementos que poderiam ter causado as transformações na praia. Nesta questão, os alunos poderiam indicar outros elementos/fatores que considerassem que havia transformado a Praia da Armação que não havia sido comentado por Dona Germânia no vídeo. A grande maioria dos alunos escreveu que a retirada de areia da praia e a construção de casas a beira da praia foram os elementos que poderiam ter causado as transformações na Praia da Armação. Dos 24 alunos que fizeram esta atividade, 12 colocaram a Ressaca como elemento que transformou a praia. Os alunos também escreveram que a “barreira de pedras” foi um elemento na transformação da praia. Essa barreira é o muro de contenção construído para conter a Ressaca.

Antes de escrever as respostas das questões A e B, discutimos as questões, os alunos pontuaram os elementos das respostas e, depois, escreveram sozinhos. Ao corrigir a Atividade não colocamos notas, sim conceitos (“Bom”, “Ótimo”) e exaltamos aqueles que criaram uma resposta mais elaborada. A Ressaca surgiu na fala dos alunos durante a discussão da questão B, assim como o muro de contenção. A Atividade 3 ainda continha mais três questões (c, d, e), estas foram respondidas oralmente com a turma, mas alguns alunos escreveram suas respostas na atividade. As questões “c” e “d” eram sobre a Ressaca, questionando se os alunos recordavam do evento, se lembravam das notícias nos jornais e na televisão. Interessante que enquanto alguns alunos diziam não lembrar das notícias, outros se manifestavam em tons mais exaltado dizendo que os jornais falaram mentiras.

Quando perguntei sobre as informações que eles encontravam nos jornais e se as notícias mostravam tudo que havia acontecido, muitos alunos falaram com tom indignado. A aluna Roberta, por exemplo, disse que os jornais só mostravam algumas casas da Praia da Armação que foram destruídas pela Ressaca, mas não mostravam que no Morro das Pedras (bairro próximo a Armação) também muitas casas foram afetadas. Outros lembraram as promessas feitas na televisão pelos representantes da Prefeitura, garantido a revitalização da Praia da Armação, e disseram também que outra ressaca vai acontecer logo e o muro de

⁵⁸ Trecho da Atividade 3 realizada pelo aluno André.

⁵⁹ Trecho da Atividade 3 realizada pela aluna Camila

contensão não irá suportar. Outro aluno que participou muito desta aula foi Leonardo, que falou do aumento da altura das ondas, e disse que todo dia antes de ir à Escola passava na praia para observá-la.

Durante a discussão sobre a Ressaca, a aluna Roberta questionou porque eu falava com tanta calma a palavra ressaca. Ela ainda imitou minha fala: “ai a ressaca”. Percebi, então, que apesar de ter lido muita coisa sobre a Ressaca de 2010, visto vídeos sobre as mudanças e destruições causadas pela Ressaca, eu não vivenciei a Ressaca. Não conhecia a praia antes da Ressaca, não tive minha casa destruída nem casa de familiares e amigos, não conheci nenhum amigo ou parente que foi afetado pela Ressaca. Logo, conseguia falar com “calma” sobre a Ressaca, vendo ela como um objeto de análise e pesquisa. No entanto, a relação dos alunos com a Ressaca era diferente, pois este evento mobilizou o bairro, afetou colegas e parentes dos alunos. Mas como poderia explicar minha relação com a Ressaca para os alunos? Como explicar que reconhecia os estragos feitos pela Ressaca, mas que isso havia me afetado de forma diferente? Foi então que me lembrei de uma enchente que ocorreu quando era criança, no Natal de 1996, e que invadiu a casa de alguns conhecidos, quebrou o muro da minha casa, meu pai foi para o hospital, parentes foram para minha casa, a festa de Natal foi cancelada, enfim, esta enchente me afetou bastante. Comentei com os alunos que esta enchente me afetou, e que toda vez que me recordo dela, falo com emoção, pois vivenciei aquela enchente. Contudo, nenhum dos alunos vivenciou aquela enchente, na verdade eles nem eram nascidos, logo aquilo não os afetava da mesma forma.

A participação dos alunos também foi importante quando lemos o texto didático “A relação homem e natureza”. Com a discussão desse texto, os alunos aprenderam a diferença entre o conceito de meio ambiente e natureza, também o conceito de desastre socioambiental. Como o texto didático trazia três conceitos para serem discutidos em sala, foi importante aproximar o texto da realidade dos alunos. Para isso retomei o vídeo de Dona Germânia para dar exemplos de interferências antrópicas, ou seja, as mudanças feitas pelo homem na natureza. Também ao abordar que há diferentes formas de compreender o meio ambiente, que a relação do homem com o meio ambiente varia conforme a sociedade e o tempo, utilizei o exemplo da relação que os índios da reserva de Biguaçu tinham com o meio ambiente, visto que muitos alunos daquele turma haviam visitado a reserva indígena no ano anterior, junto com a professora Daniela.

Para discutir o conceito de desastre socioambiental, o depoimento de Dona Germânia foi novamente muito importante. O texto didático incentivava a participação dos alunos durante sua leitura, como neste trecho: “Você se recorda de algum desastre socioambiental

que tenha sido noticiado nos jornais, na televisão ou comentado na comunidade?”. Esse diálogo com o aluno proposto pelo texto fez com que eu somente mediasse a discussão em sala, pois os próprios alunos traziam elementos, faziam conclusões e perguntas. Por exemplo, como quando um aluno questionou, após a leitura do trecho citado acima, se a Ressaca de 2010 não poderia ser um desastre socioambiental. Obviamente não respondi, repassei a questão para a turma: “Então, a ressaca pode ser um desastre socioambiental?” E a turma entrou em discussão, vários alunos quiseram falar, argumentar, o que foi muito positivo.

Das aulas e atividades que compõem este eixo sobre ocupação do espaço, acabei não aplicando a Atividade 4. Outros dois motivos levaram ao atraso das aulas: uma greve de ônibus e uma sexta feira chuvosa, onde apenas 13 alunos compareceram a aula. Como durante a discussão do texto sobre desastre socioambiental os alunos associaram a Ressaca de 2010 ao conceito de desastre socioambiental, optei por retirar a Atividade 4 que analisava fotografias da Praia da Armação em diferentes anos.

A última aula deste eixo visava promover a transição do presente para o passado. Utilizando o texto didático “Ocupação do espaço onde hoje se localiza o Bairro da Armação”, discuti que os usos que fazemos hoje da Praia da Armação é diferente dos usos que faziam os moradores no período da escravidão. Novamente o diálogo com os alunos durante a leitura do texto foi muito importante, pois questionamos a situação do bairro hoje e estimulamos a reflexão sobre as alterações na estrutura do bairro. Para tanto, questionei a origem dos alimentos que eles consomem: “De onde vem a carne, o arroz, a farinha? Tudo é produzido no bairro? Quando precisamos de atendimento médico temos que nos deslocar, ou podemos ter acesso no bairro?”. Até a professora Daniela participou, comentando que para ter acesso ao banco precisa se deslocar ao bairro vizinho, o Morro das Pedras.

No texto didático há trechos do artigo da historiadora Fernanda Zimmermann sobre o espaço da Armação no século XIX. Com o texto, os alunos identificaram as questões relacionadas à alimentação, ao serviço de saúde e ao trabalho naquele período, tal como se apresentavam no bairro. Assim, encerramos o eixo meio ambiente e ocupação do espaço, discutindo e refletindo sobre o presente para então poder voltar ao passado. Abordar a história local no ensino de história permite que o aluno se aproxime mais do conteúdo, que consiga relacionar seu cotidiano e suas vivências com a sala de aula. Foi um eixo muito produtivo, a participação dos alunos nas discussões e leituras dos textos e na execução das atividades foi ótima, eles mostraram bastante entusiasmo e interesse.

4.2 MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

4.2.1 As atividades e textos didáticos

Neste eixo executamos uma proposta de educação patrimonial, através de textos didáticos, atividades e um trabalho de pesquisa. Criei um subitem para abordar o trabalho de pesquisa, pois ele possui muitos elementos a serem comentados e analisados. Assim, aqui abordarei como desenvolvi o conceito de Patrimônio e Patrimônio Ambiental nas aulas e a atividade que criei para que os alunos reconhecessem o depoimento oral como fonte da pesquisa histórica.

Para estudar o conceito de Patrimônio, primeiro exibi um slide com imagens da Ilha do Campeche, Fortaleza de Santa Cruz, Palácio da Princesa Isabel e do Prédio da Alfandega. Todos estes locais são patrimônios tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN). Ao visualizar cada fotografia, questionava os alunos se conheciam aquele local. Os alunos rapidamente reconheceram a Ilha do Campeche, tiveram um pouco de dificuldade para reconhecer a Fortaleza de Santa Cruz (situado na Ilha de Anhatomirim) e o Prédio da Alfandega, e desconheciam a imagem do Palácio da Princesa Isabel. Quando questionei o que havia em comum entre as imagens, os alunos não responderam. Respondi que todos eram patrimônios tombados e entreguei o texto didático “Patrimônio Ambiental”.

Os boxes criados para explicar o que é o IPHAN e o que significa tombamento permitiram que a leitura do texto ficasse mais dinâmica. O texto trazia conceitos novos, e, portanto, foi importante saber qual a concepção dos alunos sobre esses conceitos. Assim, também haviam questões inseridas no texto que permitiam este diálogo com os alunos: “o que é patrimônio? Você já ouviu este termo? Você imagina o motivo pela qual o governo protege através de lei alguns bens?”.

O diálogo com os alunos possibilitou que novamente eles conseguissem tirar conclusões a partir do que leram no texto e do que discutimos. Após lermos o seguinte trecho do texto didático “A paisagem natural (um morro, uma serra, uma praia) também pode trazer marcas de grupos humanos. O que você acha dessa afirmação?”, a aluna Roberta comentou que “então a Praia da Armação pode ser um patrimônio”. Esta conclusão da aluna foi muito importante, pois fiquei imaginando como poderia propor essa associação da Praia com um patrimônio ambiental, sem comentar isso diretamente.

Acredito que, novamente, essas participações dos alunos durante o estudo do texto didático na aula só foi possível porque o uso do texto permitia a interação dos alunos. Além das frases que dialogavam com os alunos, após a leitura de cada parágrafo eu sempre os

questionava: “Que informação podemos retirar deste parágrafo? O que está escrito aqui?”. Assim, os alunos iam destacando o que haviam compreendido, e discutíamos o conteúdo daquele trecho. Outra estratégia importante foi usar sinônimos nos termos que os alunos apresentavam dificuldade de entender.

A Atividade 4 foi apresentada após a discussão do texto didático “Patrimônio Ambiental”, e seu objetivo era reconhecer o depoimento oral como fonte da pesquisa histórica. Os alunos já haviam lido sobre o deslizamento no Morro do Baú, pois havia um box sobre o deslizamento no texto didático “A relação homem e natureza”. Assim, apenas relembrei as informações e iniciamos a leitura. A atividade é composta por trechos de depoimentos de três moradores do Morro do Baú que foram afetados pelo deslizamento. No texto inicial da atividade destaquei a importância dos depoimentos, como estes podem trazer elementos e opiniões diferentes sobre um mesmo episódio.

Iniciamos a leitura coletiva e, assim como os textos didáticos, também incentivei os alunos a sublinharem as partes relevantes dos depoimentos. Cada aluno lia um parágrafo e depois discutíamos e eu questionava o que era importante ressaltar naquele parágrafo. Alguns alunos falavam que deveria ser sublinhado o parágrafo todo, outros apenas uma frase. Por fim, eu sempre apontava algumas frases que os alunos comentavam considerar importante. Ao recolher a atividade, percebi que as partes sublinhadas pelos alunos foram diferentes e apenas três alunos não sublinharam nada.

Durante a leitura e discussão dos depoimentos dos moradores, imaginei que teria de explicar o que significava Defesa Civil. No entanto, quando o termo apareceu no texto nenhum aluno questionou seu significado, e quando comentei muitos já conheciam e sabiam a função da Defesa Civil. A Atividade 4 possui cinco questões que foram respondidas durante a aula.

A princípio, meu planejamento era discutir cada questão e permitir que os alunos elaborassem suas próprias respostas, assim como a atividade do vídeo da Dona Germânia. No entanto, ao longo da discussão, acabei formulando as respostas com os alunos e escrevendo no quadro. Naquele momento havia considerado positivo escrever no quadro, visto que utilizava pouco o quadro nas aulas e queria utilizar mais, e também porque formular as repostas com os alunos mobilizou a turma. Acredito que havia também uma preocupação com o tempo, pois a atividade era longa, e além das cinco questões havia mais um pequeno texto que faltava discutir. Quando estava na orientação, tanto a professora Daniela quanto a professora Andréa questionaram minha atitude de escrever as respostas no quadro. Foi então que percebi que, ao escrever as respostas, não possibilitei aos alunos este momento de

reflexão onde eles iriam produzir suas respostas e retornar ao texto. Isso dificultou a compreensão dos alunos de que o depoimento é uma fonte da pesquisa histórica.

Apesar disso, as repostas entregues pelos alunos ficaram diferentes. A primeira questão sobre a profissão e a produção de cada morador, foi respondida por alguns alunos em tópicos, alguns copiaram o que eu havia escrito no quadro e outros elaboraram suas respostas.

	Atividade 4 – Questão 1
A resposta escrita no quadro:	O morador A é produtor de arroz. O morador B é agricultor, produz caixa de banana e carvão de eucalipto. O morador C produz banana e eucalipto.
Resposta em tópicos	Aluno Alan Morador A: produtor de arroz. Morador B: agricultor, caixa de banana e eucalipto. Morador C: produz banana e eucalipto
Resposta elaborada por alguns alunos	Aluno Gustavo O morador A é produtor de arroz. O morador B é agricultor e produz caixa de banana e carvão de eucalipto. Possui 12 mil pés de eucalipto. O morador C produz banana e eucalipto. Aluna Iara Eles são agricultores, produzem bananas, eucaliptos e pés de pino. Aluno Felipe Eles são agricultores. Produzem basicamente banana e eucalipto e arroz.

Assim, embora tenha escrito no quadro, alguns utilizaram as mesmas informações, mas construíram outras frases, outros incluíram informações que estavam no texto, mas que não foram colocadas no quadro, como a respostado aluno Gabriel.

Muitos alunos responderam a questão dois, três e quatro copiando a resposta do quadro. A questão cinco apresentava um trecho do texto “Desastre Ambientais e Políticas Públicas em Santa Catarina”, de autoria dos historiadores Eunice Nodari e Marcus Espíndola. No trecho há informações sobre os principais fatores que contribuem para a ocorrência de desastres naturais em Santa Catarina, em áreas urbanas e rurais. Após este texto havia duas questões: “Que interferências dos seres humanos e modificações na natureza você acredita que possa ter influenciado no desastre? O que pode ser feito para evitar novos desastres na região?”

Os alunos apontaram, em suas respostas, que as plantações, as construções de casas em áreas de risco e o desmatamento foram as interferências humanas que poderiam ter

influenciado no desastre no Morro do Baú. Na resposta da questão B, os alunos apontaram medidas para evitar novos desastres: plantar árvores nativas, não construir casas em área de risco, não invadir lugares impróprios. Considero importante ressaltar que ambas as questões os alunos formularam suas respostas, ou seja não foi escrito no quadro. Apesar de termos discutido as questões, o termo “área de risco” não está presente em nenhum depoimento dos moradores, nem mesmo nos textos que compõem a atividade. Assim como o termo “lugares impróprios”. Isso significa que os termos apareceram durante a discussão da atividade e acabou sendo incorporado pelos alunos nas respostas. Somente um aluno escreveu “lugares perigosos” ao invés de área de risco ou locais impróprios.

Após a releitura das atividades, percebi também que alguns alunos, na questão A, não associaram o trecho “no desastre” ao desastre do Morro do Baú, assim acabaram respondendo errado. De modo que, esses alunos colocaram como interferências humanas que influenciaram o desastre: a poluição, o lixo, “manter limpa a cidade”. Talvez, seria necessário reformular a questão ou discutir mais a interpretação da questão com os alunos.

As atividades e textos deste eixo tiveram papel importante, pois permitiram a apresentação, o estudo e a discussão de conceitos que seriam utilizados pelos alunos no Trabalho de Pesquisa. Também os objetivos das atividades estavam relacionados ao Trabalho, como por exemplo, ocorreu com esta atividade sobre o morro do Baú. Reconhecer o depoimento como fonte de pesquisa histórica e saber respeitar as diferentes opiniões, procurando confrontar e buscar novas informações foram habilidades desenvolvidas nesta atividade que auxiliaram no andamento do Trabalho de Pesquisa que será apresentado adiante.

4.2.2 O Trabalho de Pesquisa: A ressaca de 2010 na Praia da Armação

Para efetivar nossa proposta de educação patrimonial, eu e meu colega elaboramos o Trabalho de Pesquisa intitulado “A Ressaca de 2010 na Praia da Armação”. Entre os principais objetivos desse trabalho estavam: refletir sobre a Ressaca ocorrida em 2010 na Praia da Armação utilizando a categoria “desastre socioambiental” e estudar os diferentes discursos que podem surgir em um mesmo processo ou acontecimento histórico. Foram criadas cinco etapas para elaboração do trabalho: criação do roteiro de entrevistas, as entrevistas, análise de jornais na internet e criação dos textos comparativos e montagem dos painéis. Durante todas estas etapas foram necessárias modificações no nosso planejamento, por diferentes motivos: o tempo, sugestão dos alunos, sugestão das orientadoras, novas ideias.

Assim, escreverei sobre como ocorreu cada etapa, as modificações feitas e o resultado do Trabalho de Pesquisa.

A primeira etapa ocorreu na terceira semana de aula, no planejamento estava marcado para antes, mas devido à greve de ônibus muito alunos faltaram no dia indicado para a apresentação do Trabalho e criação do roteiro de entrevistas. No dia 1 de junho apresentei o Trabalho aos alunos, para isso entreguei o roteiro com as principais orientações: número de alunos por grupo (quatro), as categorias que seriam entrevistadas, orientações para as entrevistas, breve apresentação das outras etapas. Também neste dia entregamos para cada equipe o Caderno de Pesquisa.

A criação do roteiro de entrevista foi muito interessante e a participação dos alunos foi muito importante. Embora eu e meu colega já estivéssemos com as questões previamente prontas, consideramos importante a elaboração do roteiro junto com os alunos. A amostra de entrevistados era composta por cinco categorias: morador com mais de 70, morador com menos de 30, pescador, surfista e comerciante. A criação dos roteiros foi um passo muito importante para que os alunos identificassem as peculiaridades de cada categoria. Surgiram questões como: “Por que entrevistar uma pessoa com menos de 30 e não menos de 50?”, “Não podemos entrevistar a Grazi [diretora]”? A aluna Roberta também comentou “Mas pra que eu vou entrevistar pescador, eu tenho um tio pescador, eles só mentem!”. Argumentei que nosso objetivo não era descobrir a verdade, mas sim as diferentes opiniões e visões sobre o mesmo acontecimento, da mesma forma como havíamos visto na Atividade 4 sobre os moradores do Morro do Baú. Para conseguir chegar às perguntas que eu e meu colega havíamos formulado, fiz diversas questões: “o que os pescadores pode nos informar? Quais informações precisamos saber a respeito de todos os entrevistados? Qual a diferença entre uma pessoa com 30 anos e uma pessoa com 70 anos? Qual o nosso objetivo com essas entrevistas? Assim criamos o seguinte roteiro:

	ROTEIRO DE ENTREVISTA
Gerais	Qual é seu nome? Qual é sua idade? O que você faz? Onde nasceu? Há quanto tempo mora no Bairro da Armação? O que você sabe sobre a Ressaca? Por que você acha que aconteceu a Ressaca de 2010?
Pescador	De que forma a Ressaca interferiu ou afetou na pesca?
Morador com mais de 70 anos	Como era a praia quando o senhor (a) era jovem/criança?

Morador com menos de 30 anos	Você percebeu mudanças na praia desde que você frequenta? Quais?
Comerciante	Suas vendas e seu lucro foram prejudicados?
Surfista	A ressaca influenciou a prática do surf?

Roteiro para o Trabalho de Pesquisa elaborado em conjunto com os alunos.

Essas indagações foram bem discutidas durante a criação dos roteiros, isso ficou claro nas perguntas dos alunos. Como na questão que Camila fez: “Mas e se eu conheço uma mulher de 50 anos, que é dona de casa e não se encaixa em nenhuma dessas categorias, então eu não posso entrevistar ela? E se ela perdeu a casa dela na Ressaca?” Num primeiro momento, respondi que deveríamos focar nas categorias para depois poder analisar os argumentos dos entrevistados. Contudo, após a orientação, a professora Andréa sugeriu que acatássemos a ideia da aluna e acrescentássemos outra categoria. Então, na aula seguinte, informei que havia refletido sobre o que a aluna havia dito, e resolvi que cada aluno deveria ainda entrevistar uma pessoa que se encaixasse em uma categoria, mas que caso encontrassem alguém que não se encaixava na categoria, mas que tenha sido afetado pela Ressaca, eles poderiam entrevistá-la também. Todas as perguntadas, após discutidas com a turma, foram escritas no quadros e copiadas pelos alunos. No final desta aula, orientei que fizessem uma capa para o Caderno de Pesquisa e colocassem o nome dos integrantes do grupo. Também foi solicitado que escrevessem as questões do roteiro no Caderno de Pesquisa.

Em nosso planejamento, não havíamos planejado uma aula para orientar alunos durante a realização do trabalho, apenas alguns minutos finais das aulas foram reservados para isto. Começamos a perceber que alguns não estavam fazendo as entrevistas e que outros estavam tendo dificuldades com os próprios colegas do grupo. Acredito que por estar na Universidade, acabamos esquecendo de que alunos dos anos finais não têm tanta autonomia como os alunos de graduação, e que era necessário acompanhamento durante as etapas do Trabalho. Isso foi comentado em uma de nossas reuniões de orientação com as professoras Daniela e Andréa. Foi, então, sugerido que planejássemos as duas aulas seguintes para sentarmos com os grupos e auxiliar no Trabalho.

Neste momento alguns grupos já estavam produzindo seu texto comparativo, outros nem haviam realizado as entrevistas. Assim, organizamos os alunos em grupos, expliquei o que seria um texto comparativo, que este deveria conter os argumentos semelhantes e diferentes dos entrevistados e orientei que os grupos fossem elaborando o texto, enquanto eu e minha dupla iríamos passar discutindo o trabalho com cada grupo.

Este momento foi muito importante para o desenvolvimento do trabalho. Percebi que os alunos tinham dúvidas, que não estavam claras, como, por exemplo, se poderiam ir juntos fazer as entrevistas, o que fazer se só tivessem gravado a entrevista. Para orientar, eu sentava com cada grupo, assim como meu colega, e solicitava o Caderno de Pesquisa. Eu lia o Caderno, via o que estava anotado, pois comentei nas aulas que todas as etapas deveriam estar registradas no Caderno de Pesquisa. Após ler o Caderno, eu questionava sobre o andamento do trabalho ao grupo, se já haviam feito todas as entrevistas, se tinham alguma dificuldade de encontrar pessoas para entrevistar, se haviam entendido o que era um texto comparativo. Assim, para cada grupo eu escrevia notas diferentes no Caderno, isso foi muito importante para auxiliar o acompanhamento do trabalho. Além de anotar no Caderno de Pesquisa, também anotava no meu caderno a situação de cada grupo, quem havia feito entrevista, quais as dificuldades. Esta ação foi importante para que os alunos percebessem que estávamos acompanhando todo o processo, e que isso estava sendo avaliado, não somente o resultado, mas o andamento do trabalho.

A terceira etapa foi a análise dos jornais na internet. Esta etapa sofreu algumas modificações: acabamos selecionando as duas notícias que seriam analisadas, ampliamos o roteiro de análise das notícias, optamos por deixar os alunos escrever o texto comparativo em casa. Fizemos uma reunião com a professora responsável pela Sala de Informática e deixamos salvos os dois *sites* nos computadores, para os alunos procurar o *link* nos favoritos do computador e não fazer uma busca no Google, como estava no planejamento anterior. Optamos por analisar uma notícia de um jornal local, o *Jornal do Campeche*, e outra em nível nacional, a *Folha de São Paulo*. Escolhemos ampliar o roteiro para direcionar a análise dos alunos que poderia ficar muito vaga com o roteiro anterior. Assim dividimos os alunos em grupos de 4 alunos e cada dupla ficava responsável em analisar um jornal. Deixamos claro que os alunos deveriam entregar as respostas do roteiro de análise das notícias naquele dia, então seria importante aproveitar muito bem o tempo na Sala de Informática.

No novo roteiro ampliamos as questões, criamos questões sobre as imagens das notícias, quem era o autor, qual a data da notícia. Foram questões importantes para os alunos identificarem que o jornal possui autores, as informações apresentadas na notícia devem ser retiradas de algum lugar, fornecidas por algum entrevistado que deveria ser apontado pelos alunos também.

As análises dos jornais ficaram muito boas. Nós conseguimos auxiliar bastante os alunos na análise dos jornais. Os alunos ficaram bastante espantados ou impressionados ao perceber que a *Folha de São Paulo* noticiou a Ressaca na Praia da Armação. As notícias

analisadas continham algumas palavras difíceis como “inviabilizou” e “revitalização”, mas que foram substituídas por sinônimos pelos alunos, o que demonstra que compreenderam seu significado. Todos identificaram os entrevistados das notícias e as opiniões deles, também os autores e o nome do jornal. O tempo na Sala de Informática foi muito bem aproveitado, todos conseguiram concluir esta etapa do trabalho e as respostas ficaram muito boas.

Após a aula na Sala de Informática, eu e meu colega recolhemos e corrigimos as respostas da análise dos jornais e entregamos para os alunos na aula seguinte. Iniciamos a elaboração dos painéis, cujo objetivo era apresentar o trabalho ao público e, assim, deveriam conter o texto comparando os jornais com as entrevistas, fotografias ou imagens que tivessem sido coletadas pelos alunos, e também trechos das entrevistas. Cada grupo recebeu uma cartolina e dedicamos três aulas para montar o painel. Foi numa destas aulas dedicadas ao trabalho que conheci “barulho produtivo”, que segundo a professora Daniela é aquele momento onde há barulho na aula, pois todos estão falando, mas é um barulho necessário, visto que todos os alunos estavam discutindo o trabalho. Nestas três aulas destinadas a montagem do painel, eu e meu colega ficamos orientando os grupos.



Trabalho em grupo realizado em sala de aula, com orientação dos estagiários.

Na maior parte do tempo meu colega insistiu em um grupo que não estava fazendo nada, que não havia realizado as entrevistas e que não estava interessado em concluir o trabalho. Apenas um aluno do grupo se esforçou, mas sozinho não daria conta do trabalho, pois precisava das

entrevistas dos demais colegas para fazer o texto comparativo. Eu auxiliei os demais grupos que demonstraram bastante interesse e criatividade na montagem dos painéis. Alguns grupos estavam escrevendo o texto comparativo, mas não tiveram muitas dificuldades, pois todos conseguiram pontuar bem o que haviam lido nos jornais e ouvido e anotado nas entrevistas.

As apresentações dos trabalhos aconteceram nas últimas duas aulas do estágio e foi um momento muito importante. Questionei os grupos sobre o processo do trabalho: quantas entrevistas foram feitas, quais as categorias de sujeitos que eles haviam entrevistado, as dificuldades que tiveram, o que concluíram com as análises dos jornais e com as entrevistas, o que acharam do trabalho.

O primeiro grupo a apresentar era formado por quatro meninos. O grupo optou por fazer as quatro entrevistas juntos, e levaram um gravador, assim no Caderno de Pesquisa há um resumo de cada entrevista. Como todos haviam realizado todas as entrevistas, durante a apresentação eles se interrompiam, pois um lembrava algo que o outro não havia comentado. Eu já havia pontuado com este grupo que foi muito bom os quatro terem ido juntos fazer as entrevistas, pois cada um registrou de maneira diferente a entrevista. Durante os momentos de construção do texto comparativo, eles iam recordando das falas dos entrevistados juntos. O grupo argumentou muito bem sobre as diferenças que percebiam entre os depoimentos dos entrevistados e os jornais.

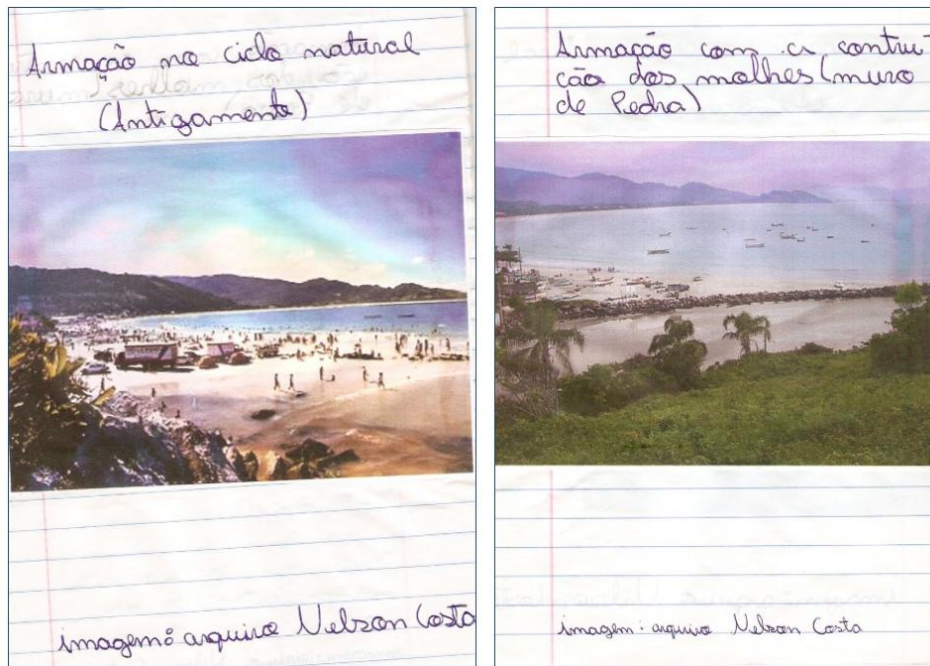


Grupo durante a apresentação do trabalho em sala de aula.

O segundo grupo era formado por duas alunas e dois alunos. Este grupo optou por fazer as entrevistas individualmente. Uma aluna entrevistou um morador com mais de 50 anos que já atuou como bombeiro na praia, e que mora no bairro há 19 anos. Ela bateu foto do momento da entrevista, e também colou no Caderno de Pesquisa os desenhos que Nelson, o seu entrevistado, fez sobre como a criação do molhe afetou o fluxo do mar. Num trecho da entrevista, Nelson comentou que “a praia ficou desconfigurada, pois houve remanejamento de suas areias pela alteração da corrente marítima devido a intervenção do homem”.



A aluna também coletou imagens do arquivo de Nelson e, ao inseri-las no Caderno de Pesquisa, registrou a fonte: “arquivo Nelson Costa”. As imagens são da Praia da Armação em diferentes momentos:

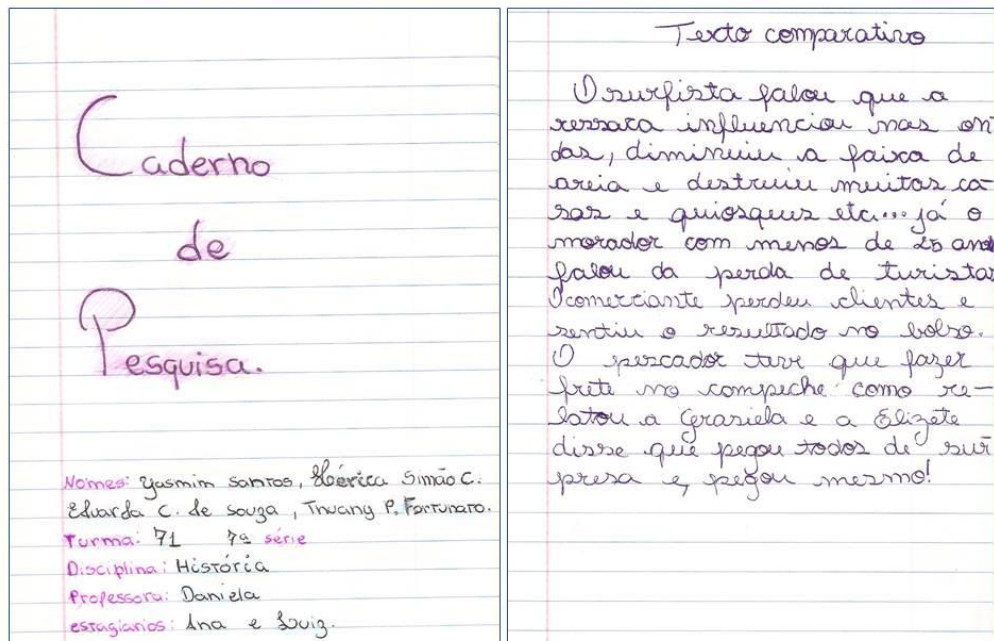


Fotografias coladas no Caderno de Pesquisa de um dos grupos.

Os outros alunos do grupo entrevistaram também um pescador, uma argentina que mora há 10 anos no bairro. Assim, perceberam que as modificações apontadas por Nelson, também afetaram os demais entrevistados, conforme a conclusão do grupo escrita no Caderno de Pesquisa: “o grupo ao analisar os entrevistados, conclui que com as mudanças que houve na praia da Armação, trouxe prejuízos enormes para a comunidade”.

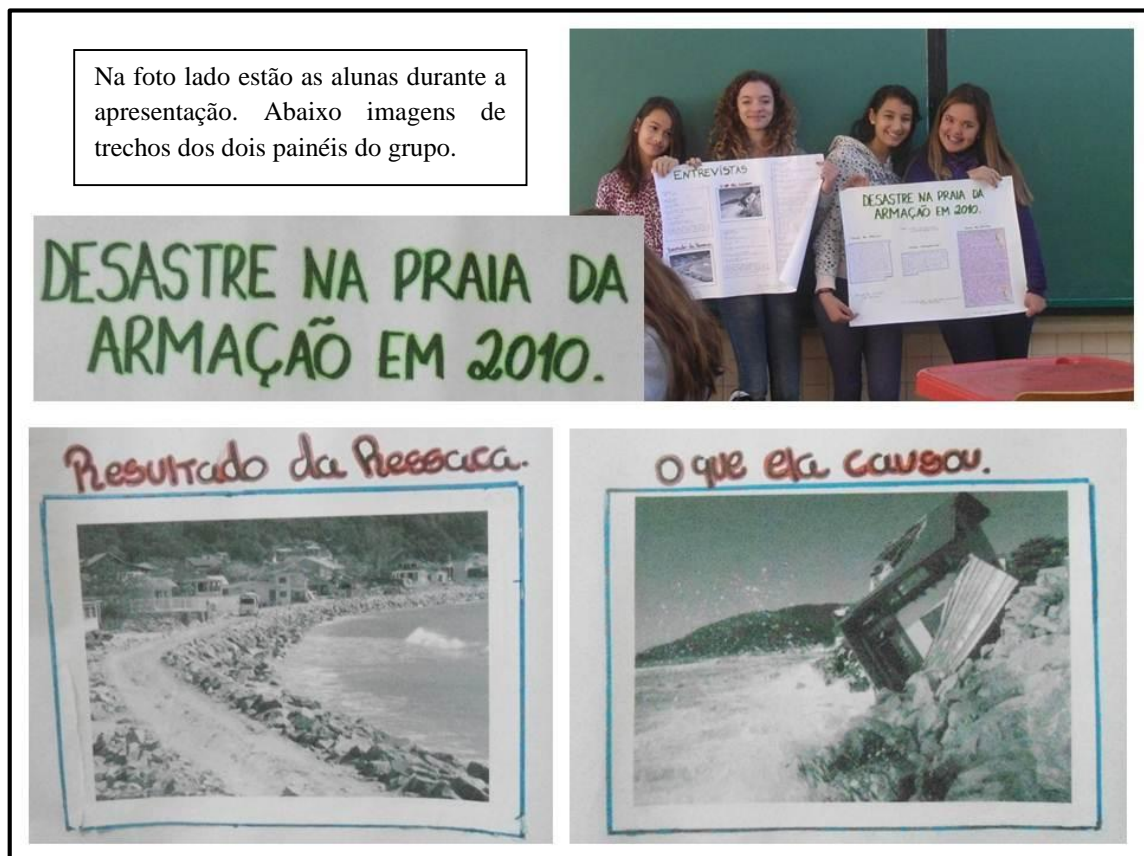
O grupo formado por quatro meninas foi o terceiro a apresentar o trabalho. As meninas fizeram mais do que o número de entrevistas solicitadas, totalizando sete entrevistas. As alunas conseguiram entrevistar todas as categorias, o que tornou o trabalho muito rico. Algumas entrevistas foram realizadas pelo grupo, outras apenas por uma ou duas alunas. No seu Caderno de Pesquisa há o texto comparativo do grupo, que conseguiu identificar e articular as diferentes opiniões dos entrevistados:

O surfista falou que a ressaca influenciou nas ondas, diminuiu a faixa de areia e destruiu muitas casas e quiosques. Já o morador com menos de 2 anos falou da perda de turista. O comerciante perdeu clientes e sentiu o resultado no bolso. O pescador teve que começar a fazer frete no Campeche. E como relatou a Grasiela e a Elizete, a ressaca pegou todos de surpresa, e pegou mesmo!



Exemplo de texto comparativo elaborado pelos alunos e registrado no Caderno de Pesquisa.

O painel do grupo também ficou muito caprichado, além de terem usado canetinhas para decorar e papel colorido, também há fotos em um dos painéis (o grupo fez dois). As alunas ainda escreveram frases que consideraram importante da entrevista no painel e nos textos comparativos.



O grupo formado por três meninos apresentou um painel também muito decorado e colorido. Eles entrevistaram três pessoas: uma comerciante de 51 anos e dois moradores com mais de 70 anos. Algumas entrevistas o grupo realizou junto, outras um aluno foi sozinho. No texto comparativo conseguiram pontuar as semelhanças e diferenças nas falas dos entrevistados:

Luiz e dona Teru disseram que foi por causa do homem que destrói tudo, que isso está acontecendo, já a Dona Nora diz que é por causa do aquecimento global. Também concordaram da longa faixa de areia na praia e menos casas perto da praia. Todos nasceram em lugares diferentes e nem todos acham que foi por causa do homem que isso aconteceu.⁶⁰

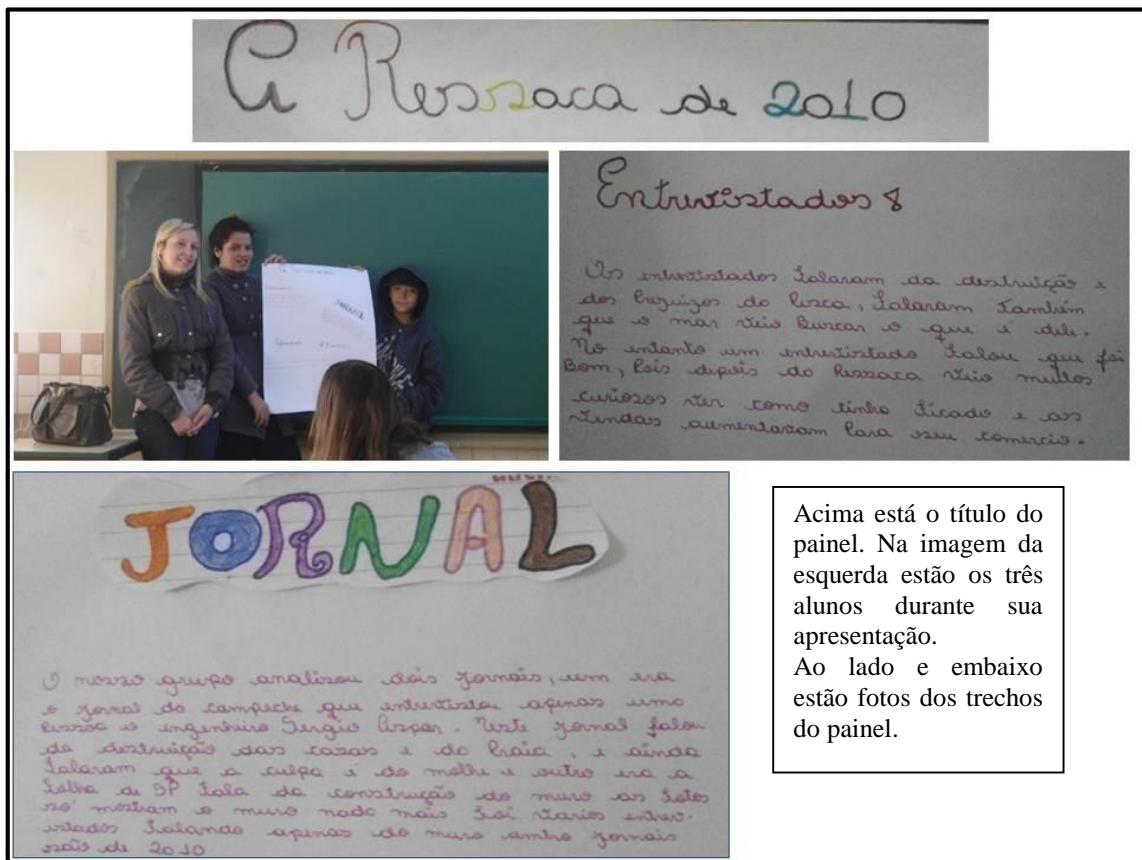
O grupo também identificou no texto dos jornais cada informação, como, por exemplo, quem eram os entrevistados, o que eles argumentavam. Os alunos souberam apontar muito bem a opinião dos entrevistados, como a de dona Nora que culpa o aquecimento global e dona Teru que culpa as chuvas pela Ressaca.



O último grupo a apresentar era formado por duas meninas e um menino. Havia mais uma aluna no grupo, mas durante o estágio ela saiu da escola. O grupo entrevistou um

⁶⁰ Trecho de texto comparativo produzido por um dos grupos.

pescador, um comerciante e um surfista. O Caderno de Pesquisa possui algumas perguntas feitas aos entrevistados e um breve texto comparativo. Como as entrevistas só foram realizadas quando já estávamos elaborando o painel, o grupo escreveu o texto comparativo no próprio painel. Durante a apresentação os alunos demonstraram ter percebido diferenças nas falas dos entrevistados e nas informações dos jornais. Comentaram que, como a notícia tem um “foco”, muitas informações deixam de ser noticiadas. Apesar de terem escrito um sucinto texto comparativo, durante a apresentação conseguiram apontar de forma clara os diferentes argumentos de cada objeto analisado: entrevistas e jornais.



O Trabalho de Pesquisa “A Ressaca de 2010 na Praia da Armação” foi muito positivo. Os alunos conseguiram reconhecer os depoimentos como fonte de informação. A aluna Roberta, por exemplo, havia comentado quando estávamos elaborando o roteiro das entrevistas que não iria entrevistar pescador, por eles só “contam mentiras”. No fim acabou entrevistando seu tio que é pescador, e no trabalho destacou as percepções dele, identificando-o como entrevistado e respeitando seus argumentos. Os alunos perceberam que as entrevistas podem trazer novas e diferentes informações sobre um mesmo acontecimento noticiado em diferentes jornais. Perceberam que as notícias, embora tratem sobre a ressaca, possuíam conteúdos diferentes. A discussão no final das apresentações foi muito proveitosa e os alunos

também reconheceram a Ressaca como um desastre socioambiental. Um dos grupos colocou como título do trabalho “Desastre na Praia da Armação em 2010”. O Trabalho de Pesquisa possibilitou a discussão de um tema conhecido pelos alunos, a Ressaca, mas com outro olhar, que permitiu perceber os moradores como sujeitos históricos que vivenciam as mudanças e acontecimentos no tempo.

4.3 O ESTÁGIO SOB A PERSPECTIVA DOS ALUNOS

A Escola Dilma Lucia dos Santos nunca havia recebido estagiários, éramos o primeiro grupo a estagiar na escola. Tive bastante preocupação ao longo das aulas para deixar claro aos alunos que éramos ainda estudantes do curso de História da UFSC, que nós, eu e meu colega, havíamos criado todo o material didático, os textos e atividades, que a professora Andréa era quem nos orientava na UFSC. Expliquei que os momentos de observação foram importantes para podermos conhecer a turma e elaborar o material didático.

No último dia de aula, após as apresentações dos trabalhos, foi solicitado que os alunos escrevessem um pequeno texto sobre o que acharam do estágio. Isso foi pedido pela professora Daniela, pois seria importante que a opinião dos alunos fosse registrada. Os textos escritos pelos alunos ficaram comigo e uma cópia com a Escola.

Identifiquei nos textos que os alunos nos reconheceram como estagiários, principalmente como professores em formação. Em seu texto André escreveu:

o estágio dos professores (alunos da UFSC) foi muito legal. Eles falaram bastante ou começaram a falar sobre um assunto que eu não sabia sobre a ressaca porque eu estou morando na Armação a mais ou menos um ano e meio. Consegui ter uma relação legal com os professores (alunos da UFSC). Foi muito bom saber sobre a ressaca e também não foi muito difícil o assunto da ressaca, mas parte difícil para mim foi a parte de sair para fazer as entrevistas. Valeu “professores”.

Em todos os momentos do texto em que André escreve sobre os estagiários, ele coloca o termo professores e entre parênteses “alunos da UFSC”, no final ele coloca professores entre parênteses. André reconheceu os estagiários como professores, mas professores “diferentes”, ainda em formação. O mesmo aparece no texto de Everton:

Eu gostei muito das aulas além de eu não morar na Armação. Foi legal porque a gente teve que sair da escola, a matéria foi interessante e legal, vimos vídeos da Armação antigamente. Gostei dos professores porque eles são estagiários e foi primeira vez que eu estudei com pessoas que estão estudando.

Esta última frase do texto de Everton também demonstra que ele reconheceu os estagiários como professores em formação. Em ambos os textos, de Everton e de André há referência sobre o Trabalho de Pesquisa. André escreveu que os professores “começaram a falar sobre um tema”. Considero isso muito importante, pois durante as aulas as informações sobre a Ressaca foram todas trazidas pelos alunos, assim como o Trabalho de Pesquisa. Não foi elaborado por mim nenhum texto didático sobre esse desastre socioambiental, explicando o que aconteceu ou o que é uma ressaca. Por isso, eu apenas “comecei a falar” da ressaca, apenas introduzi o tema com o vídeo da Dona Germânia. Toda a discussão foi gerada pelas informações que os alunos trouxeram.

O Trabalho de Pesquisa foi citado em muitos textos dos alunos. Uns comentaram que “ficaram falando muito do mesmo assunto sempre”. Outros comentaram que “não tinham feito nenhum trabalho desse e foi bem interessante saber a opinião dos entrevistados”. Os alunos não identificam mais as pessoas que entrevistaram pelos nomes e sim como “entrevistados”. Isso demonstra o respeito dos alunos com a opinião das pessoas, pois eles percebem os entrevistados como uma categoria, um grupo que colaborou com a pesquisa.

A participação dos alunos no estágio foi incrível, não só nas aulas durante a leitura dos textos e na execução das atividades. Mas também na elaboração do Trabalho de Pesquisa e no cotidiano da aula. No início, eles ainda olhavam para a professora Daniela durante a aula, fazendo comentários e questões. No entanto, no decorrer das aulas, os “estagiários”, os “alunos da UFSC”, as “pessoas que estão estudando” tornaram-se a referência na sala de aula. As questões passaram a ser feitas então a mim e ao meu colega. A professora Daniela continuava na sala de aula, mas agora não se reportavam mais a ela, pois já havia outros “professores” ali.

5. MEU ESTÁGIO OBRIGATÓRIO: DESAFIOS, VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS

A experiência do estágio obrigatório é relatada por muitos alunos do curso de História. Nem sempre o estágio é relatado de forma positiva. No entanto, comigo foi diferente. O estágio possibilitou vivências e aprendizados que me surpreenderam.

Num primeiro momento, ficamos focados no planejamento. A primeira aula começou muito antes das 7:45 da manhã do dia 15 de maio. Começou com todo o trabalho realizado desde março. Elaboração do projeto de ensino, dos planos de aula, atividades, textos didáticos. Muitas vezes faltou criatividade e disposição para tudo, pois foi muito trabalho para pouco tempo. Afinal, não foi só elaborar, tivemos que reelaborar, refazer, replanejar, reorganizar! Há também, neste momento “pré-aula”, a aflição, o receio sobre o momento de quando iremos entrar em sala de aula.

Quando iniciou as aulas, o medo tomou conta. Perceber que as aulas planejadas com tanto cuidado estavam tomando um rumo totalmente diferente. Foi assustador! A sensação de que não daria conta do estágio surgiu. Na segunda semana foi a minha vez de “dar aula”. Foi passado um vídeo e feito uma atividade com os alunos. Apesar das mãos trêmulas, das diversas olhadas no meu planejamento para conferir se não havia esquecido nada, e da fala rápida, tudo ocorreu bem.

Semanas passaram, lemos e discutimos textos, fizemos atividades, escrevemos no quadro, assistimos vídeos, vimos imagens. Para mim o que mais chamou atenção foi minha relação com os alunos. Foi meu grande desafio. A relação que estabeleci com eles no início do estágio mudou muito até o final das aulas. Até porque planejamos cada detalhe das aulas, mas não tínhamos como prever a reação dos alunos. O conflito com alguns alunos logo nas primeiras aulas me fez refletir muito. Repensar sobre como seria minha postura e como seria a relação que gostaria de estabelecer com eles. Para isso foi fundamental as reuniões, o apoio das professoras Daniela e Andréa me ajudou muito neste momento. Suas vivências me fizeram mudar de atitude, “olhar para o quadro e respirar” quando necessário e também “Pensar antes de agir”.

O tempo foi outro desafio do estágio. Foi difícil nas primeiras aulas tentar não se preocupar com o tempo, porém também tomar cuidado com o horário da aula. Às vezes, acabei alterando o ritmo da aula preocupada em não dar conta do conteúdo. Outras vezes me perdia, ao me preocupar em usar o quadro, questionar os alunos, retomar o tema da aula. São tantos detalhes para 45 minutos!

Foi durante a minha experiência pedagógica que repensei a minha concepção de barulho. O que antes era sinônimo de bagunça passou a ser associado com produção conhecimento. Conheci o “barulho produtivo”, e descobri que ele acontece no momento em que ocorrem atividades em grupo e os alunos fazem um barulho para poder discutir e fazer a atividade. Descobri que nem sempre é automático ou natural usar o quadro, às vezes você esquece e às vezes você usa demais! Percebi que a relação aluno-professor é muito complexa e na verdade ainda estou refletindo sobre ela.

Escrever o Diário de Aula possibilitou desabafar, escrever o que naquele momento estava me agoniando, o que me chamava mais atenção. Ao reler, percebi como envolvi muitas pessoas durante este momento. Foram familiares, amigos, orientador, todas as pessoas próximas (também as não tão próximas) sabiam que eu estava no estágio obrigatório. Escrevi no diário algumas palavras chaves, que resumem rapidamente as aulas. Também coleí imagens relacionadas com o que havia escrito. Entre elas estão relógios fazendo referência ao tempo, quadrinhos e uma figura sobre o cansaço.

Mas na capa resolvi colocar imagens alegres, por que no fim foi uma vivência incrível. Apesar de no fim estar cansada, não querer mais acordar às 5 da manhã toda terça-feira, não conseguir dormir nas vésperas da aula, eu gostei muito do estágio. Poder dar aula tendo dois meses para planejamento, com orientação quase diária, além de dar aula com duas professoras que depois se reuniam para conversar sobre a aula gerou muito aprendizado. O estágio não foi feito só por mim, mas por várias pessoas que dedicaram para que ele ocorresse entre elas as professoras e orientadoras Andrea e Daniela, a minha dupla dinâmica de estágio Luís, também os colegas da disciplina e todos os profissionais e alunos da escola Dilma Lúcia dos Santos.

O meu estágio trouxe desafios, vivências e experiências, mas também trouxe questionamentos, reflexão e dedicação. O carinho dos alunos durante as aulas e principalmente no último dia deixou boas lembranças. Dá até uma saudade de ouvir “Oh professora Ana”, “ai outra atividade”, “faltam 5 minutos para acabar sua aula”, “você são o que professora? Alunos da UFSC?”, “é para colar no caderno?”. São momentos e aprendizados que somente o estágio pode propiciar.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADA E SILVA, José Bonifácio. **1763-1838 José Bonifácio de Andrada e Silva**. Org. por Jorge Caldeira. São Paulo: Ed. 34, 2002.

ARRUDA, Gilmar. Natureza: Uma nova "sala de aula" para o ensino de história. In: OLIVEIRA, Margarida Dias de; CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. **Ensino de História: Múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços**. Natal: EDFURN, 2008.

ARRUDA, Gilmar. O Chão de Nossa História: Natureza, Patrimônio Ambiental e Identidade. **Patrimônio e Memória**, Assis, v. 2, n. 2, p.117-132, 14 dez. 2006. Disponível em: <http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v2.n2/home4.html>. Acesso em: 29 out. 2012.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História - Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. História local e seu devir historiográfico. **MÉTIS: história & cultura**. v. 2, n. 2, p. 11-32, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1084/734>> Acesso em 25 fev. 2013.

DELGADO, Andrea Ferreira; OLIVEIRA, Ilse Leone Borges Chaves de. Educação patrimonial como experiência interdisciplinar: patrimônio e memória na Cidade de Goiás. **Revista Solta a Voz**, Goiás, v. 19, n. 2, 2009. Disponível: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sv/article/view/5902/4606>> Acesso em 25 fev. 2013.

ESPÍNDOLA, Marcus Aurélio; FAGUNDES, Luis Guilherme; LOPES, Alfredo Ricardo Silva; **Desastres Ambientais em Santa Catarina: A perspectiva dos periódicos da segunda metade do século XIX até o início do. 2º Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações**; set/2012; UFSC. Florianópolis: 2012.

FLORIANÓPOLIS. Escola Básica Municipal Professora Dilma Lúcia dos Santos. **Projeto Político Pedagógico**. Florianópolis, 2010.

FLORIANÓPOLIS. **Matriz Curricular**. Ensino Fundamental de 9 anos. Florianópolis, 2011.

FONSECA, Selva Guimarães. Ensinar História através de projetos de pesquisa. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v.3, n.18, nov/dez 1997, p. 49-56.

GARCIA, Tania Braga; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O trabalho histórico na sala de aula. **História & Ensino**, Londrina, v. 9, p. 219-238, out. 2003.

GAUTHIER, Clermontet al. **Por uma teoria da pedagogia**. Pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 1998.

GODIM, Letícia. **Histórico do Projeto Entorno Escolar- Escola Dilma Lucia dos Santos**. Florianópolis: 2012.

LEITE, Ilka Boaventura (Org.). **Negros no sul do Brasil**: invisibilidade e territorialidade. Ilha de Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 1996.

LOPES, Alfredo Ricardo Silva. “**A Lagoa do Sombrio Corre que Desaparece**”: uma história ambiental da Degradação e o Atual Debate sobre a Preservação da Lagoa de Sombrio (1960-2010). 2011. 133 p. Dissertação (Mestrado em História) - UFSC. Florianópolis. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0395-D.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2012.

LOPES, Alice C.; **Conhecimento escolar**: ciência e cotidiano. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 1999. p. 228. Disponível em: <http://www.sistemasconsultoria.com.br/mecm/artigos_livros_outros/ALICE_RIBEIRO_CASIMIRO_LOPES_livro_Conhecimento_escolar_ciencia_e_cotidiano.pdf> Acesso 17 nov. 2012.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. Conhecimento escolar: inter-relações com conhecimentos científicos e cotidianos. **Contexto & Educação**. IJUÍ: UNIJUÍ, v.11, n. 45, p. 40-59, jan./mar. 1997.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica (1750-1850). In: Fragoso, João Luis Ribeiro; Florentino, Manolo G.; Sampaio, Antonio Carlos Jucá; Campos, Adriana. (Org.). **Nas rotas do império**: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português. Nas rotas do império: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português. Vitória; Lisboa; Brasília: Ed. UFES; Instituto de Investigações Científicas Tropicais; CNPq, 2006.

MATTOZZI, Ivo. Currículo de História e Educação para o Patrimônio. **Revista em Educação**, Belo Horizonte, n. 47, jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-6982008000100009&lng=en&nrm=isso> Acesso 25 fev. 2013.

MENDES, Simoni. **A Construção sócio-cultural dos desastres ambientais em áreas de colonização alemã no sul do Brasil**: o caso das enchentes em Blumenau (1850 - 1957). Florianópolis, SC, 2012. 151 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.

Módulos do Projeto Santa Afro Catarina: Armação Baleeira e Engenhos no Ribeirão da Ilha, 2011.

MONTELLATO, Andrea. CABRINI, Conceição Aparecida. A história como uma janela para o mundo. **Revista de História**. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/a-historia-como-uma-janela-para-o-mundo>>. Acesso 06 fev. 2013.

PASSOS, André Fernandes dos; BEZERRA, Ederbal; BRANDÃO, Jefte; MACHADO, Míriam Karla. **Módulo “Armações Baleeiras e os Engenhos do Ribeirão da Ilha”**. Programa Santa Afro Catarina. Florianópolis, 2011.

RODRIGUES, Icles; ANDRADE, Rodrigo Prates de. **A História Ensinada na Escola Básica Dilma Lúcia dos Santos: Anos Iniciais e Finais**. Relatório de Estágio. Florianópolis. 2011.

RÜSEN, Jorn. **História viva: Teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Ed. UNB, 2007.

SCHMIDT, Maria A.; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

SCHVEITZER, Ana Carolina; JUNQUEIRA, Luis Fernando. **Organização e usos dos espaços da Escola Dilma Lúcia dos Santos**. Relatório de Estágio. Florianópolis, 2011.

SCIFONI, Simone; RIBEIRO, Wagner Costa. Preservar: Por que e para quem?. **Patrimônio e Memória**, Assis, v. 2, n. 2, p. 105-116, 14 dez. 2006. Disponível em: <http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v2.n2/home4.html>. Acesso em: 28 out. 2012.

SEFFNER, Fernando; PEREIRA, Nilton Mullet. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, dez. 2008. p.113-128

SILVA, Marcos Antonio da; FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 31, n. 60, 2010, p. 13-33.

ZIMMERMANN, Fernanda. A Armação baleeira da Lagoinha: uma grande unidade escravista. In: MAMIGONIAN, Beatriz; VIDAL, Joseane (Orgs.). **Coletânea História Diversa: Africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. No prelo.

ANEXO – Planos de Aula

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
 Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Junqueira
 Professora da turma: Daniela Sbravati

PLANO DE AULA 1

AULAS 1 e 2 - duração de 45 minutos cada

Tema: Conhecimentos prévios dos alunos sobre o bairro da Armação.

Conteúdos:

- A historicidade nas representações do bairro da Armação.
- Localização dos alunos em escalas mundial, nacional, estadual e municipal no tempo-espaço.

Objetivos:

- Conhecer e refletir sobre os conhecimentos prévios dos alunos em relação ao bairro da Armação.
- Apresentar os alunos e os professores.
- Desenvolver habilidades de observação e localização espaciais em escala mundial, nacional, estadual e municipal.
- Reconhecer a diversidade de representações sobre o bairro.
- Respeitar as diferentes representações, sem estabelecer hierarquias entre elas.

Metodologia e estratégias didáticas:

- Apresentação oral dos professores e escrita dos nomes no quadro-negro.
 - Chamada oral para primeira identificação dos alunos.
 - Utilizar o quadro para apresentar a proposta de ensino – temática e avaliação.
 - Trabalho com mapas.
- Utilizar um mapa (político) mundi, nacional, estadual e municipal em preto e branco para que os alunos localizem e pintem, na sequência a) Brasil; b) Santa Catarina; c) Florianópolis;

d) Bairro da Armação. A atividade será individual para que os alunos colem, posteriormente, os mapas no caderno (Atividade 1).

- Trabalho para construção de representações sobre o bairro da Armação.
- Realizar a atividade de representação da trajetória da casa do aluno até a escola, colocando marcos referenciais considerados importantes para ele, a qual iniciará em sala de aula e deverá ser finalizada em casa e trazida na próxima aula.

Material e recursos didáticos:

- Quadro e giz.
- Lápis de cor e instrumentos de colorir.
- Mapa político mundial, nacional, estadual e municipal em preto e branco.
- Atividade 1.
- Atividade 2.

Bibliografia:

LOPES, Alice Ribeiro. Conhecimento Escolar: Interrelação com conhecimento científico e cotidiano. *Contexto & Educação*, Ijuí, v. 11, n. 45, p. 40-59, jan/ mar, 1997b.

LOPES, Alice Ribeiro. Conhecimento escolar: Processo de seleção cultural e mediação didática. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 1, n. 22, p. 95-111, jan/jun. 1997.

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos et al. *Caixa de História: Magé: Guia do Professor*. Rio de Janeiro: Imprinta Express, 2007.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. O ensino de história fora da sala de aula. In *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2010, p. 149-160.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tania Braga. A formação da consciência história de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. *Cadernos Cedex*, vol. 25, n. 67, set./dez. 2005, p. 297-308.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tania Braga. O trabalho histórico na sala de aula. *História & Ensino*, v. 9, out. 2003, p. 223-241.

SCHMIDIT, Maria Auxiliadora. História. In: KUENZER, Acacia Zeneida (Org.). *Ensino Médio: Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 203-231.

Mapas:

Mapa de Florianópolis.

Disponível em http://www.carlacarrara.com.br/utilidade_publica/mapa-ecologico-de-florianopolis. Acesso em 09 abr. 2012.

Mapa de Santa Catarina.

Disponível em http://search.babylon.com/imageres.php?iu=http://www.sul-sc.com.br/afolha/cidades/image/mapasc.gif&ir=http://www.sul-sc.com.br/afolha/cidades/image/mapasc.htm&ig=http://t3.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQcOgwduZnkspgy6_xYLEGTJf18sJNqXvsQ6fk2lWEbnscLKNlYurjV7Wf&h=1281&w=1892&q=sc%20mapa&babsrc=SP_ss. Acesso em 09 abr. 2012.

Mapa do Brasil.

Disponível em <http://www.mapasparacolorir.com.br/mapa/brasil/brasil-estados-uf.png>. Acesso em 09 abr. 2012.

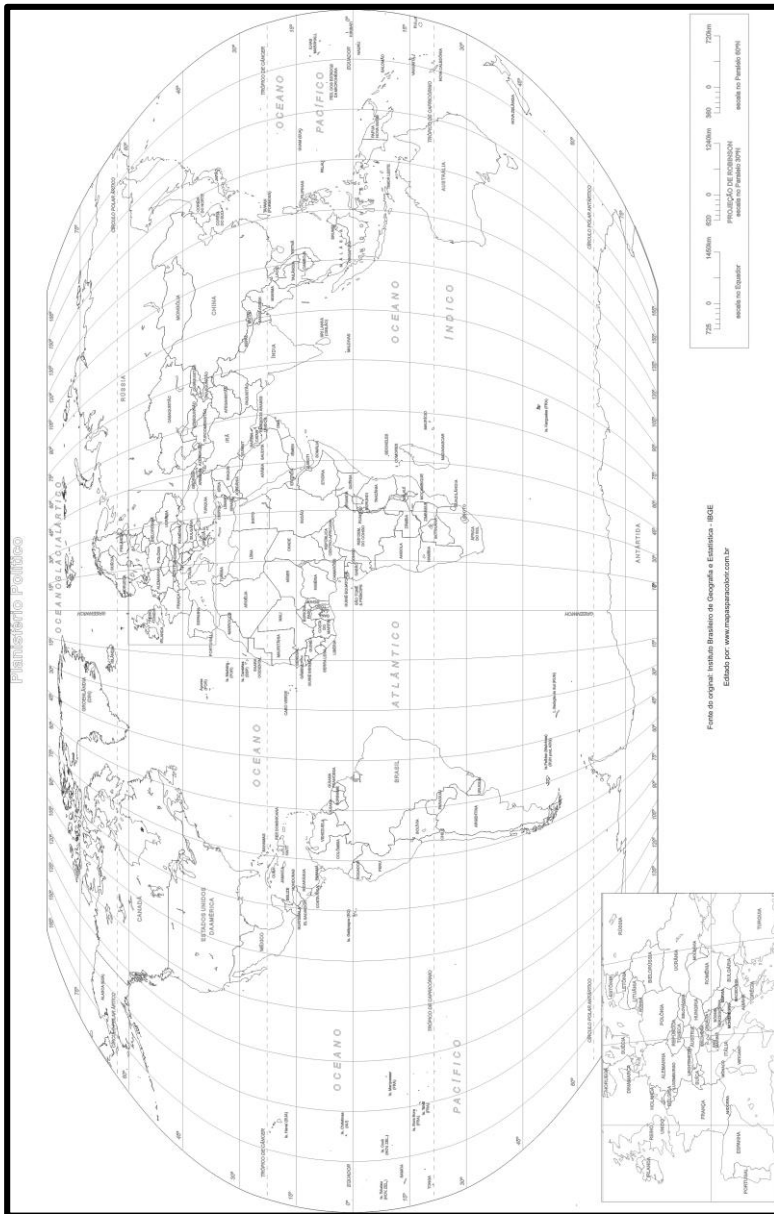
Mapa Mundi.

Disponível em <http://www.mapasparacolorir.com.br/mapa/mundo/mapa-mundi-para-colorir-com-nomes.png>. Acesso em 09 abr. 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Junqueira
Professora da turma: Daniela Sbravati

ATIVIDADE 1

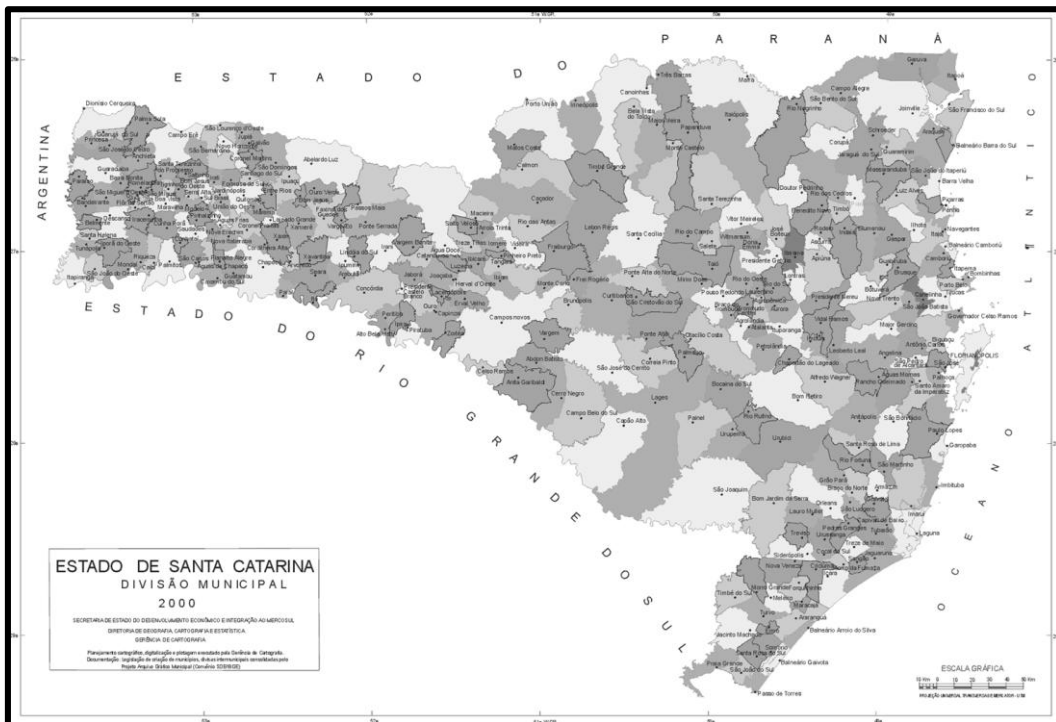
A) Localize e pinte no mapa mundi onde está representado o Brasil.



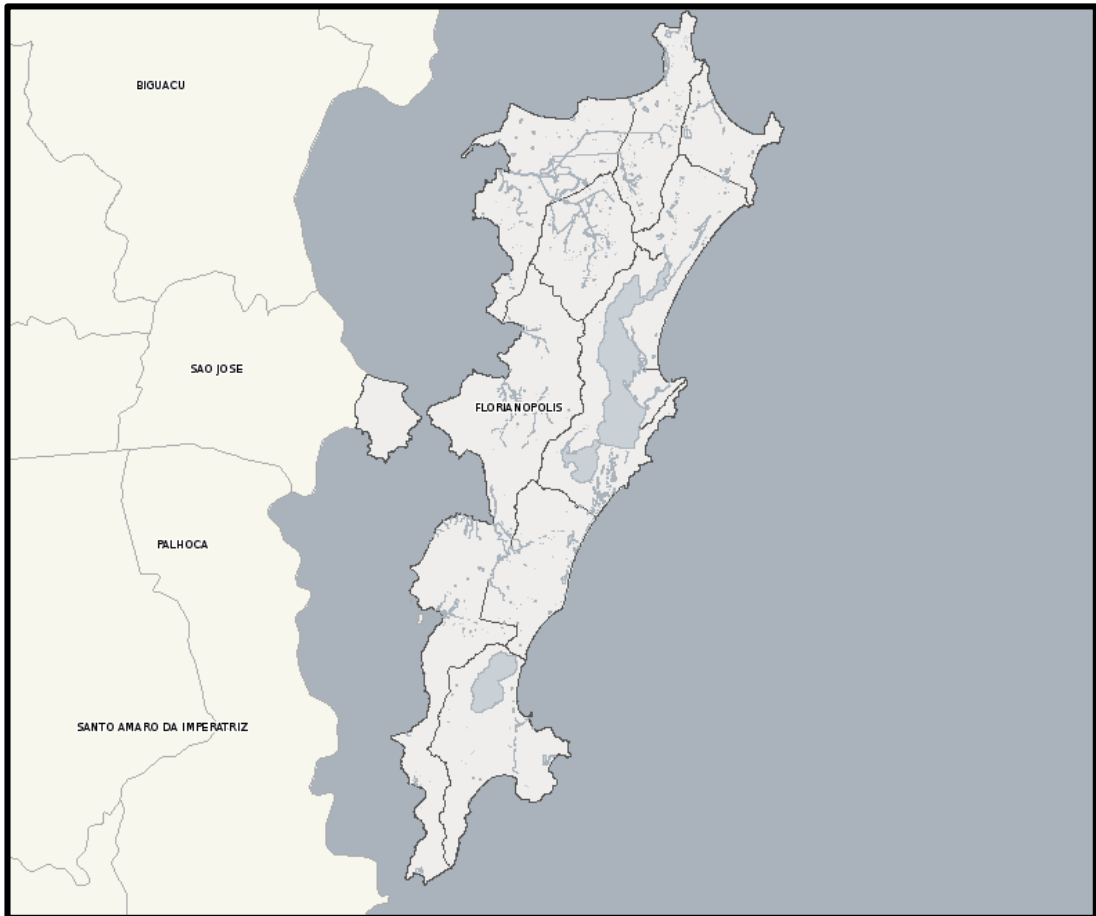
B) Localize e pinte no mapa do Brasil onde está representado o estado de Santa Catarina.



C) Localize e pinte no mapa de Santa Catarina onde está representado o município de Florianópolis.



D) Localize e pinte na representação de Florianópolis onde está localizado o bairro da Armação.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos

Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Junqueira

Professora da turma: Daniela Sbravati

ATIVIDADE 2

Desenhe o caminho que você faz da sua casa até a escola diariamente, ressaltando os pontos que considere importantes.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Junqueira
Professora da turma: Daniela Sbravati

PLANO DE AULA 3

AULA 3– duração de 45 minutos

Tema: Conhecimentos prévios dos alunos sobre o bairro da Armação.

Conteúdos:

- A historicidade nas representações do bairro da Armação.

Objetivos:

- Conhecer e refletir sobre os conhecimentos prévios dos alunos em relação ao bairro da Armação.
- Reconhecer a diversidade de representações sobre o bairro.
- Respeitar as diferentes representações, sem estabelecer hierarquias entre elas.

Metodologia e estratégias didáticas:

- Continuação da atividade 2 das aulas 1 e 2.
 - Apresentação e discussão das representações sobre o bairro da Armação.
 - Os alunos, sentados em círculo, apresentarão seus desenhos explicando-os.
 - Discussão dos desenhos questionando as diferenças e semelhanças nas suas representações, explicitando a diversidade nas representações sem estabelecer hierarquias entre elas.
 - Os pontos de referência espaciais mais citados serão escritos no quadro-negro e serão feitas perguntas oralmente de por que eles citaram mais alguns pontos do que outros, ou por que estes pontos lhes parecem importantes.

Material e recursos didáticos:

- Quadro e giz.
- Atividade 2 finalizada.

Bibliografia:

LOPES, Alice Ribeiro. Conhecimento Escolar: Interrelação com conhecimento científico e cotidiano. *Contexto & Educação*, Ijuí, v. 11, n. 45, p. 40-59, jan/ mar, 1997b.

LOPES, Alice Ribeiro. Conhecimento escolar: Processo de seleção cultural e mediação didática. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 1, n. 22, p. 95-111, jan/jun. 1997.

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos et al. **Caixa de História: Magé: Guia do Professor**. Rio de Janeiro: Imprinta Express, 2007.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. O ensino de história fora da sala de aula. In **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2010, p. 149-160.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tania Braga. A formação da consciência história de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. *Cadernos Cedes*, vol. 25, n. 67, set./dez. 2005, p. 297-308.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tania Braga. O trabalho histórico na sala de aula. **História & Ensino**, v. 9, out. 2003, p. 223-241.

SCHMIDIT, Maria Auxiliadora. História. In: KUENZER, Acacia Zeneida (Org.). **Ensino Médio: Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 203-231.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Junqueira
Professora da turma: Daniela Sbravati

PLANO DE AULA 4 e 5

AULAS 4 e 5 - duração de 45 minutos cada.

Tema: Meio ambiente e desastre socioambiental.

Conteúdos:

- Conceito de Meio Ambiente.
- Conceito de Desastre socioambiental.

Objetivos:

- Conhecer e refletir sobre o conceito de meio ambiente e desastre socioambiental.
- Refletir a ressaca de 2010 como um desastre sócio ambiental.
- Utilizar o deslizamento do morro do Baú como exemplo de desastre socioambiental.

Metodologia e estratégias didáticas

- Chamada oral.
- Analisar o vídeo “Praia da Armação. Sem praia!!!”
 - Levar os alunos até o Auditório.
 - Exibir o vídeo no telão.
 - Após a primeira exibição do vídeo, questionar as informações observadas pelos alunos no vídeo.
 - Assistir o vídeo fazendo pausas e comentando com os alunos aquilo que foi observado no vídeo.
 - Questionar os alunos sobre novos pontos do vídeo, que ainda não tenham sido abordados.
 - Após a exibição do vídeo, os alunos serão encaminhados novamente para a sala de aula.
- Trabalho com questões para análise do vídeo.

- Apresentar Atividade 3.
- Leitura em voz alta pelo professor.
- Solicitar que cada aluno, individualmente, respondam as questões a e b da atividade.
- Pedir que alguns alunos leiam suas respostas e discuti-las com a turma.
- As questões c, d e e serão respondidas oralmente, com toda a turma.
- Utilizar texto didático (que faz parte da Atividade 3) para compreensão e discussão do conceito de meio ambiente e desastre socioambiental.
 - Leitura do texto com os alunos em voz alta.
 - Fazer pausas para relacionar com o vídeo e tirar dúvidas suscitadas.
 - Uso do quadro para anotar palavras-chave.
 - Fazer questões para os alunos, algumas já inseridas no texto.
- Apresentar imagens de outros desastres ambientais, além do Morro do Baú, situando-os (imagens de enchentes e alagamentos em São Paulo, enchente em Blumenau).
 - Questionar os alunos sobre estes desastres: se já tinham conhecimento destes acontecimentos; se tinham visto em notícias de jornais, televisão ou internet.
 - Questionar os alunos sobre o que eles pensam sobre as causas que podem ter ocasionado cada desastre.

Material e recursos didáticos

- Vídeo “Praia da Armação. Sem praia!!!”
- Auditório (datashow).
- Quadro e giz.
- Power point para apresentação de imagens.
- Atividade 3.

Bibliografia

ABREU, Janete. Suscetibilidade à Erosão Costeira Praia da Armação, Ilha de Santa Catarina, SC, Brasil. II WORKSHOP INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DO AMBIENTE: Desastres Ambientais e Sustentabilidade & GISDAY. Novembro de 2011. Florianópolis - SC – Brasil

NUNES, Letícia S. Educação Ambiental: estratégia, possível, de prevenção dos desastres socioambientais. **II WORKSHOP INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DO AMBIENTE: Desastres Ambientais e Sustentabilidade & GISDAY**. Novembro de 2011. Florianópolis - SC – Brasil

SCIFONI, Simone. **A Construção do Patrimônio Natural**. São Paulo: Labur Edições, 2008. p.199.

SIENA, Mariana. Os Desastres Revelados pelas Chuvas no Brasil: criação de novos e velhos padrões de desigualdade urbana. **Second International Conference of Young Urban Researchers**. 11 a 14 de out. 2011. p. 1-17.

VALENCIO, Norma F. L. S. Desastres ‘naturais’ ou genocídio velado? Subsídios para um exame sociológico do caso brasileiro. **XXVIII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALAS**. 6 a 11 de set. 2011, UFPE, Recife. p. 1-19.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Junqueira
Professora da turma: Daniela Sbravati

ATIVIDADE 3

O vídeo “Praia da Armação. Sem praia!!” foi publicado no site *Youtube* em 18 de abril de 2010 e traz o relato de uma moradora, Dona Germânia, sobre a praia da Armação. A moradora conta como era a praia quando ela era pequena e as mudanças na praia observadas por ela durante sua vida.

Depois de assistirmos o vídeo e discutirmos seu conteúdo, você vai responder as questões abaixo para registrar sua interpretação:

- a) Escreva algumas mudanças observadas por Dona Germânia.

- b) Dona Germânia traz alguns elementos que, segundo ela, podem ter causado as transformações na praia, aponte estes elementos e indique outros, se achar necessário.

- c) Muitos jornais noticiaram a ressaca, você se recorda deste evento? Conte o que você sabe sobre a Ressaca de 2010.

- d) Você se lembra das notícias que surgiram na televisão ou nos jornais sobre o assunto?

- e) Aponte alguns elementos que você acredita ter contribuído para a ressaca de 2010.

A relação homem e natureza

Como foi observado no vídeo, dona Germânia aponta elementos que podem ter influenciado nas transformações ocorridas na Praia da Armação. A relação do homem com a natureza é estudada há muito tempo pela Geografia e também pela História. As formas de compreender o meio ambiente são diferentes de acordo com a sociedade e, ao mesmo tempo, as noções de meio ambiente modificam-se ao longo da História.

Em 1919, o Japão criou uma lei para proteção dos monumentos naturais. Estes eram considerados: alguns parques, jardins e alinhamentos de árvores na cidade de Tóquio. O meio ambiente é associado à memória coletiva daquela sociedade, como um lugar onde há registros e lembranças do passado, da história.

O que vocês entendem que seja meio ambiente?

Estudos mais recentes propõem pensar que o termo Meio Ambiente não se refere somente ao ambiente natural. Atualmente, consideramos que Meio ambiente deve ser compreendida como a interdependência entre sociedade e natureza. É a junção do homem mais a natureza:

Meio ambiente= Sociedade + natureza

Assim, quando falamos meio ambiente, estamos pensando não somente no espaço, mas também nas relações que ocorrem nele. Um centro urbano também é meio ambiente, pois é formado pela natureza já transformado e pela presença humana.

Como pensar a sociedade separada do meio que ela ocupa? Há sociedade, comunidade, pessoas que não estejam situadas ou localizadas em algum espaço e estabelecendo relação com esse espaço?

As formas de ocupação do território e utilização do espaço intervêm na dinâmica do meio ambiente. Vamos apontar diferentes ações humanas que modificam a natureza.

Sabemos que o homem interfere diretamente na natureza, exercendo atividades econômicas ou ainda, por exemplo, construindo estradas, casas, edifícios, pontes. Além destas construções, a sociedade produz lixo e esgoto que muitas vezes são despejados na natureza sem nenhum tratamento. São **interferências antrópicas** que ocorrem no cotidiano das sociedades.

Interferências antrópicas são as mudanças, intervenções feitas pelo homem e pela sociedade no meio ambiente.

No vídeo, Dona Germânia indica alguns motivos para o acontecimento da ressaca na Praia da Armação. Entre estes motivos percebem-se estas interferências antrópicas, que foram observadas ao longo do tempo pela moradora. A ação humana no meio pode auxiliar na ocorrência de um desastre sócio ambiental. Mas, **o que é desastre socioambiental?** Você já ouviu essa expressão? O que este termo tem a ver com Meio ambiente?

Como vimos, as intervenções feitas pela sociedade modificam a natureza. Essas mudanças podem trazer resultados em longo prazo, como um desvio de um rio pode posteriormente contribuir na formação de uma enchente. Os desastres naturais como enchentes, alagamentos, ressacas, deslizamentos podem ser resultados de interferências humanas. Dona Germânia comenta isso no vídeo, ao lembrar que “já tiraram muita areia [da praia] para levar para fora” e “eles quiseram fazer casa aqui na praia”.

O termo “desastre socioambiental” é utilizado para destacar que um desastre natural (enchente, ressaca, deslizamento) também tem relação com a sociedade. Suas causas, seus efeitos também estão relacionados com ação dos homens no meio ambiente.

Você se recorda de algum desastre socioambiental que tenha sido noticiado nos jornais, na televisão ou comentado na comunidade?



Morro do Baú

Em novembro de 2008, após dias de chuvas intensas, houve deslizamentos de terra do Morro do Baú, localizado no município de Ilhota, no Vale do Itajaí. A atividade econômica da comunidade era agrícola cultivando arroz, banana, palmito. Com os deslizamentos, essas produções foram afetadas e cerca de 3.500 pessoas foram afetadas, 1300 pessoas ficaram desabrigadas.

A explosão do gasoduto próxima a região atingida, o grande volume de chuva, as plantações de bananeiras e outras espécies não nativas são alguns elementos apontados por geógrafos que podem ter ocasionado os deslizamentos no Morro do Baú.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
Estagiários: Ana Carolina Schveitzer; Luis Fernando Bernardi Junqueira
Professora da turma: Daniela Sbravati

PLANO DE AULA 6

AULA 6 – duração de 45 minutos

Tema: O projeto de pesquisa em relação à ressaca de 2010 no bairro da Armação.

Conteúdos:

- A ressaca de 2010 no bairro da Armação vista como um desastre socioambiental.
- Apresentar o projeto de pesquisa que será realizado pelos alunos.

Objetivos:

- Problematizar a Ressaca de 2010 como um desastre socioambiental.
- Compreender, no decorrer das aulas, como será o desenvolvimento o projeto de pesquisa.
- Relacionar a pesquisa com os conteúdos abordados em sala de aula.
- Identificar os diferentes discursos que podem surgir em um mesmo processo ou acontecimento histórico.
- Reconhecer a fotografia como documento histórico.

Metodologia e estratégias didáticas:

- Realizar uma atividade para que os alunos consigam relacionar a Ressaca de 2010 no bairro da Armação com o conceito de desastre socioambiental.
- Análise de fotografias como documento histórico.

- A Atividade 4 será entregue individualmente para os alunos. O professor irá solicitar que os alunos leiam e respondam a questão 1 sobre a fotografia A. Após alguns minutos, será solicitado que alguns alunos leiam suas respostas. As informações levantadas pelos alunos sobre a foto serão escritas no quadro pelo professor.

- Em seguida, o professor anotará a fonte da fotografia A e os alunos devem anotar na abaixo da foto.

- Após uma pequena discussão sobre os elementos da imagem A, os alunos devem identificar na foto B e C suas datas. Um deverá ler a questão referente às mudanças na fotografia. Esta pergunta deverá ser respondida oralmente pela turma. As mudanças apontadas pelos alunos serão anotadas pelo professor no quadro.

- Novamente, outro aluno irá ler o parágrafo referente aos temas abordados na aula anterior. Apenas a questão sobre a ressaca ser um desastre sócio ambiental deverá ser respondida individualmente e escrita pelos alunos na folha. Os questionamentos anteriores, referentes a elementos da Ressaca e notícias sobre esta serão respondidas e discutidas oralmente.

- Apresentação e explicações acerca do Projeto de Pesquisa.

- Após o término da atividade será apresentado o projeto de pesquisa. De início será dada maior ênfase no tema da pesquisa, já que os métodos que eles deverão utilizar serão mais explorados no decorrer das próximas aulas.

Material e recursos didáticos:

- Quadro e giz.
- Atividade 4.
- Papel e caneta para anotar as perguntas.
- Caderno de Pesquisa.
- Ficha de Identificação dos Entrevistados.

Bibliografia:

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos et al. *Caixa de História: Magé: Guia do Professor*. Rio de Janeiro: Imprinta Express, 2007.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. O ensino de história fora da sala de aula. In *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2010, p. 149-160.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tania Braga. A formação da consciência história de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. *Cadernos Cedes*, vol. 25, n. 67, set./dez. 2005, p. 297-308.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tania Braga. O trabalho histórico na sala de aula. *História & Ensino*, v. 9, out. 2003, p. 223-241.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Bernardi Junqueira
Professora da turma: Daniela Sbravati

Atividade 4

As imagens abaixo foram retiradas do blog “Ação e Contexto”, e foram publicadas em 06/06/2010.

1) Observe a fotografia (A) abaixo.

FOTOGRAFIA A:



FONTE:

- Descreva os elementos que aparecem nessa fotografia (cenário, objetos, pessoas etc).
- Você reconhece o local desta fotografia?

2) Observe as fotografias (B e C) abaixo.

FOTOGRAFIA B:



(Rosane Lima, 18/05/10)

FOTOGRAFIA C:



(Lucas Sampaio, 02/06/10)

- Localize as datas das fotografias.
- As imagens foram feitas durante a Ressaca que ocorreu na Praia da Armação em 2010. As fotografias podem trazer informações muito importantes para a pesquisa histórica. Quando estudamos desastres socioambientais, a fotografia é uma fonte que pode nos apresentar, nos mostrar, as transformações ocorridas na paisagem registrada na foto.

Aponte mudanças entre a fotografia da década de 1980 (A) com relação às fotografias mais recentes (B e C).



Na aula anterior assistimos ao vídeo “Praia da Armação sem Praia!!” que mostra o depoimento de dona Germânia sobre as mudanças na Praia da Armação. As fotografias, assim como as entrevistas são registros, que podem nos informar muito sobre a história e as mudanças de um local. Vimos também a relação do homem com a natureza, e os desastres socioambientais.

A ressaca na Praia da Armação pode ser considerada um desastre socioambientais? Por quê?



ROTEIRO DE PESQUISA – GUIA DO PROFESSOR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Bernardi Junqueira
Professora da turma: Daniela Sbravati

TEMA: A ressaca de 2010 na praia da Armação.

NÚMERO DE EQUIPES: Grupos de até 4 aluno(a)s.

MÉTODOS DA PESQUISA: Entrevistas e pesquisa de notícias na Internet.

PRODUTO FINAL: Um painel onde os alunos consigam relacionar as opiniões das entrevistas, as notícias de jornais e outros materiais que possam ser coletados sobre a ressaca de 2010.

AVALIAÇÃO: Processo de pesquisa individual e coletivo de cada aluno e equipe e o produto final. Entrega nos prazos estabelecidos; capacidade de comparar as entrevistas entre si; capacidade de relacionar as entrevistas e as notícias.

MATERIAIS UTILIZADOS: Caderno de Pesquisa, Ficha de identificação dos entrevistados (anexo 1), Ficha de identificação das notícias.

PROCEDIMENTOS

ENTREVISTA: As entrevistas serão a primeira parte da pesquisa que os alunos começarão a fazer. Cada equipe deverá escolher, preferencialmente sem repetir, 3 categorias diferentes de entrevistados dentre:

- a) pescador;
- b) morador(a) de mais de 70 anos;
- c) morador(a) de menos de 25 anos;
- d) surfista;
- e) comerciante;

O roteiro das entrevistas será construído junto com os alunos devendo conter:

PERGUNTAS GERAIS

- 1) nome;
- 2) idade;
- 3) onde nasceu;
- 4) há quanto tempo mora no bairro da Armação
- 5) O que você sabe sobre a ressaca que ocorreu em 2010?
- 6) Por que você acha que aconteceu a ressaca de 2010?

PERGUNTAS ESPECÍFICAS PARA CADA GRUPO DE ENTREVISTADOS

- a) pescador;
 - A Ressaca interferiu na pesca?
- b) morador(a) de mais de 70 anos;
 - Como era a praia quando você era criança?
- c) morador(a) de menos de 25 anos;
 - A praia tem mudado muito desde que você a frequenta?
- d) surfista;
 - A Ressaca ou as mudanças sofridas na praia após a Ressaca influenciaram na sua prática de surf?
- e) comerciante;
 - Você acredita que a Ressaca ou as mudanças sofridas na praia após a Ressaca possam ter influenciado o turismo nesta região?
 - Você percebeu alguma alteração nestes anos após a Ressaca?

As questões serão escritas no quadro e os alunos deverão anotá-las nos seus cadernos – não apenas no Caderno de Pesquisa, para que caso os alunos não consigam se encontrar para realizarem as entrevistas em grupo.

Também há a possibilidade de além destas questões os alunos também elaborarem outras, antes ou no decorrer das entrevistas.

Os alunos serão incentivados a gravar em áudio ou vídeo, tirar fotos e, se possível, conseguir fotos com os próprios entrevistados. Contudo, mesmo gravando em outros aparelhos, as entrevistas deverão ser transcritas.

As entrevistas começarão a ser feitas para que na aula 9 os alunos possam apresentar os resultados já obtidos.

Após a organização do material coletado os alunos deverão escrever um texto comparando a opinião dos entrevistados sobre a ressaca. Para compreender a opinião de cada um deles, é importante que os alunos informem, resumidamente, o nome, idade, onde nasceu e quanto tempo ele mora na Armação.

PESQUISA NA INTERNET: A pesquisa na Internet terá duas aulas na Sala de Informática especialmente para isso, logo não precisa ser iniciada antes – já que a pesquisa não terá como objetivo apenas o resultado final, mas deve envolver todo o processo de como se fazer pesquisa. O detalhamento dessa pesquisa está no plano de aula 13 e 14.

PRODUTO FINAL: O produto final será um painel comparando as diferentes versões das entrevistas e das notícias da Internet, além das imagens obtidas, em relação à Ressaca de 2010.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

NOME	IDADE	LOCAL DE NASCIMENTO	HÁ QUANTO TEMPO MORA NO BAIRRO DA ARMAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
 Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Bernardi Junqueira
 Professora da turma: Daniela Sbravati

PLANO DE AULA 7 e 8

AULAS 7 e 8- duração de 45 minutos cada.

Tema: Patrimônio ambiental, memória e história.

Conteúdos:

- Conceito de Patrimônio Ambiental.
- Análise de depoimentos sobre o Morro do Baú.
- Relação entre história e memória.

Objetivos:

- Levantamento de conhecimentos prévios sobre patrimônio.
- Conhecer e refletir sobre o conceito de patrimônio ambiental.
- Refletir sobre o desastre do Morro do Baú, através dos depoimentos.
- Reconhecer o depoimento oral como fonte da pesquisa histórica.

Metodologia e estratégias didáticas

- Chamada oral.
- Discutir a noção de Patrimônio a partir de um conjunto de imagens de bens patrimoniais.
 - Usar imagens de Patrimônios tombados pelo IPHAN.
 - Apresentar as imagens de patrimônios tombados pelo IPHAN no Power point.
 - Questionar os alunos se conhecem estes locais, mas não utilizar ainda o termo patrimônio. - Registrar as referências das imagens após a fala dos alunos, relacionando com as informações apresentadas pelos mesmos.
- Leitura do texto didático “Patrimônio Ambiental”.
 - Entregar texto didático.
 - Solicitar que um aluno leia em voz alta.
 - Abordar os questionamentos necessários e marcados no texto.
- Discussão dos Patrimônios Naturais tombados pelo IPHAN.
 - Retornar ao slide com imagens dos bens tombados pelo IPHAN e discutir alguns elementos destes patrimônios.
 - Questionar os alunos sobre o que aquelas paisagens carregam de elementos para serem considerado patrimônio.
- Entregar atividade 5 sobre o Morro do Baú.
 - Leitura com a turma.
 - Ler cada depoimento discutindo os elementos que aparecem.
 - * O que este morador fala?

* O que é a Defesa Civil, qual sua função?

- Sugerir a que marquem ou grifem nos depoimentos as frases que acharem mais relevantes.
- Discutir questionamentos levantados.
- Fazer as questões do exercício juntamente com os alunos.

Material e recursos didáticos

Texto didático.

Datashow –Power point.

Bibliografia

DELGADO, Andrea F. OLIVEIRA, Ilse L. B. C. Educação patrimonial como experiência interdisciplinar: patrimônio e memória na Cidade de Goiás. *Revista Solta a Voz*, v.19 n. 2 p.135.

SCIFONI, Simone. *A Construção do Patrimônio Natural*. São Paulo: Labur Edições, 2008, 199p.

Vídeo Morro do Baú. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4ZUws0DKMzs>> Acesso 6 mai. 2012.

IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaInicial.do>> Acesso 6 mai. 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos

Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Bernardi Junqueira

Professora da turma: Daniela Sbravati

Patrimônio Ambiental

O que é patrimônio? Você já ouviu este termo?

Patrimônio são bens de valor cultural que, após um processo de seleção, são protegidos pelo Estado. Mas, você imagina o motivo pela qual o governo protege através de lei alguns bens?

Tombamentos

O tombamento é um ato administrativo realizado pelo Poder Público com o objetivo de preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados.

Ao **tomb**ar um bem e torná-lo patrimônio, o governo declara que este bem carrega uma memória coletiva da nação e logo é propriedade de todos, por isso deve ser preservado. Assim através de lei, o governo protege esses bens de danos ou destruição para que gerações futuras possam ter acesso a ele.

Mas o que são esses bens tombados? As imagens que vimos nos slides são exemplos de bens tombados pelo IPHAN, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Como podemos perceber, há diferentes tipos de bens tombados. Esses bens são marcas deixadas pelos grupos humanos que viveram naqueles locais. No entanto, durante muito tempo os bens tombados eram apenas aqueles que faziam referência ao período colonial e representavam uma herança europeia. Assim, as referências da cultura negra e indígena foram ignoradas durante um longo período.

Os bens culturais podem ser arquitetônicos, representarem atividades religiosas (locais de culto, necrópoles), habitações (vilas, casas), estradas, além de tantas outras marcas da ação humana.

Ao considerar como patrimônio, o IPHAN afirma que esses bens culturais podem assumir um valor estético, afetivo, constituir um instrumento de informação ou simbólico. Há bens que também podem assumir esses valores juntos.

Patrimônio Ambiental, você conhece esta expressão?

Você lembra-se do exemplo acerca no Japão? Nas aulas anteriores vimos que no Japão desde 1919, alguns jardins e parques já eram considerados monumentos. No entanto durante muito tempo, o patrimônio natural sempre esteve relacionado com a beleza da paisagem e a preocupação em mantê-la intacta.

Mas será que patrimônio ambiental é só isso? Preservar uma paisagem exuberante para que ela não sofra destruição ou danos?

A paisagem natural (um morro, uma serra, uma praia) também pode trazer marcas de grupos humanos. O que você acha dessa afirmação?

O meio ambiente pode nos mostrar elementos do cotidiano e da intervenção humana durante diferentes momentos da história, por isso também pode gerar bens a serem considerados patrimônios.

Vamos retornar as imagens e analisar os patrimônios naturais tombados pelo IPHAN?

Você Sabia?

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) foi criado em 1937, durante o governo de Getúlio Vargas, e é responsável pela identificação, documentação, proteção e promoção do patrimônio cultural brasileiro.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos

Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Bernardi Junqueira

Professora da turma: Daniela Sbravati

Atividade 4

Vamos lembrar o desastre socioambiental no Morro do Baú?

Em novembro de 2011, alguns alunos do curso de história da UFSC foram até o Morro do Baú entrevistar moradores que presenciaram o desastre e foram afetados por ele.

Os depoimentos de pessoas que foram afetadas ou presenciaram um desastre são muito importante, pois podem trazer elementos e opiniões diferentes sobre o mesmo episódio, neste caso o deslizamento no Morro do Baú. Por isso também podem ser utilizadas como fonte para a pesquisa histórica.

Foram entrevistados três moradores que tiveram suas propriedades atingidas pelo deslizamento. Vamos ler os depoimentos e, assim, conhecer o que aconteceu no Morro do Baú a partir da perspectiva de quem vivenciou o desastre socioambiental. Vamos começar?

Depoimento A

Aluno da UFSC - O conhecimento dos próprios moradores ajudou muito? Por exemplo, saber que alguma coisa estava errada com o rio, isso deve ter ajudado muito né?

Morador A – Isso ajudou bastante, por que até então a Defesa Civil, não tinha, não tem lógica nenhuma. Não tinha nem Defesa Civil no nosso município, hoje que foi fundada. Então a gente estava mais atento do que eles.

Aluno da UFSC- A Defesa Civil fez algum curso, para dar orientação após o deslizamento, ajudaram vocês?

Morador A: Não, a Defesa Civil aqui onde eu moro só tem o nome, mas não tem quem faça a Defesa Civil. Eles fizeram um curso em 2009, mas fizeram porque veio obrigação lá de cima. Em 2010 deu uma semana de chuva, não chegou a dar enchente, mas a minha vó é uma senhora e mora lá me cima e ela ficou uma semana ilhada, e sorte que uma semana antes ela fez compras. Eu passei um email para Defesa Civil de Ilhota dizendo que tinha uma senhora que estava isolada, que precisava sair de casa e tinha problema de pressão e diabetes. Depois da enchente, no final de enchente eles apareceram aqui apavorados. Então quando tinha passado problema, apareceu socorro.

Aluno da UFSC – O Estado não auxiliou nada, nem em renegociação de dívida, com o banco?

Morador A - Não, não, não... Isso ele faz, ele faz proposta para o colono, para nós agricultor, mas o que acontece, quando o agricultor chega lá na mesa do banco é diferente. A burocracia é maior do que tava, as garantias têm que ceder um absurdo, por que como tu vai dar uma garantia de uma terra produtiva se a tua terra foi destruída? Isso não tem lógica nenhuma! Aí tu vais lá [no banco] e tu tens um orçamento para tu arrumares um hectare ou dois hectares, tu vai gastar 20, 30 mil de equipamento, para pagar a curto prazo. E não tem como fazer isso, pois hoje a lavoura de arroz não é rentável ainda, o lucro é mínimo. Incentivo de governo, aqui não teve nenhum.

Depoimento B

Aluno da UFSC: O que o senhor produz aqui?

Morador B: Olha, eu produzia caixa de banana e eu produzia aí um carvão de eucalipto. Tem o registro do IBAMA conforme eles pedem né. Hoje eu tenho uma plantação de eucalipto, uns doze mil pés de pino.

Aluno da UFSC: O senhor atribui à agricultura, as plantações de eucalipto, podem ter influenciado esse desastre?

Morador B: Não, aqui foi o seguinte, foi muita chuva demais. O pessoal que estuda e vem de fora acha que é isso. Foi muita chuva e vento. Onde estava desmatado e tinha pastagem, a plantação não caiu nada. Toda árvore seja pinho, palmeira, árvore nativa, eucalipto, que pegou a mínima coisa de areia ou aquela lama caiu tudo, não sobrou nada.

Aluno da UFSC: E vocês tiveram algum curso, treinamento dado pela Defesa Civil após o deslizamento?

Morador: Pela gente que mora aqui e conhece a área, nós podemos dar aula para eles e ensinar eles.

Aluno da UFSC: O senhor ganhou alguma ajuda do governo, para financiar alguma coisa?

Morador: Não, nem um real.

Depoimento C

Aluno da UFSC: O que o senhor produz aqui?

MoradorB: Minha atividade foi sempre agricultura, hoje eu planto banana e eucalipto.

Aluno da UFSC: O senhor atribui à agricultura, as plantações de eucalipto, podem ter influenciado esse desastre?

Morador B: No meu ver não atribuo as atividades agrícolas nem ao gasoduto, em 2002 a 2006 nós tivemos uma temporada muito seca, uma estiagem, que criou fendas no morro e quando caiu a chuva foi levando e aterra não suportou e caiu. O gasoduto não tem nada a ver por que neste pedaço do morro caiu às 7 e meia da noite e o gasoduto explodiu às 9! Das áreas que tem agricultura muito pouco, caiu uma barreira. Elas saíram todas de cima dos matos. E lá não foi nada derrubado foi tirado algumas árvores, mas era tudo mata nativa.

Aluno da UFSC: E o senhor recebeu alguma ajuda financeira do governo?

Morador B: Já são 3 anos, eu perdi a lavou e tive um custo alto de máquina e até agora não teve retorno nenhum. Eu to investindo para longo tempo né, tem que ter esperança.

- 1) Qual a profissão de cada morador? O que eles produzem?

- 2) O que eles comentam que pode ter causado os deslizamentos no Morro do Baú?

- 3) As opiniões dos moradores sobre o que pode ter causado os deslizamentos são semelhantes? Justifique sua resposta.

- 4) De acordo com os moradores, a atuação da Defesa Civil foi satisfatória? Justifique sua resposta, citando trechos dos depoimentos.
- 5) O que os moradores comentam sobre o apoio do governo?

“Nas últimas décadas, o número de registros de desastres naturais em várias partes do mundo vem aumentando consideravelmente. E em Santa Catarina a situação não é diferente. Isto se deve, principalmente, ao aumento da população, à ocupação desordenada e ao intenso processo de urbanização e industrialização. Dentre os principais fatores que contribuem para desencadear estes desastres nas áreas urbanas destacam-se: a impermeabilização do solo, o adensamento das construções, a conservação de calor e a poluição do ar. Enquanto que, nas áreas rurais, destacam-se a compactação dos solos, o assoreamento dos rios, os desmatamentos e as queimadas.”

FONTE: ESPINDOLA, Marcus A. NODARI, Eunice S. Desastres Ambientais e Políticas Públicas em Santa Catarina. XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

Os desastres são muitas vezes resultado de uma tentativa do homem de dominar a natureza. Percebemos nos depoimentos dos moradores e no texto sobre o Morro do Baú da aula anterior algumas interferências feitas para o desenvolvimento da comunidade que mora próxima ao morro. Vamos discutir:

- Que interferências dos seres humanos e modificações na natureza você acredita que possa ter influenciado no desastre?
- O que pode ser feito para evitar novos desastres na região?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Bernardi Junqueira
Professora da turma: Daniela Sbravati

PLANO DE AULA 9

Aula 9 – duração de 45 minutos.

Tema: O bairro da Armação em diferentes momentos

Conteúdos:

- As mudanças no espaço da Praia da Armação, entre 1772 e 1825, relacionando com os dias de hoje.

Objetivos:

- Reconhecer as mudanças no espaço do bairro da Armação.
- Refletir sobre as mudanças e diferentes formas de ocupação do espaço do bairro da Armação.
- Compreender a ocupação do espaço na construção da estrutura da Armação da Lagoinha.
- Reconhecer e refletir os usos do espaço da praia da Armação, nos diferentes períodos (1772 e 2012).

Metodologia e estratégias didáticas

- Utilizar mapas, representações e plantas da praia da Armação de diferentes períodos, buscando discutir a estrutura e uso do espaço.
- Através de slides, apresentar a representação A, perguntar aos alunos se reconhecem o espaço representado, no caso o município de Florianópolis.
- Solicitar que identifiquem a região da Praia da Armação, e o distrito a qual ela pertence, o distrito do Pântano do Sul.
- Apresentar a representação B, retirada do Google Terra (Earth), fazer rapidamente um reconhecimento da imagem, aplicando “zoom” em determinados locais: como a escola Dilma Lúcia dos Santos, a praia do Matadeiro, a praia da Armação.

- Fazer questionamentos relacionados com o bairro da Armação, estes questionamentos estarão expostos em slide e devem ser respondidos oralmente:

* Reconhecem essa região?

* Quais atividades econômicas podemos encontrar no bairro atualmente? O que são atividades econômicas? Como essas atividades econômicas provocam mudanças e intervenções no espaço?

* Segundo o censo de 2000, o bairro da Armação possui cerca de 2.247 habitantes. Como ocorre o abastecimento do local? De onde vem e quem produz a comida que é consumida pelos moradores?

- Em seguida, questionar sobre a Praia da Armação.

* Que atividades econômicas utilizam e modificam o espaço da praia hoje?

* Como são as múltiplas formas de usos do espaço da Praia hoje? Para que e por quem ela é utilizada?

- Expor a Planta da Armação da Lagoinha, do livro de Walter Piazza, no Power point.

- Questionar oralmente os alunos, os elementos que aparecem na Planta, relacionando com a ocupação do espaço.

- Texto didático com trechos do texto de Fernanda Zimmermman referente ao espaço da armação baleeira para abordar de forma mais detalhada a ocupação do espaço naquele período e relacionar com a planta de Walter Piazza.

- Leitura de trechos do texto de Fernanda Zimmermman com os alunos.

- Estabelecer pausas a cada parágrafo para questionar os alunos o que eles nos informam, quais elementos podemos perceber.

- Questionar o que é inventário, se os alunos reconhecem o termo.

- Fazer discussão do texto, oralmente, com os seguintes questionamentos (estas questões estarão expostas no slide):

* Identifique o autor e o título do texto acima.

* A autora faz uma descrição do espaço da Armação enquanto ela estava ativa. Aponte os elementos que aparecem nos trechos do texto.

* Vamos voltar para a planta da Armação da Lagoinha, a estrutura desenhada na Planta é a mesma descrita no texto? Há outros elementos? Vamos comparar.

* Em relação ao abastecimento da região, de onde vinham os alimentos? Quais são os alimentos citados pela autora?

*Quais atividades econômicas ocorriam no entorno da praia, neste período?

- Ler e discutir último parágrafo do texto didático, relacionando com o que foi abordado na aula.

- Pesquisa
 - Recolher o resumo da entrevista.
 - Explicar brevemente, retomando o roteiro para os alunos, como será o texto comparativo, que deverá ser entregue na aula 12.

Material e recursos didáticos

- Power point
- Imagem do município de Florianópolis
- Imagem do Google Earth referente a Praia da Armação e região do bairro
- Planta da Armação e Fazenda de Santa Anna da Lagoinha
- Texto didático “Ocupação do espaço onde hoje se localiza o Bairro da Armação”

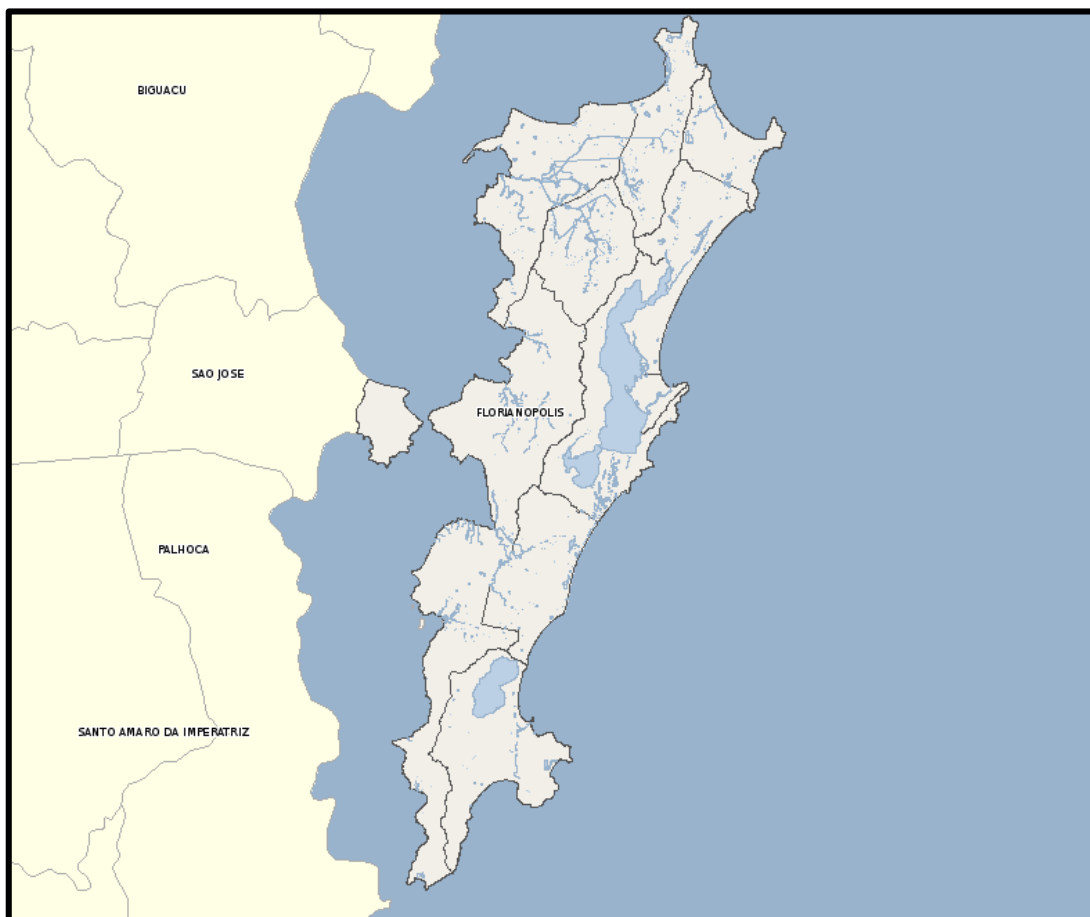
Bibliografia

Geoprocessamento Corporativo. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Disponível em: <http://geo.pmf.sc.gov.br/geo_fpolis/index2.php> Acesso: 07 maio 2012.

PALUDO, Rosmeri. Planta da Armação e Fazenda de Santa Anna da Lagoinha. In. *Os Pescadores artesanais da armação do pântano do sul e sua percepção do meio ambiente*. Trabalho de Conclusão de Curso. 2004. p.14.

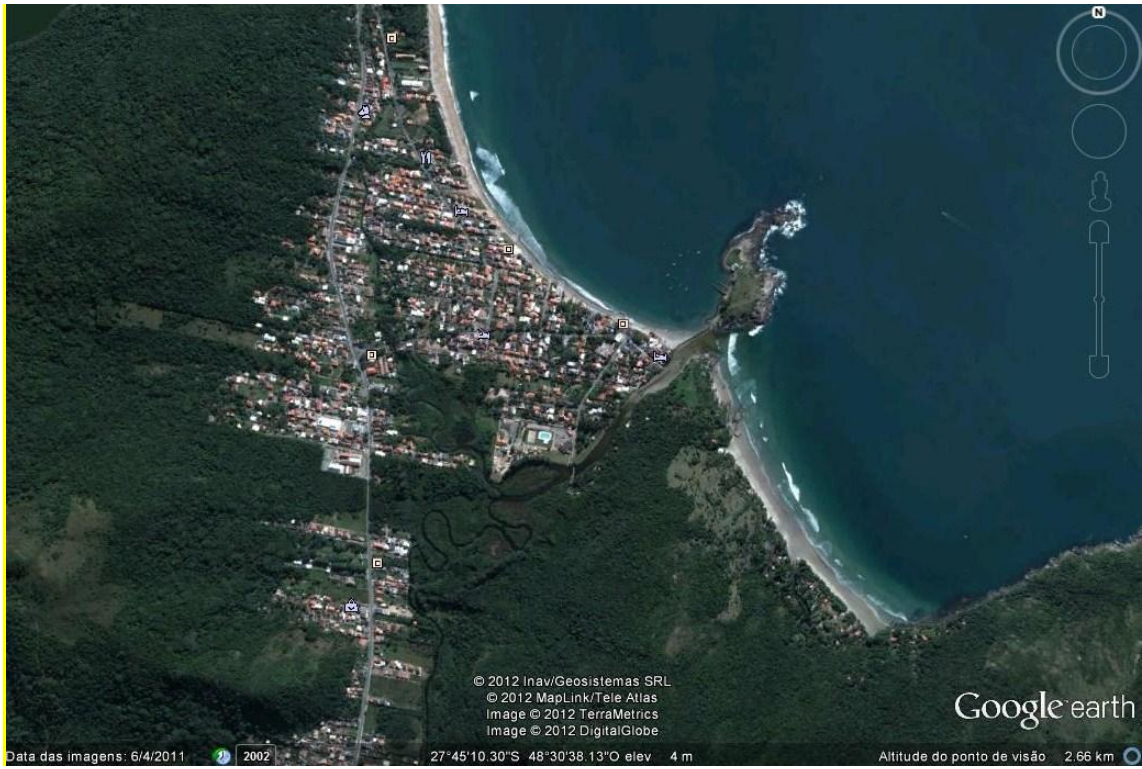
ZIMMERMANN, Fernanda. A Armação baleeira da lagoinha: uma grande unidade escravista. In: MAMIGONIAN, Beatriz G. *Coletânea História Diversa: Africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina*. No prelo.

Mapa do Município de Florianópolis. (Representação A)



Fonte: Geoprocessamento Corporativo. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Disponível em: http://geo.pmf.sc.gov.br/geo_fpolis/index2.php Acesso: 07 maio 2012.

Representação B



Representação C

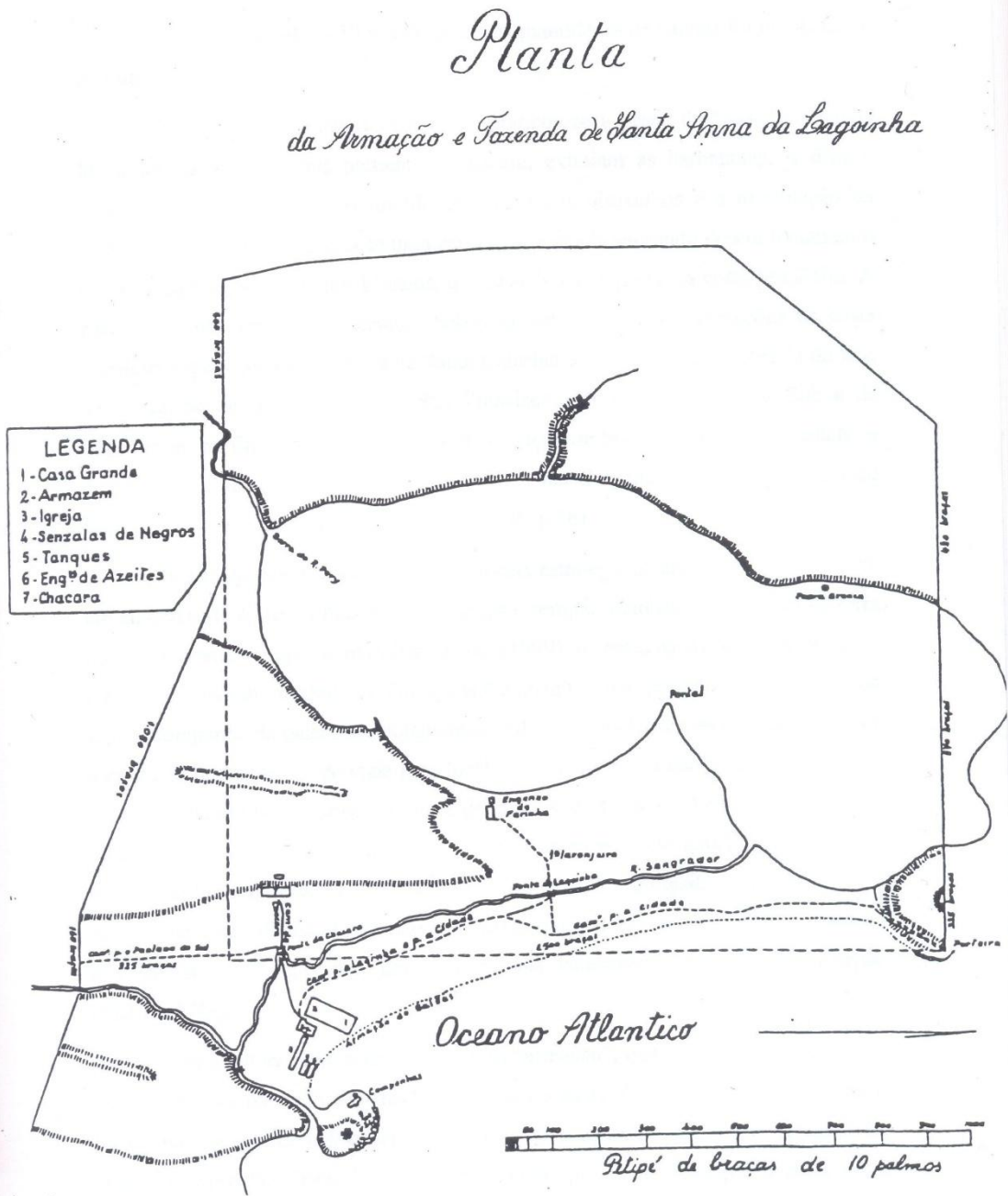


Figura 04 : Planta da Armação da Lagoinha. Fonte : PIAZZA (1983, p. 200).

Universidade Federal de Santa Catarina
Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Junqueira
Professora da turma: Daniela Sbravati

Ocupação do espaço onde hoje se localiza o Bairro da Armação

O que conhecemos hoje como o bairro da Armação não foi sempre assim, este espaço sofreu diversas alterações ao longo do tempo. Casas foram construídas, e também destruídas, estradas foram criadas, a energia elétrica foi estabelecida. Nesta aula vamos conhecer um pouco sobre a estrutura que existia no atual bairro da Armação durante o período da escravidão.

A Armação da Lagoinha se localizava na costa leste da Ilha de Santa Catarina, na futura freguesia do Ribeirão da Ilha. Foi estabelecida em 1772 e foi desativada em 1825.

Vamos ler abaixo, trechos do texto da historiadora Fernanda Zimmermann, sobre o espaço da Armação no século XIX.

“Até 1772, o espaço no sul da Ilha de Santa Catarina havia servido apenas como depósito de azeite de baleia produzido na Armação da Piedade. A partir de então, recebeu instalações para tornar-se também uma armação baleeira. Para o trabalho na Armação da Lagoinha, contava-se com alguns trabalhadores livres, e a Administração da Pesca da Baleia adquiriu escravos na praça do Rio de Janeiro.

Segundo o inventário feito em 1816, a unidade produtiva se organizava em torno de uma capela com 32 palmos de frente, 73 de fundo e 35 palmos de pé-direito, com a frente e o fundo de pedra e cal. Ao redor da capela, e próximas ao mar para facilitar o trabalho, estavam a casa da vivenda, a casa do hospital e botica, a casa do engenho de azeite e a casa dos tanques. Esta última era duplicada: havia uma localizada perto da estrutura maior e outra menor, que recebia azeite, na Ilha do Campeche.

Havia casas onde ficavam os baleeiros e as lanchas, o cais paredão e o trapiche. Estas formavam a primeira linha das construções desta armação, na qual o paredão servia ao porto e à casa do engenho, formando simultaneamente o cais em que atracavam as lanchas baleeiras.

Naquele momento, foram inventariadas apenas duas plantações: 430 laranjeiras e 80 pés de café. Seus frutos serviam para o sustento dos que ali trabalhavam, principalmente os

escravos, e talvez também fossem vendidos como excedente ou trocados por outros produtos de necessidade. É notável, no entanto, que não houvesse ali plantação de cana ou de mandioca.

Os alimentos para os escravos eram comprados, mas também produzidos na própria armação. É bem possível que a armação fosse autossuficiente nestes dois produtos durante a vigência do monopólio.

Das culturas do terreno da armação, as laranjas talvez fossem consumidas, mas é quase certo que outras frutas ou legumes não inventariados compusessem a dieta dos trabalhadores.

Havia duas senzalas na Armação da Lagoinha: uma próxima à estrutura de beneficiamento do azeite e uma na Ilha do Campeche.

Quando a administração das armações baleeiras entrou em decadência, Santa Catarina vivia uma forte expansão da escravidão, porém, ligada a outra atividade econômica: a produção de alimentos, que não requeria unidades produtivas tão grandes ou complexas quanto uma armação baleeira. A Armação da Lagoinha foi desativada em 1825.

Em 1843, a Freguesia do Ribeirão, mais voltada para a Baía Sul do que para o mar aberto, tinha se consolidado como a mais populosa da Ilha de Santa Catarina e grande produtora de farinha de mandioca.”

FONTE: ZIMMERMANN, Fernanda. A Armação baleeira da lagoinha: uma grande unidade escravista. In: MAMIGONIAN, Beatriz; VIDAL, Joseane (Orgs.). *Coletânea História Diversa: Africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina*. No prelo.

Comparando o mapa atual da Armação, retirado do Google Terra, com a plantada Armação da Lagoinha retirada do livro do historiador Walter Piazza, podemos perceber mudanças no espaço e o uso da praia. No texto de Fernanda Zimmermman, vimos que antes de se estabelecer uma armação baleeira, aquela região era utilizada para “depósito de azeite de baleia produzido na Armação da Piedade”. Os espaços são modificados e estruturas são criadas com algum objetivo e função. No caso do espaço onde hoje se localiza a Praia da Armação, o objetivo das modificações estava relacionado com a nova atividade econômica do local, a construção de uma armação baleeira. Quando a Armação Lagoinha foi desativada, o espaço da praia sofreu alterações, passando a ter outros objetivos e funções, tais como discutimos em relação ao uso atual do espaço da Praia da Armação.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Bernardi Junqueira
Professora da turma: Daniela Sbravati

PLANOS DE AULA 10 e 11

AULAS 10 e 11– duração de 45 minutos cada

Tema: As diferentes formas de trabalho livre e escravo na Armação da Lagoinha em Desterro no final do século XVIII e primeira metade do século XIX.

Conteúdos:

- Diferentes formas de trabalho livre e escravo em Desterro, especialmente na freguesia do Ribeirão da Ilha;
- Armações Baleeiras no Brasil Colonial;
- Armação Baleeira na freguesia do Ribeirão da Ilha.

Objetivos:

- Reconhecer a pluralidade do trabalho livre e escravo em Desterro do final do século XVIII até a primeira metade do século XIX.
- Perceber a importância dos negros na construção da identidade de Desterro.
- Problematizar a invisibilidade dos negros na construção de uma identidade para Desterro.
- Compreender a dinâmica do mercado interno colonial e a importância de Desterro no abastecimento de grandes centros escravistas.

Metodologia e estratégias didáticas:

- Leitura de um texto didático sobre a Armação da Lagoinha.
 - Leitura do texto com os alunos em voz alta.
 - Fazer pausas para relacionar com o vídeo e tirar dúvidas suscitadas.
 - Uso do quadro para anotar palavras chaves.
 - Fazer questões para os alunos.
- Os mapas e imagens, se possível, serão projetos em slides.
- Depois da apresentação da Planta da Armação da Lagoinha e dos primeiros parágrafos do texto, iremos ao box sobre as Armações no Brasil.

- Após isso, voltaremos ao parágrafo “As armações baleeiras, seja em Desterro ou em outros locais do Brasil, não eram um local isolado...” e o texto seguirá.

- Análise de documento de José Bonifácio

- Os alunos serão em voz alta a biografia de José Bonifácio.

-O trecho do documento de José Bonifácio será lido em voz alta pelos alunos.

- Dividir o documento em trechos e fazer questões orais para cada um dos itens, ajudando a construir a compreensão sobre os significados dos argumentos. As questões serão:

*O que o autor afirma nesse trecho? Que argumento o autor utiliza para apresentar suas ideias?

- Análise de tabela

-Identificação: retomar o que é inventário e contextualizar a realização desse inventário.

*Inventário é o catálogo e avaliação de bens, móveis, títulos de uma pessoa física ou jurídica.

*O inventário da Armação da Lagoinha foi feito quando este estava passando da administração da Coroa Portuguesa para um particular.

- No primeiro momento será mostrado aos alunos que a primeira coluna possui o nome dos escravos.

*O que mais lhes chamam a atenção dos nomes? (todos são homens)

- A segunda coluna é sobre a origem africana dos escravos.

*Vocês já viram algum desses nomes de regiões africanas antes? Vocês se lembram de já terem estudado isso antes?

-A terceira coluna é sobre o ofício dos escravos na armação.

*Vocês já ouviram falar de alguns desses ofícios antes?

-A quarta, quinta e sexta colunas são sobre a condição de saúde, idade e valor dos escravos.

*Vocês sabem por que a condição de saúde e idade dos escravos está apresentada aqui? (porque era um inventário do que a Armação da Lagoinha possuía no momento da venda)

*Vocês percebem alguma relação entre a condição de saúde e a idade e o valor dos escravos? (geralmente os escravos mais velhos ou doentes são mais baratos)

Material e recursos didáticos:

- Quadro e giz;
- Texto didático.

Bibliografia:

Módulos do Projeto Santa Afro: Armação Baleeira e Engenhos no Ribeirão da Ilha, 2011.

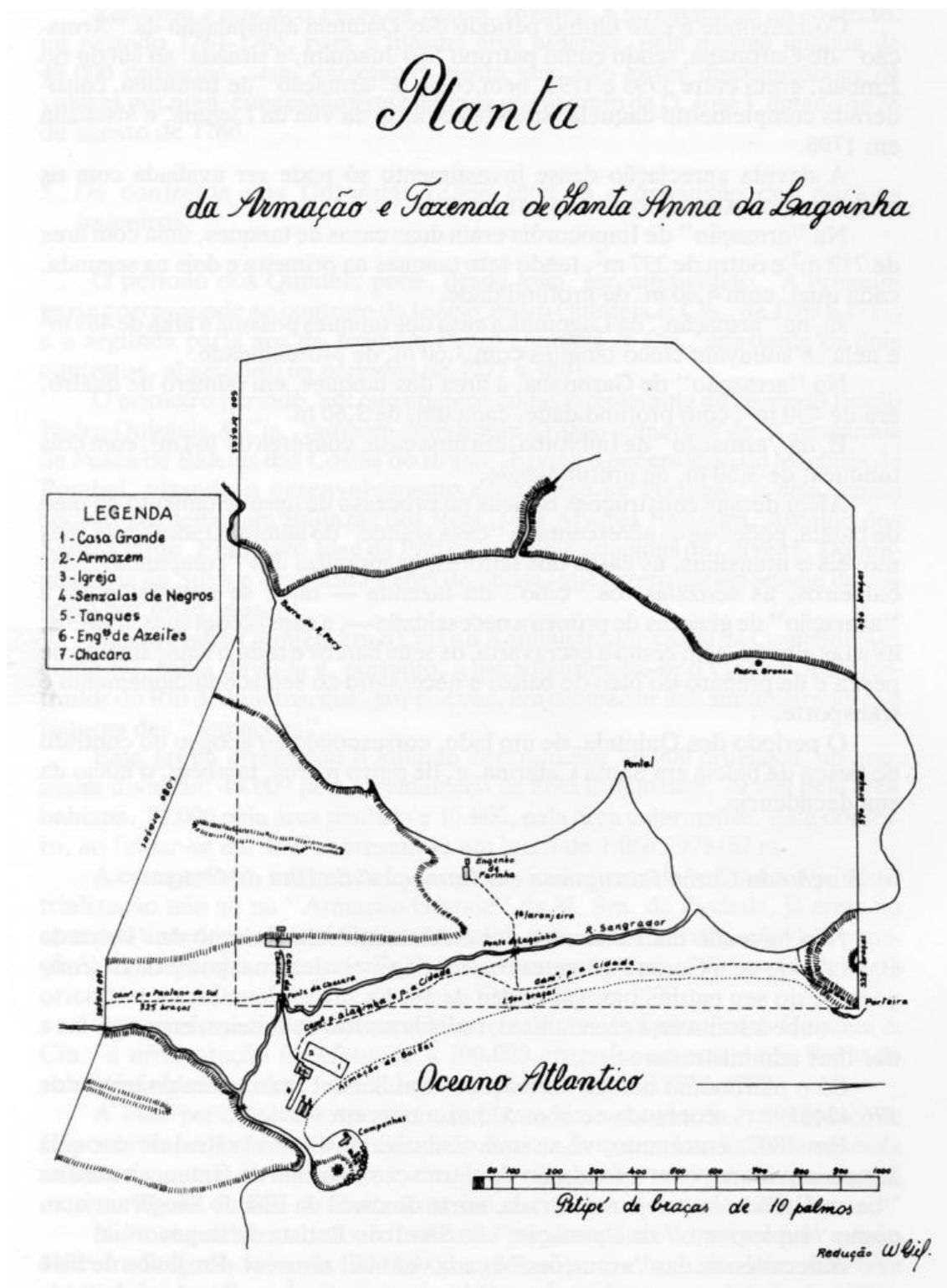
ZIMMERMANN, Fernanda. A Armação baleeira da lagoinha: uma grande unidade escravista. In: MAMIGONIAN, Beatriz; VIDAL, Joseane (Orgs.). **Coletânea História Diversa: Africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina.** No prelo.

DIAS, Camila Baptista. **A pesca da baleia no Brasil Colonial: contratos e contratadores no Rio de Janeiro no século XVII.** Dissertação de Mestrado. UFF, Departamento de História, 2010.

ELLIS, Myriam. **A baleia no Brasil Colonial.** São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1969.

ANDRADA E SILVA, José Bonifácio. **1763-1838 José Bonifácio de Andrada e Silva.** Org. Jorge Caldeira. São Paulo: Ed. 34, 2002.

ARMAÇÕES E ENGENHOS: trabalho livre e escravo na Desterro dos séculos XVIII e XIX



Planta da Armação e Fazenda de Sant'Anna da Lagoinha, s/d.Extraído de Módulos do Projeto Santa Afro: Armação Baleeira e Engenhos no Ribeirão da Ilha, 2011.

Vocês sabem o que está representado nesta planta?

Está é a **Armação Baleeira de Sant'Anna da Lagoinha** do final do século XVIII e início do século XIX representada numa Planta. Ela funcionava onde hoje é o bairro da Armação, embora tenha deixado de existir há mais de dois séculos.

Assim como nas demais regiões do território português, as baleias da Armação da Lagoinha eram consideradas bens da Coroa Portuguesa. Assim, para pescá-las e comercializá-las, era necessário fazer um contrato com a Real Administração. Isso era chamado **Monopólio Régio**, prática muito comum que Portugal exercia sobre diversos produtos: era feito um contrato entre a Coroa e o arrematador e concedido o monopólio sobre a pesca da baleia com valores e prazos fixados, sendo que ele deveria pagar uma quantia prévia estabelecida pela Real Administração. Quando o contrato acabava os bens da armação ficavam com a Coroa.

As armações baleeiras, seja em Desterro ou em outros locais do Brasil, não eram um local isolado em que se pescavam baleias, mas faziam parte de uma estrutura muito maior. A Armação da Lagoinha era composta por: casa grande, casa dos tanques, engenho de azeite, armazém, senzalas, capela, companhia dos baleeiros e engenho de farinha de mandioca.

Monopólio régio: estabelecido em Portugal pelo rei D. Manuel I (1469-1521) em 1505 este garantia a exclusividade de comércio da exploração das colônias a Companhias ou a particulares.

A Armação da Lagoinha, assim como demais armações baleeiras no Brasil, teve sua estrutura construída na praia ou próxima a ela. A Casa Grande, a senzala e o armazém ficavam à beira da praia, enquanto a companhia dos baleeiros e o trapiche – o local no qual entravam e saíam as embarcações, e para onde eram trazidas as baleias – ficavam em uma pequena ilha na ponta da armação, hoje interligada por molhe.

A **Casa Grande** (número 1 a Planta) tinha duas frentes, uma voltada para o mar e outra para o engenho e tanque. Esta dispunha de três salas, quatorze quartos, três corredores, varanda e cozinha. Era o local onde residia o **administrador da armação** e sua família, e alguns funcionários da Coroa Portuguesa.

A **casa dos tanques** ficava na Ilha do Campeche e era onde se depositava o azeite da baleia vindo do engenho. Esta possuía cinco reservatórios de 3,60m de profundidade.

O **engenho de azeite** era o principal setor da armação. Era composta de duas partes: o *açougue*, onde se cortava o toicinho das baleias, e a *formalha*, onde se derretia e fundia a gordura das baleias que depois seguia para a casa dos tanques.

Você sabia?

As baleias são hoje classificadas pela Biologia como mamíferos marinhos da ordem dos Cetáceos, contudo até o início do século XX elas eram consideradas como peixes. É por causa disso que quando estudamos sobre os séculos XVIII e XIX utilizamos o termo “pesca” e não “caça”.

O **armazém** ficava próximo ao engenho de azeite. Era onde ficavam armazenados barris para o óleo de baleia, as barbatanas já salgadas e equipamentos utilizados na pesca.

As **senzalas** serviam de moradia para os feitores, os baleeiros e os escravos, e também para habitação serviam as **companhas dos baleeiros**, onde estes junto com suas famílias moravam durante a época da pesca.

A **Capela de Sant'Anna da Lagoinha** foi a mais barata dentre as demais capelas erguidas nas armações em Santa Catarina, e possuía, ao lado, um cemitério fechado. A Armação foi organizada em torno dessa Capela. Atualmente, essa Capela é conhecida como Igrejinha da Armação e continua sendo usada para celebrações religiosas.

A **farinha de mandioca** era o alimento básico das armações baleeiras e por isso dos **engenhos de farinha** localizarem-se próximos a elas. Mais tarde voltaremos a falar sobre os engenhos e sua importância. Os demais gêneros de primeira necessidade como a **carne-seca**, o **charque**, o **sal** e o **fumo** poderiam ser obtidos por meio do comércio com outras partes da Ilha ou de canoas vindas do continente. Em geral, as barracas onde estes alimentos eram vendidos localizam-se onde hoje é o Mercado Público - que na época ainda não existia já que só teve a primeira parte construída em 1851.

O TRABALHO NAS ARMAÇÕES

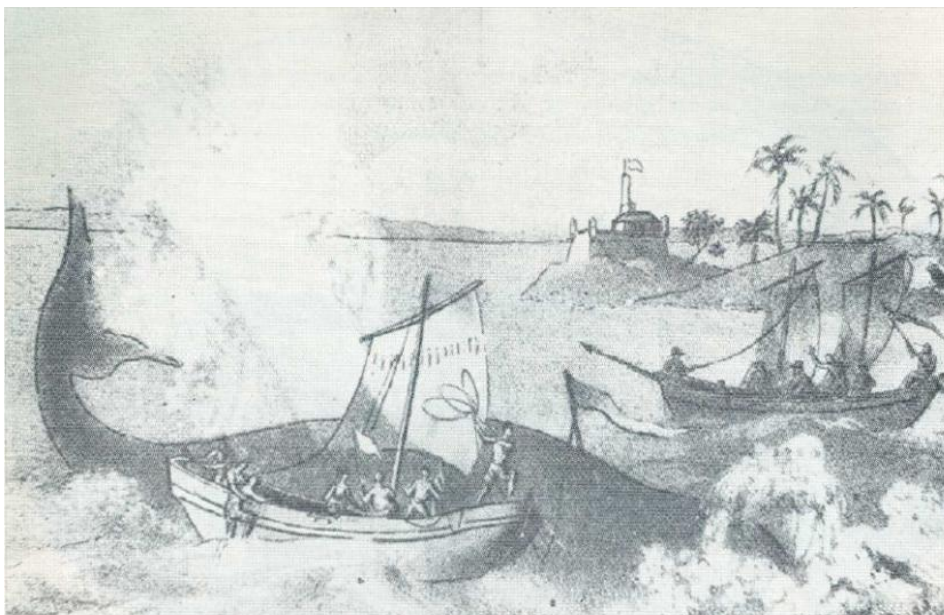
O escravo, vindo do Rio de Janeiro ou de embarcações engajadas no tráfico, era a mais valiosa mercadoria das armações baleeiras. A Armação da Lagoinha possuía, em 1816, 46 escravos, mais do que qualquer outro engenho em Desterro. Contudo, os escravos não trabalhavam sozinhos. Havia também os homens livres que eram em geral quem iam ao mar pescar as baleias, e aqueles também os que possuíam ofícios mais específicos como os feitores, carpinteiros, pedreiros, serradores e baleeiros.

COMO ERA O TRABALHO NAS ARMAÇÕES?

Nos meses de maio e setembro, quando o sol mal saía, os escravos já tinham que sair das suas senzalas para trabalhar. Segundo relatos da época, a pesca da baleia era mais fácil quando havia mal tempo e vento sul, já que aí as baleias procuravam mais a costa em busca de abrigo para dar filhotes e amamentar os baleotes (filhos das baleias).

Abençoadas pelo padre e depois empurradas para o mar, as baleeiras (barcos utilizados na pesca da baleia) deslizavam pela rampa do cais da Armação e flutuavam na água em busca das baleias. Eram entre quatro e seis lanchas de arpoar, acompanhadas de lanchas de socorro movidas pela força dos braços dos escravos nos remos ou por velas.

Distanciando-se da costa e avistando a baleia começava a perseguição ao animal. As baleias costumam andar em grupos, em geral a mãe, o pai e o filhote. Desta forma o baleote (filhote) era arpoado pela cauda e mantido vivo junto à proa para servir de isca para a baleia-mãe. Isso era muito arriscado, pois normalmente a baleia-mãe e baleia-pai jogavam-se contra as embarcações, destruindo-as. Assim que possível o arpoador da baleeira mais próxima lançava o arpão contra a baleia-mãe ou pai e as demais baleeiras a cercavam e jogavam cordas para tentar prendê-la. Muitas vezes as baleias arrastavam as baleeiras por um longo trecho, mas caso a baleia fosse vencida as lanchas baleeiras começavam a rebocá-la para a terra.



Aspecto da pesca da baleia no Recôncavo Baiano. Reprodução de um desenho de Hippolyte Taunay, Paris, 1822.

Após a pesca, os escravos tinham que retalhar toda a baleia e depois colocar grandes pedaços em caldeiras para extrair óleo onde era usado especialmente na iluminação pública.

As outras partes da baleia como as barbatanas eram exportadas para a Europa, e seu cérebro era utilizado na produção de velas.

ARMAÇÕES E ESCRAVIDÃO

Como vimos anteriormente o trabalho nas armações baleeiras não era fácil. Em geral, eram homens livres quem exerciam os ofícios de arpoador (quem atirava a lança na baleia) e timoeiro (quem controlava o leme), enquanto os escravos ficavam mais em terra, com exceção dos remadores. Pescada a baleia, eram eles que removiam o animal do mar para a terra.

Eram os escravos quem cortavam lenha para abastecer as fornalhas, cortavam o toicinho da baleia, trabalhavam nas fornalhas para derreter a gordura e exerciam diversas outras funções relacionadas com o beneficiamento da baleia. Aqueles que possuíam conhecimento de algum ofício podiam exercê-lo, livrando-se do ardo trabalho das fornalhas e caldeiras.

Ainda nas armações, podia ser também que alguns escravos exercessem ofício carpinteiro, pedreiro, barbeiro, alfaiate e outras tarefas domésticas, contudo isso não era comum.

O DECLÍNIO E FIM DAS ARMAÇÕES BALEEIRAS NO BRASIL

Com o fim do último contrato e o Alvará de 24 de Abril de 1801, a Coroa Portuguesa deixou livre a pesca da baleia aos arrendatários interessados e permitiu a venda das armações. A Armação da Lagoinha ficou muitos anos sendo administrada pela Fazenda Real.

No ano de 1816, havia 46 escravos na Armação da Lagoinha, e ela foi avaliada em 16:067\$460 réis (dezesseis contos e sessenta e sete mil e quatrocentos e sessenta réis). Já em 1831, quando foi arrematada por Veríssimo Mendes Vianna e sócios, foi avaliada em 875\$665 réis (oitocentos e setenta e cinco mil e seiscentos e sessenta e cinco réis), ou seja, metade do que valia em 1816.

JOSÉ BONIFÁCIO E A PESCA DAS BALEIAS

Esse foi o primeiro escrito famoso de **José Bonifácio de Andrada e Silva**, o futuro “patrono da Independência”, feito em 1789: “[...] matando-se os baleotes de mama, vem 1º) a diminuir-se a geração futura ... já que as baleias parem um filhote apenas de dois em dois anos; 2º) que proveito pode tirar-se de um baleote pequeno ... em comparação de uma baleia, que se há chegado ao seu estado completo de crescimento?; 3º) os de dois anos, depois de desmamados, ficam magríssimos e apenas dão metade do azeite dos primeiros [que estão mamando]; 4º) as baleias mortas no tempo em que criam os filhos pouco fundem, pela extrema magreza em que se acham; e causa isso o irreparável prejuízo de ir-se anualmente diminuindo o número das fêmeas, crescendo o dos machos, que assim de nada servem. [...] Não devo aqui também esquecer que os pretos do contrato, e demais remeiros, podiam em parte sustentar-se com carne das baleias novas, principalmente daquela que vai da vulva até a cauda; e das línguas bem salgadas e espremidas.”

Extraído de ANDRADA E SILVA, José Bonifácio. *1763-1838 José Bonifácio de Andrada e Silva*. Org. por Jorge Caldeira. São Paulo: Ed. 34, 2002, p. 51-56

QUEM FOI JOSÉ BONIFÁCIO?

José Bonifácio de Andrada e Silva nasceu em Santos em 1763. Foi um naturalista, estadista e poeta brasileiro. Teve um papel de destaque na Independência do Brasil, embora não tenha aceito a forma como D. Pedro I estava construindo a Constituição. Foi banido e viveu na França por seis anos. Reconciliado com o Imperador, voltou ao Brasil em 1829 e permaneceu como tutor do Imperador D. Pedro II até 1833. Esse documento apresentado foi o seu primeiro escrito famoso, quando ele ainda estava estudando na Universidade de Coimbra, Portugal.

ANDRADA E SILVA, José Bonifácio. *1763-1838 José Bonifácio de Andrada e Silva*. Org. por Jorge Caldeira. São Paulo: Ed. 34, 2002.

Após ler o documento e a biografia acima, **responda**:

1. Este documento:
 - () Critica o uso de escravos nas armações.
 - () Elogia a forma como os biscainhos praticavam a pesca da baleia.
 - () Critica a maneira como pescam-se as baleias.
 - () É à favor da pesca dos baleotes (filhotes).
2. Apresente argumentos do texto para justificar a sua resposta.

Assim as armações em todo Brasil entraram em decadência, mas sabe-se que até 1857 foram realizadas tentativas, sem muito resultado, de realizar a pesca da baleia na costa catarinense. No final do século XIX, deixava de funcionar a Armação da Lagoinha. No século XX, a pesca da baleia voltou a ser realizada em Santa Catarina, mas de forma precária e rudimentar e dessa vez para a exploração do óleo destinado ao tratamento de couros e preparo de sabão.



Baleia capturada em Imbituba/SC em 1950.Extraído de Módulos do Projeto Santa Afro: "Armação Baleeira e Engenhos no Ribeirão da Ilha", 2011.

ATIVIDADE 5

A tabela abaixo é da Armação da Lagoinha em 1816, quando esta estava sendo administrada pela Coroa Portuguesa, mas estava sendo vendida para um particular, e em pleno declínio da pesca da baleia no Brasil:

NOME	ORIGEM	OFÍCIO	CONDIÇÃO/SAÚDE	IDADE	VALOR
Antônio	Congo	Falquejador	-	35	115\$200
Antônio Jacinto	Mina	Cortador de açougue	Maníaco	64	51\$600
Domingos	Crioulo	Mestre de Azeite	Doente	60	12\$000
Domingos	Moçambique	Remeiro	-	61	50\$000
Francisco	Benguela	Falquejador	Um braço quebrado	46	32\$000
Felippe	Mina	Gancheiro	-	80	8\$000
Joaquim	Magume	Cortador de cima da baleia	Doente	66	19\$000
João	Rebolo	Chacoteiro	-	66	38\$400
Joaquim	Cabinda	Remeiro	-	68	16\$000
Jorge	Mina	Chacoteiro	-	70	16\$000
João	Cabinda	Remeiro e Aprendiz de Carpinteiro	-	46	96\$000
Joaquim	Molumbo	Pedreiro	Doente	62	40\$000
Jeronimo	Mina	Chacoteiro	-	68	12\$800
José	Mina	Remeiro	-	72	10\$000
Pedro	Mogumbe	Remeiro	-	66	64\$000
José	-	Mestre de Azeite	-	64	16\$000
Xavier	Benguela	Remeiro	-	46	76\$800
Antônio José	-	Mestre de Azeite	-	59	
André	-	-	Torto e decrépito	71	
Gonçalo	Mina	-	Decrépito	78	
José	Quisamia	-	-	80	
José Chico	-	-	-	80	
Joaquim	-	Canoa	Doente	68	
Matheus	-	Contra Mestre	Doente	79	

Arquivo Nacional (RJ). Junta do Comércio, Real Administração da Pesca das Baleias. Caixa 360. Inventário da Armação da Lagoinha, 1816.

“Os trabalhos rudimentares e rotineiros do retalhamento da baleia, da remoção de postas de carne e de toicinho, do tratamento das barbatanas, do desmatamento e transporte de lenha, do manejo e limpeza de caldeiras e apetrechos necessários ao funcionamento da fábrica, do derretimento da banha e canalização do óleo para o reservatório e posterior condicionamento em pipas, demonstram que os escravos africanos nas armações passavam por um cativoiro tão sacrificante quanto o das minas e dos engenhos de açúcar.”

Dias, Camila Baptista. *A pesca da baleia no Brasil Colonial*. Dissertação. Pós-graduação em História, UFF, 2010.

Glossário

Falquejador, chacoteiro e gancheiro eram ofícios relacionados ao corte da baleia.

Beneficiamento: procedimentos efetuados em matérias-primas antes de seu processamento ou industrialização.

De acordo com a tabela e o texto acima, responda:

1. Qual a principal região africana de origem dos escravos?
2. Ao observar a idade dos escravos, podemos concluir: a maioria dos escravos eram novos ou velhos?
3. Em relação aos ofícios dos escravos, predominam ofícios relacionados à pesca da baleia no mar ou os ofícios relacionados ao corte e separação das partes da baleia na terra? Qual o ofício que mais aparece?
4. Por que você acha que havia tantos escravos com doenças e problemas físicos?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Bernardi Junqueira
Professora da turma: Daniela Sbravati

PLANOS DE AULA 12

AULA 12- duração de 45 minutos

Tema: As diferentes formas de trabalho livre e escravo e o funcionamento dos Engenhos do Ribeirão da Ilha no final do século XVIII e primeira metade do século XIX.

Conteúdos:

- Diferentes formas de trabalho livre e escravo no Ribeirão da Ilha.
- Funcionamento dos Engenhos, especialmente os de farinha de mandioca.
- Importância da farinha de mandioca para o comércio e abastecimento do mercado local e interprovincial.
- Relação entre os engenhos e a Armação da Lagoinha.

Objetivos:

- Reconhecer a pluralidade do trabalho livre e escravo em Desterro do final do século XVIII até a primeira metade do século XIX.
- Problematizar a invisibilidade dos negros na construção de uma identidade para Desterro.
- Compreender a dinâmica do mercado interno colonial e a importância de Desterro no abastecimento de grandes centros escravistas.
- Compreender a forma como funcionavam os Engenhos de Farinha e sua relação com a Armação da Lagoinha.

Metodologia e estratégias didáticas:

- Leitura de texto didático sobre os engenhos.
- Leitura do texto com os alunos em voz alta.
 - Uso do quadro para anotar palavras chaves.
 - Fazer questões para os alunos.
 - * Vocês já conheceram algum engenho?
 - * Sabem de algum lugar onde existiu algum?
 - Os mapas e imagens, se possível, serão projetos em slides.

- O texto seguirá em ordem, mas a atividade de circular os engenhos no mapa sobre a Distribuição dos Engenhos será feita no final. Aqui, caso haja tempo, os alunos poderão voltar no texto didático sobre a Armação da Lagoinha e verem a Planta novamente.

Material e recursos didáticos:

- Quadro e giz.
- Texto didático.
- Mapas e plantas.

Bibliografia:

Módulos do Projeto Santa Afro Catarina: Armação Baleeira e Engenhos no Ribeirão da Ilha, 2011.

DIAS, Camila Baptista. A pesca da baleia no Brasil Colonial: contratos e contratadores no Rio de Janeiro no século XVII. Dissertação de Mestrado. UFF, Departamento de História, 2010.

ZIMMERMANN, Fernanda. A Armação baleeira da lagoinha: uma grande unidade escravista. In: MAMIGONIAN, Beatriz; VIDAL, Joseane (Orgs.). **Coletânea História Diversa: Africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. No prelo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Bernardi Junqueira
Professora da turma: Daniela Sbravati

ARMAÇÕES E ENGENHOS: trabalho escravo e livre na Desterro dos séculos XVIII e XIX

OS ENGENHOS

Do final do século XVIII até o início do século XX, a Vila de Desterro era formada por Desterro (centro) e pelas seguintes freguesias: Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão, Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, Nossa Senhora das Necessidades de S. Antônio, São João Batista do Rio Vermelho, São Francisco de Paula de Canasvieiras e Santíssima Trindade de Trás do Morro.

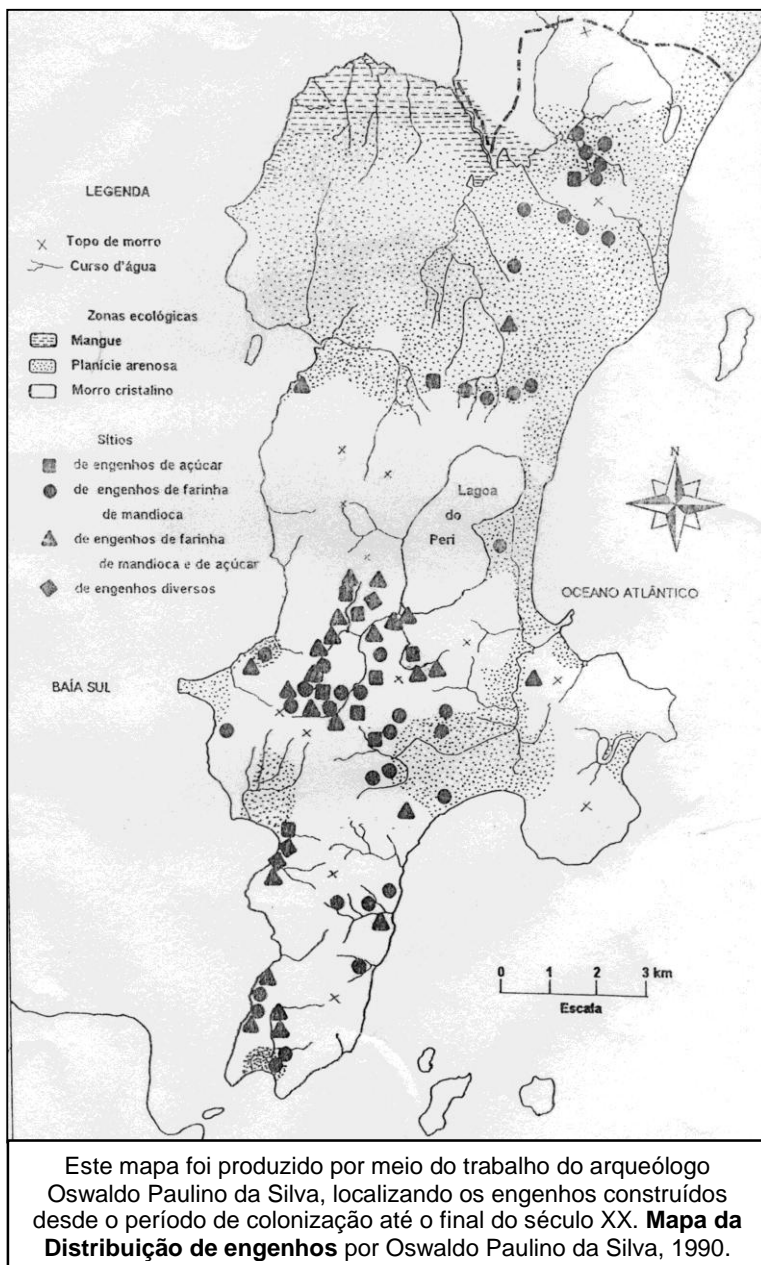
A freguesia de Nossa Senhora do Ribeirão, localizada na parte sul da Ilha de Santa Catarina era uma das mais populosas e se destacava na produção de farinha de mandioca, açúcar, aguardente e melado, além de também produzir milho, café, feijão, melancia e diversos tipos de frutas e hortifrútis. Era também a região onde estava a Armação da Lagoinha, de que falamos anteriormente.

Para a produção especialmente da farinha de mandioca, açúcar, melado e aguardente era necessário que as matérias-primas fossem processadas em um **engenho**. O engenho era constituído basicamente por dois setores: o **agrícola**, formado neste caso pelas plantações de mandioca ou cana-de-açúcar, e o de **processamento**, constituído pela casa-do-engenho. No mapa abaixo, sobre a localização dos engenhos no Ribeirão, conseguimos notar que alguns foram construídos próximos à Armação da Lagoinha, pois ajudavam no seu abastecimento.

No mapa abaixo, circule os engenhos próximos à região onde era localizada a Armação da Lagoinha e, com outra cor, o engenho que aparece também na Planta da Armação da Lagoinha, presente no texto das aulas anteriores.

Você sabia?

Os bairros que atualmente compõe a antiga Freguesia Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão são: Caieira, Caia-Canga, Costeira e Costeira da Freguesia, Fazenda, Freguesia, Morro das Pedras, Armação da Lagoinha, Ribeirão e Pântano do Sul.



TRABALHO NOS ENGENHOS

Os engenhos eram estruturas de alto valor de instalação. Dessa forma, a maioria das famílias proprietárias também eram donas de escravos os quais participavam desde o cultivo até o processamento da matéria-prima.

Desterro não possuía grandes engenhos. Com isso, além dos escravos, a família proprietária também participava do trabalho, sendo que algumas vezes até podiam contratar outras pessoas, livres ou escravas, para ajudar. Contudo, eram os escravos quem ficavam com o trabalho mais pesado. Por não serem de grande porte, muitos engenhos também serviam como moradia temporária e definitiva da família do proprietário e de seus escravos.

Nem sempre quem era dono do engenho era também quem fazia o cultivo da matéria-prima, ou vice-versa: era comum os camponeses pobres processarem seus produtos em engenhos de outras pessoas e darem como pagamento parte da sua produção ao proprietário do engenho.

Os engenhos costumavam funcionar o ano todo, pois mesmo após o cultivo e o processamento eles continuavam servindo de depósito dos produtos, seja para consumo local seja para exportação.

Freguesia do Ribeirão

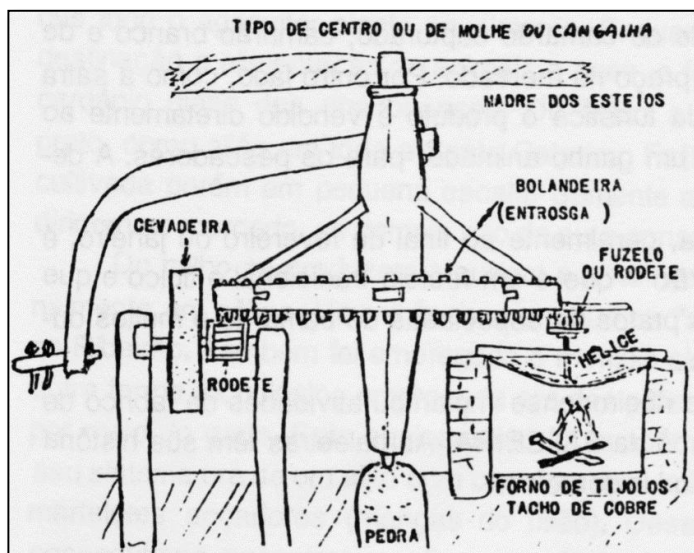
A antiga freguesia do Ribeirão possuía, em 1797:

- 51 engenhos de mandioca;
- 29 engenhos de aguardente;
- 11 fábricas de açúcar
- 9 engenhos de produtos diversos

COMO FUNCIONAVAM OS ENGENHOS DE FARINHA

O aparelho do engenho de mandioca era composto por um **grosso pião**; uma **roda denteada** a qual era engrenada horizontalmente no eixo, também denteado, da **roda sovadeira**; uma **mesa para a sovadeira**; um **forno** e um **cocho de escorredura**. Além desse aparelho, onde era ralada e torrada a mandioca, existia outro aparelho chamado de **prensa**, responsável por prensar e secar a mandioca antes de ir para o **forno**. Ainda constam dos instrumentos do engenho: **balaio** e **vasilhas** onde eram depositadas as mandiocas, **facas** e os **tipitis** (cesto feito de tiras de bambu), onde era colocada a mandioca ralada para ser prensada.

Vocês conhecem um engenho de farinha? O que vocês sabem sobre o seu funcionamento?



Desenho de Engenho de Cangalho. Extraído de Módulos do Projeto Santa Afro:Armação Baleeira e Engenhos no Ribeirão da Ilha, 2011.

É BOM SABER...

Farinha de mandioca

A farinha de mandioca foi um dos principais alimentos na mesa tanto dos ricos como na dos pobres e dos escravos durante no Brasil colonial e imperial. Junto com a carne seca constituía a dieta básica dos escravos e por isso era consumida em grande quantidade em todo país.

Em Santa Catarina a produção de farinha de mandioca deixou de suprir apenas a alimentação dos habitantes locais e se constituiu na principal atividade econômica do litoral entre o final do século XVIII e o final do XIX. Por meio dessa atividade, a economia catarinense se articulava com a do sudeste, em especial a da praça comercial do Rio de Janeiro. Através do Rio de Janeiro, a produção de farinha seguia para a Bahia, local que a demanda do produto era tal que em épocas de alta de preço do produto no mercado exterior, aumentava a demanda da produção das outras províncias para suprir as necessidades do mercado interno. Santa Catarina ajudou a preencher a falta deste produto durante períodos de seca no norte e nordeste do país.

Desde a chegada da Família Real para o Brasil, em 1808, a farinha de mandioca havia se tornado o principal produto de comércio de Desterro com as outras províncias. Em Desterro, além do consumo local a farinha era o principal alimento utilizado para a manutenção das **Armações Baleeiras** e das **Fortalezas**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Junqueira
Professora da turma: Daniela Sbravati

PLANOS DE AULA 13 e 14

AULAS 13 e 14 – duração de 45 minutos cada

Tema: Aprendendo a fazer pesquisas na Internet.

Conteúdos:

- Aprender a fazer pesquisas na Internet.
- As notícias relacionadas às causas da Ressaca na praia da Armação em 2010.
- A historicidade nas diferentes notícias sobre a ressaca.

Objetivos:

- Compreender que um mesmo processo histórico pode ter diversas opiniões diferentes sobre ele.
- Reconhecer a não-neutralidade da mídia.
- Aprender a pesquisar na Internet.
- Conhecer aspectos da história do bairro da Armação e suas redondezas por meio de notícias da Internet.
- Elaborar um diário de pesquisa.

Metodologia e estratégias didáticas:

- Pesquisa na Internet

- Na sala de aula será explicado e escrito no quadro o que os alunos terão que pesquisar na Internet e que todo o processo da pesquisa estará sendo avaliado. Também será dada uma ficha de identificação das notícias para cada aluno.
- A pesquisa será dividida em duas partes: coleta (30 minutos) e leitura e transcrição das partes mais importantes (40 minutos).

- COLETA

- Reforçando que as pesquisas que os alunos farão na Sala de Informática fazem parte do projeto de pesquisa sobre a ressaca no bairro da Armação, eles terão que procurar notícias em jornais *online* apresentados pelo professor na sala da Informática.

*<http://www.guiademidia.com.br/jornaisdesantacatarina.htm> -> Os jornais escolhidos de Santa Catarina foram: *Diário Catarinense* e *Jornal do Campeche* (os únicos com conteúdo disponível online). Também foi escolhido o *Folha de São Paulo* (<http://www.folha.uol.com.br/>). Além disso, os alunos também poderão pesquisar no Google (www.google.com.br).

- As notícias preferencialmente deverão ser de sites diferentes ou, no mínimo, de autores diferentes. Aqui os alunos devem tentar coletar o maior número de notícias possíveis, no mínimo 4 e no máximo 8 por equipe.

- Será necessário que eles copiem as notícias na íntegra em uma pasta no computador e coloquem as referências de onde as tiraram. Os títulos dos arquivos deverão ser os títulos das próprias notícias.

- Os alunos serão levados para a Sala de Informática e organizados nos computadores de modo que as equipes consigam se comunicar mais facilmente – um ao lado do outro.

- Serão distribuídos alguns sites de jornais online que os alunos deverão escolher para pesquisar. De preferência cada equipe deverá escolher jornais diferentes e anotar na ficha de identificação quais foram escolhidos.

- Os professores continuarão dando assistência às equipes e observando se todas estão fazendo as pesquisas corretamente.

- **Leitura e transcrição**

- Após a coleta das notícias cada aluno de cada equipe terá 20 minutos para leitura e 10 minutos para transcrição, escolhendo uma notícia dentre todas as coletadas e preenchendo a **Ficha de Identificação das Notícias** que estará no Caderno de Pesquisa. Dependendo do tamanho da notícia eles deverão escrevê-las na íntegra ou com orientação dos professores deverão escolher as partes mais importantes – que tratem melhor sobre o tema da pesquisa. As transcrições deverão ser feitas em uma folha separada e depois fixadas junto à tabela.

- As notícias deverão ser coladas junto com a tabela no Caderno de Pesquisa.

- Os alunos voltam para a sala de aula e a aula termina.

Material e recursos didáticos:

- Quadro e giz;
- Ficha de identificação das notícias;
- Diário de pesquisa;
- Computadores e Internet;
- Lápis, borracha e caneta.

Bibliografia:

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos et al. **Caixa de História: Magé: Guia do Professor**. Rio de Janeiro: Imprinta Express, 2007.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. O ensino de história fora da sala de aula. In **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2010, p. 149-160.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tania Braga. A formação da consciência história de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. **Cadernos Cedes**, vol. 25, n. 67, set./dez. 2005, p. 297-308.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tania Braga. O trabalho histórico na sala de aula. **História & Ensino**, v. 9, out. 2003, p. 223-240.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Bernardi Junqueira
Professora da turma: Daniela Sbravati

ROTEIRO DA PESQUISA PARA OS ALUNOS

TEMA: A Ressaca de 2010 na praia da Armação.

NÚMERO DE EQUIPES: equipes de até 4 alunos.

Já estudamos que a Ressaca ocorrida na praia da Armação em 2010 pode ser considerada um desastre socioambiental. Vamos pesquisar diferentes pontos de vista relacionados a suas causas. Então, através de entrevistas com algumas pessoas que vivenciaram o desastre, notícias de jornais e imagens, vamos criar um painel comparando as informações pesquisadas.

Para isso, vocês já estão utilizando o Caderno de Pesquisa, onde vocês preencherão a “Ficha de Identificação das Notícias” e anotarão as notícias coletadas na Internet, além das entrevistas realizadas.

PESQUISA NA INTERNET (aula 13 e 14) nos sites de jornais *online* apresentados na Sala de Informática, vocês deverão pesquisar notícias que tratem da ressaca na praia da Armação em 2010. Essa pesquisa deverá ser realizada por cada membro da equipe, individualmente, e as notícias não podem se repetir.

COLETA: cada um de vocês deverá coletar no mínimo duas notícias diferentes sobre a ressaca e copiá-las no computador. O título do arquivo deverá ser o título da notícia. Para isso vocês terão **30 minutos**.

LEITURA: após a coleta das notícias, vocês terão no máximo **20 minutos** para lê-las.

ESCOLHA DE UMA NOTÍCIA: após ler as notícias vocês devem escolher uma e preencher a “Ficha de Identificação das Notícias” que estará no Caderno de Pesquisa. Cada membro da equipe deve preencher a mesma Ficha.

TRANSCRIÇÃO: as notícias deverão ser transcritas na íntegra no seu caderno comum e depois coladas no Caderno de Pesquisa. Para isso vocês terão **10 minutos**.

TEXTO COMPARATIVO: após a coleta a organização de todas as notícias por cada aluno, a equipe deverá escrever um pequeno texto comparando as diferentes versões das notícias sobre a ressaca. Para isso todos os membros da equipe deverão ler todas as notícias coletadas e comparar qual a versão que cada uma fornece para a ressaca. Isso será feito em outra aula.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Junqueira
Professora da turma: Daniela Sbravati

PESQUISA NA INTERNET

A ressaca na Praia da Armação em 2010 na mídia

Ficha de Identificação das Notícias

	Notícia 1	Notícia 2	Notícia 3	Notícia 4
Nome do jornal				
Título				
Autor				
Site				
Data da pesquisa				
Quem pesquisou (nome do aluno)				

Após a leitura da notícia do jornal responda as questões abaixo de acordo com o que você leu:

Nome do jornal	
Título da notícia	
Autor	
Data da publicação da notícia	
Data em que a notícia foi acessada	
Quem foram os entrevistados na reportagem? Qual sua ocupação?	
Qual o depoimento de cada uma dessas pessoas sobre a ressaca?	
Quais as causas da ressaca apresentadas na notícia?	
Há informações sobre as ações da prefeitura? Caso a resposta seja afirmativa, apontem quais são essas ações.	
De acordo com a notícia, quais as consequências da ressaca?	

Descreva as fotografias.	
Na opinião de vocês, quais as funções das fotografias na notícia sobre a ressaca?	

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
Estagiários: Ana Carolina Schweitzer; Luis Fernando Junqueira
Professora da turma: Daniela Sbravati

PLANOS DE AULA 15

AULA 15

Tema: Texto comparativo das entrevistas e das notícias sobre a ressaca da Praia da Armação.

Conteúdos:

- Texto comparativo das entrevistas.

- Texto comparativo das notícias.

Objetivos:

- Reconhecer as diferentes versões sobre um mesmo processo histórico.

- Estimular a análise e a crítica aos meios midiáticos.

Metodologia e estratégias didáticas:

- Fazer dois textos comparativos separados: um com as notícias e outro com as entrevistas.
 - Cada membro da equipe deverá ler todas as notícias e todas as entrevistas coletadas e organizadas.
 - Deverão destacar as partes que mostram quais as causas da ressaca.
 - Após discussão entre os membros da equipe, eles deverão escrever um texto comparando as versões das entrevistas e outro texto comparando as versões das notícias.
 - No texto das entrevistas deverão constar todos os dados registrados na ficha de identificação, com exceção do nome que poderá ser substituído por outro.
 - No texto das notícias deverão constar os dados da notícia junto com a análise.
 - Caso os textos não fiquem prontos em sala deverão ser finalizados em casa, já que na próxima aula será a construção do painel.

Material e recursos didáticos:

- Quadro e giz.
- Caderno de Pesquisa.

- Folhas a lápis de escrever.

Bibliografia:

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. O ensino de história fora da sala de aula. In **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2010, p. 149-160.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tania Braga. A formação da consciência história de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. **Cadernos Cedes**, vol. 25, n. 67, set./dez. 2005, p. 297-308.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tania Braga. O trabalho histórico na sala de aula. **História & Ensino**, v. 9, out. 2003, p. 223-240.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
Estagiários: Ana Carola Schweitzer; Luis Fernando Junqueira
Professora da turma: Daniela Sbravati

PLANOS DE AULA 16 e 17

AULAS 16 e 17

Tema: Construção do painel sobre as diferentes versões em relação a Ressaca na Praia da Armação em 2010.

Conteúdos:

- Construção do painel.

Objetivos:

- Relacionar as notícias coletadas na Internet e as entrevistas.
- Reconhecer as diferentes versões sobre o que levou à Ressaca na Praia da Armação.
- Compreender a relação dos moradores do bairro da Armação com a praia da Armação.

Metodologia e estratégias didáticas:

- Construção do painel
 - Os alunos se organizarão nas equipes e apresentarão para o professor todo o conjunto de entrevistas e notícias que coletaram, incluindo o texto comparativo das entrevistas.
 - No quadro será escrito que o painel deverá consistir de trechos dos entrevistados, trechos das notícias e imagens – coletadas com os familiares, com os entrevistados ou mesmo desenhos feitos por eles próprios.
 - Será escrito também o que todos deverão fazer antes de montarem o painel:
 1. Destacar trechos das entrevistas em que os entrevistados explicitem quais foram as causas da ressaca. Se não for possível colocar o nome do entrevistado na referência abaixo, eles deverão escolher um nome fictício e registrar a idade, o que faz, onde nasceu, há quanto tempo mora no bairro da Armação e a categoria em que se encaixa (morador, pescador..)
 2. Destacar trechos das notícias que mostrem quais as causas da Ressaca. Aqui deverá constar abaixo do trecho o nome do jornal, título da notícia, autor, site e a data da pesquisa.Tanto o item 1 quanto o 2 serão exemplificados no quadro.

3. Uma síntese ou resumo em que os alunos possam expressar sua opinião sobre o conteúdo das entrevistas e as notícias.
4. Se os alunos conseguiram imagens ou fotografias elas também poderão constar no painel. Caso eles queiram também poderão ilustrar um desenho, mas isso só será feito após eles terem acabado o restante do painel. Eles também poderão escrever algo sobre o que estão representando na imagem.
5. O texto comparativo das entrevistas caso seja muito longo poderá ser resumido e também deverá constar no painel.

- Todas essas etapas poderão ser escritas no quadro resumidamente antes da aula e durante a explicação.

- Será enfatizado que eles deverão começar o trabalho em sala e organizar no mínimo os itens 1, 2 e 5. O item 4 poderá ser finalizado em casa (mas isso não será dito antes), e o 3 deverá ser concluído na mesma aula.

Material e recursos didáticos:

- Quadro e giz.
- Caderno de Pesquisa.
- Papel pardo.
- Folhas A4.
- Lápis de cor.
- Canetinhas e canetões.

Bibliografia:

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. O ensino de história fora da sala de aula. In *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2010, p. 149-160.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tania Braga. A formação da consciência história de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. *Cadernos Cedes*, vol. 25, n. 67, set./dez. 2005, p. 297-308.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tania Braga. O trabalho histórico na sala de aula. *História & Ensino*, v. 9, out. 2003, p. 223-240.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos
Estagiários: Ana Carola Schweitzer; Luis Fernando Junqueira
Professora da turma: Daniela Sbravati

PLANOS DE AULA 18

AULA 18

Tema: Apresentação dos painéis sobre as diferentes opiniões acerca da Ressaca da Praia da Armação em 2010.

Conteúdos:

- Apresentação e discussão dos painéis.

Objetivos:

- Reconhecer a pluralidade nas opiniões acerca da ressaca na Praia da Armação.
- Compreender a diversidade de entrevistas, notícias, imagens, fotografias, desenhos e opiniões dos alunos em relação à Ressaca.
- Perceber a relação dos moradores do bairro da Armação com a praia e o espaço em que estão inseridos.

Metodologia e estratégias didáticas:

- Apresentação dos painéis.
- Cada equipe irá ler o que escreveu no painel para as outras equipes.
- Caso haja imagens, fotografias e/ou desenhos eles deverão explicar o que está representado ali.
- Cada aluno da equipe deverá dar suas impressões sobre o projeto da pesquisa, se gostou ou não gostou, se foi fácil ou difícil etc.